

— TÍTULO NO BRASIL —

O código dos Homens

— AUTOR —

Jack Donovan

— TRADUTOR —

Luiz Otávio Talu

— ANO DE LANÇAMENTO —

2015

— DIREITOS DE LÍNGUA PORTUGUESA —

Editora Simonsen

— TÍTULO ORIGINAL —

The way of men

— © DIREITOS AUTORAIS E DE CÓPIA —

Jack Donovan

— LOCAL E PAÍS DE ORIGEM —

Milwaukie, Estados Unidos

— ANO DE PUBLICAÇÃO —

2012

— IDIOMA ORIGINAL —

Inglês

Sumário

PREFÁCIO.....	3
O CÓDIGO DOS HOMENS É O CÓDIGO DA GANGUE	4
O PERÍMETRO	6
Caça e combate.....	6
O grupo sub-grupo	8
Delimitando o perímetro	10
Um papel à parte	12
AS VIRTUDES TÁTICAS.....	14
Força, coragem, destreza e honra.....	15
FORÇA.....	19
CORAGEM	23
DESTREZA.....	31
HONRA	35
Compreendendo a desonra	39
Desonra ostentosa	41
O QUE SIGNIFICA SER UM BOM HOMEM.....	45
VIDA BANDIDA: A HISTÓRIA DE ROMA	56
UM EMPECILHO À CIVILIZAÇÃO	61
Masculinidade simulada.....	63
Masculinidade vicária.....	64
Masculinidade intelectualizada.....	64
A SOCIEDADE MASTURBATÓRIA DOS BONOBOBOS	71
A organização dos chimpanzés	72
A organização dos bonobos	74
Um conflito de interesses	74
O QUE A VIDA TEM DE MELHOR?	85
DEEM INÍCIO AO MUNDO	91
COMO DAR INÍCIO A UMA GANGUE	100
Escolham seu <i>nós</i>	102
Criem uma fraternidade.....	102
AGRADECIMENTOS	104

Prefácio

É desprovido de ego que apresento este livro a vocês.

Não se trata de uma propaganda de minha própria masculinidade, nem de uma oportunidade de encher a bola dos membros de minha própria tribo.

Este livro é uma resposta à pergunta: “O que é masculinidade?”

Se ser homem é adotar certo comportamento e se há um comportamento a se adotar para ser um homem, qual é o código que o rege? “Qual é o Código dos Homens?”

Há décadas que as pessoas têm falado de uma “crise” da masculinidade. Nossos líderes criaram um mundo apesar dos homens, um mundo que se recusa a aceitá-los como eles são e que não está nem aí para o que querem. Nosso mundo pede aos homens que mudem “para melhor”, mas o que oferece em troca é menos valioso para eles que o que tinham seus pais e avôs. Os porta-vozes do mundo futuro exortam os homens a abandonarem os antigos hábitos e tomarem um novo rumo. Mas que rumo é esse e aonde ele conduz?

Quando enfim entendi o Código dos Homens, maior foi meu interesse em saber onde os homens estão hoje e para onde vão. Tinha curiosidade sobre se haveria um jeito deles seguirem seu próprio rumo em direção a um futuro que lhes pertence.

Eis a linha deste livro. Minhas respostas podem não ser do tipo que se deseja ouvir, mas são as únicas que satisfizeram minha investigação.

Que vocês encontrem a verdade adiante.

O código dos homens é o código da gangue

Quando se diz a um homem que seja homem, isso significa que há um modo de ser homem. Homem não é só uma coisa em que a gente se torna; é também um modo de ser, um percurso a seguir, um modo de agir. Alguns tentam atribuir ao conceito de masculinidade todos os sentidos possíveis, enquanto outros não vêem nele nenhum sentido em especial. Ser bom em ser homem não é uma coisa que encerre todos os sentidos, mas ela nunca deixou de fazer sentido.

A maioria das tradições encara a masculinidade e a feminilidade como opostos complementares. Não seria incorreto dizer que masculinidade é aquilo que a gente acha menos feminino e feminilidade o que a gente acha menos masculino — mas essa afirmação não nos diz muito sobre o Código dos Homens.

Moças e rapazes não formam pares assim que nascem e saem correndo para viver juntinhos numa caverna úmida. Os seres humanos sempre foram animais sociais, vivemos em grupos cooperativos. Nossos corpos nos classificam no grupo dos machos ou das fêmeas. Interagimos socialmente no papel de membros de um grupo ou de outro. Esses grupos não são arbitrários ou culturais, mas básicos e biológicos. É como machos que os machos têm de negociar com o grupo dos machos e das fêmeas. O que distingue um macho não é apenas sua reação às fêmeas, também a outros machos reagimos como machos. Sermos quem somos tem tudo a ver com a forma como nos vemos em relação a outros machos, na qualidade de membros do grupo dos machos.

Um homem não é meramente um homem, mas um homem entre homens num mundo de homens. Ser bom em ser homem tem a ver com a capacidade de obter sucesso com outros homens, no contexto de grupos de homens, mais que com a relação que se mantém com uma mulher ou grupo de mulheres. Quando se diz a um homem que seja homem, o que se está pedindo é que ele seja mais parecido com outros homens, mais parecido com a maioria dos homens, e, de preferência, mais parecido com aqueles homens que outros homens tenham em grande estima.

As mulheres se julgam capazes de melhorar os homens ao relacionar a masculinidade àquilo que esperam dos homens. Os homens desejam que as mulheres os desejem, mas a aprovação feminina não é a única coisa que interessa a eles. Ao disputarem prestígio uns com os outros, o que os homens estão disputando é a aprovação uns dos outros. Historicamente, as mulheres que os homens julgam mais desejáveis sentem atração por — ou são alvo das pretensões de — homens temidos ou reverenciados por outros homens. Quase sempre, a aprovação feminina é uma consequência da aprovação masculina.

A masculinidade diz respeito a ser homem no contexto de um grupo de homens. Acima de tudo, a masculinidade diz respeito ao que os homens esperam uns dos outros.

Se o Código dos Homens parece confuso, é porque há muitos grupos diferentes de homens que esperam dos outros homens muitas coisas diferentes. Aqueles homens a quem o

dinheiro e o poder conferiram uma posição sólida sempre quiseram que os homens acreditassem que ser homem diz respeito a obrigações e obediências, ou que se possa dar prova de masculinidade obtendo dinheiro e poder pelos meios tradicionais.

Já os homens identificados com as religiões e as ideologias sempre quiseram que os homens acreditassem que ser homem constitui um esforço espiritual ou moral, e que se possa dar prova de masculinidade através de vários métodos de autocontrole, abnegação, auto-sacrifício ou evangelismo. E os homens que têm algo a vender sempre quiseram que os homens acreditassem que se possa dar prova de masculinidade, ou que se possa aperfeiçoá-la, desembolsando algum trocado.

Numa tribo unida, dotada de um inabalável senso de identidade própria, percebe-se certa harmonia entre os interesses dos grupos masculinos — e o Código dos Homens parece escrito em linhas razoavelmente retas. Numa civilização complexa, cosmopolita, individualista, desunida, amontoada de identidades insubstanciais, feitas com um pouco de cada coisa, o Código dos Homens torna-se indistinto. A conduta preconizada pelos homens ricos e poderosos se confunde com a de gurus e ideólogos, e tamanha é a desordem em que estas se misturam aos badulaques masculinos oferecidos pelos mercadores que não é tão difícil perceber por que dizem que o sentido da masculinidade pode ser qualquer coisa, todas as coisas ou coisíssima nenhuma. Somando-se a isso as “melhorias” sugeridas pelas mulheres, daí o Código dos Homens vira uma orientação indecifrável para se chegar a uma sucata de ideais.

Para entender quem são os homens, o que há de comum entre eles e por que eles se esforçam em provar seus méritos uns aos outros, basta reduzir os grupos masculinos a sua forma nuclear. Civilizações difusas, complexas, constituídas de milhões de pessoas, são um fenômeno relativamente novo para os homens. Ao longo da maior parte de sua existência neste planeta, eles se organizaram em pequenos bandos, lutando para sobreviver num ambiente hostil, disputando mulheres e recursos com outros bandos de homens. Entender como os homens reagem uns aos outros impõe que se entenda sua unidade social mais básica. Entender o que os homens esperam uns dos outros exige que se entenda do que eles mais freqüentemente necessitam uns dos outros, e que se perceba como essas necessidades forjaram a psicologia masculina.

Livre de veleidades morais e despida das características locais, a masculinidade em estado bruto, que todo homem reconhece instintivamente, tem a ver com ser bom em ser homem no contexto de uma reduzida gangue de homens, prontos a combater pela sobrevivência.

O Código dos Homens é o Código da Gangue.

O perímetro

Vocês fazem parte de um pequeno grupo de seres humanos, em luta pela sobrevivência.

Não importa qual seja o motivo.

Conquista, guerra, morte, fome ou peste — pode ser qualquer um dos Cavaleiros bíblicos.

Quer vocês sejam nossos primitivos ancestrais; quer sejam desbravadores; quer sejam naufragos, perdidos num lugar remoto; quer sejam sobreviventes de um holocausto nuclear ou de um apocalipse zumbi. Repito: o motivo não importa. Para quaisquer seres humanos sem acesso à tecnologia avançada, no fim das contas o quadro é mais ou menos o mesmo.

É preciso definir seu grupo. E preciso definir quem faz parte dele e quem não faz, e identificar as ameaças latentes. E preciso demarcar e preservar uma espécie de zona de segurança ao redor do perímetro de seu grupo. Todo o mundo terá de se virar e contribuir para a sobrevivência, a não ser que o grupo concorde em proteger e alimentar alguém que não possa contribuir, por causa da idade ou de doença. E quanto àqueles que puderem trabalhar, será preciso decidir quem fará o quê, em vista a competência de cada um, a afinidade entre eles e o sentido prático da coisa.

CAÇA E COMBATE

Das tarefas necessárias à sobrevivência, caçar e combater são duas das mais perigosas.

Para se desenvolverem, os seres humanos precisam de proteína e gordura. Não que seja impossível extraí-las em quantidade suficiente dos vegetais, mas, sem uma plantação regular, vocês serão forçados a colher uma quantidade suficiente para atender às suas necessidades nutricionais. A proteína e a gordura fornecidas por um animal de grande porte podem durar dias — até mais, quando se sabe como preservar a carne.

O problema com os animais de grande porte, ricos em proteínas, é que eles não têm a mínima vontade de morrer.

Carne é músculo, e os músculos dão robustez a essas criaturas — em geral, uma robustez maior que a dos homens. As feras selvagens são providas de presas, chifres, cascos, garras e dentes afiados, e elas lutarão por suas vidas. Abater um desses animais de grande porte, ricos em proteínas, é tarefa arriscada, que exige força, coragem, técnica e trabalho em equipe. Fora que, para encontrar comida, é preciso alguma atividade exploratória, aventurar-se no desconhecido — e sabe-se lá o que espreita *mais adiante?*

Para conseguir sobreviver, é preciso que seu grupo se proteja dos predadores, sejam eles bichos, seres humanos, alienígenas ou mortos-vivos. Se houver alguém ou algo mais adiante interessado em alguma coisa da qual vocês estejam de posse, a ponto de se dispor a lutar por ela, vocês terão de descobrir qual membro de seu grupo estará disposto ao confronto.

Para ficar de guarda, defender tudo aquilo que lhes seja mais caro ou sair a campo para eliminar uma ameaça latente, vocês darão preferência àqueles que se mostrarem mais hábeis no combate. Se alguém ou algo estiver de posse de alguma coisa de que vocês precisem, pode ser que a melhor forma de a conseguir seja tomando-a à força. *Qual membro de seu grupo estará disposto e apto a fazer isso?*

Pode ser que uma parte de seu grupo seja composta de fêmeas, pode ser que não. Na hipótese de haver fêmeas entre vocês, elas não terão acesso a métodos confiáveis de controle de natalidade. Os machos e as fêmeas não deixarão de fazer sexo, e estas acabarão prenhas. Os seres humanos são mamíferos, e, como ocorre com a maioria dos mamíferos, parte considerável do ônus da reprodução sobra para as mulheres. Não que seja justo, mas a natureza não é justa. Até mulheres fortes e agressivas ficam mais vulneráveis e têm mais dificuldade de se deslocar durante a gestação. Até mulheres violentas dão de mamar a sua prole. Elas criam um vínculo com os filhotes e, em pouco tempo, estão se dedicando aos cuidados com eles. Os bebês são indefesos, e as crianças permanecem vulneráveis durante anos.

Mesmo que não houvesse outras diferenças físicas ou mentais entre mulheres e homens, num ambiente hostil a realidade biológica da reprodução humana ainda determinaria, com o tempo, o aumento no número de homens encarregados das atividades de exploração, caça, combate, construção e defesa. Os homens disporiam de mais tempo para se especializar e desenvolver as habilidades necessárias para se sobressair nessas tarefas; não teriam uma desculpa convincente para não fazer isso.

Os homens jamais ficarão prenhes ou darão de mamar, e os filhos representarão um ônus menor para eles. Pode ser que os homens nem saibam quais são os filhos deles. Mas *as mulheres sabem quais são os filhos delas*. As crianças não dependem do pai da mesma forma que dependem da mãe. Os homens têm mais liberdade de assumir riscos pelo bem do grupo, na convicção de que seus rebentos continuarão vivos.

As coisas do jeito que são, algumas diferenças biológicas entre homens e mulheres pouco têm a ver com a gravidez ou a amamentação. O normal é os homens serem maiores e mais fortes que as mulheres; eles são mais audaciosos, são provavelmente mais inclinados a tarefas que envolvam mecânica e, em geral, têm um senso de orientação mais apurado. Os homens têm uma propensão inata às atividades agressivas; quando seus níveis de testosterona são altos, eles assumem mais riscos e buscam mais emoções. Os homens têm mais interesse em competir por prestígio, e, quando obtêm sucesso, seu corpo proporciona um “barato” de dopamina e *uma quantidade ainda maior de testosterona*.¹

¹ Alguns estudos indicam um sensível decréscimo na testosterona dos homens, ao longo dos últimos vinte anos. (Veja abaixo.) Essa queda pode estar sendo causada por alguma substância presente na água, mas é provável que seja resultado da epidemia de obesidade. Aposto como ela também tem a ver com a perda relativa do prestígio social e com a proliferação de estilos de vida seguros e sedentários. Se é fato que a testosterona sofreu uma queda em poucas décadas, isso prova que os homens e as mulheres eram mais diferentes no passado e que, no futuro,

Em razão de seu grupo estar lutando para sobreviver, cada escolha que vocês fazem é importante. Quando vocês atribuem à pessoa errada a tarefa errada, ela se arrisca a morrer, vocês se arriscam a morrer, outras pessoas se arriscam a morrer, todos vocês se arriscam a morrer. Em razão das diferenças entre os sexos, é comum que a melhor escolha para as atividades que envolvam exploração, caça, combate, construção ou defesa seja um homem. Não se trata de algum preconceito cultural arbitrário, mas do tipo de discriminação estratégica vital que manterá vivo seu grupo.

Assim como os chimpanzés, com freqüência os seres humanos caçam em bando, uma vez que a caça cooperativa é mais eficaz que a solitária. Quando se junta uma equipe — seja de que tipo for — não se pode tomar as habilidades naturais dos candidatos como os únicos fatores a serem considerados. É preciso ter em conta a dinâmica social do grupo. Quais pessoas trabalharão melhor juntas? No papel de líder, seus objetivos serão criar sinergia, reduzir transtornos e evitar conflitos entre os membros. Em qualquer grupo, os machos disputam prestígio, mas também disputam as fêmeas. Eliminar uma segunda demão de ciúmeiras e antagonismos latentes pode ser motivo suficiente para se escolher um macho, em vez de uma fêmea.

Havendo fêmeas no grupo, não faltarão a elas trabalhos pesados e necessários a fazer. Todos têm de dar sua parcela de contribuição, mas as atividades de caça e combate quase sempre competem aos homens. Quando há vidas em risco, as pessoas deixam de lado a etiqueta da igualdade e tomam decisões como essa muitas e muitas vezes — o que é o mais sensato a ser feito.

Essa divisão prática do trabalho é onde tem início o mundo masculino.

O GRUPO SUB-GRUPO

Thomas Hobbes escreveu que, quando os homens vivem sem medo de um poder comum, vivem em estado de guerra. Na *guerra*, todos os homens se voltam contra todos os demais.

O conceito formulado por Hobbes é interessante no âmbito teórico, mas, para os homens, a guerra de todos contra todos não é o estado de natureza. Natural é os homens cuidarem dos próprios interesses, mas esses mesmos interesses fazem eles se juntarem — *e depressa*. O solitário não tem ninguém a quem pedir ajuda, ninguém que cubra sua

estudos que apontem as semelhanças entre os sexos serão menos relevantes quando em vista das idéias históricas sobre suas diferenças.

Travison, Thomas G., Andre B. Araujo, Amy B. O'Donnell, Varant Kupelian e John B. McKinlay. "A population-level decline in serum testosterone levels in American men" (Declínio a nível populacional na dosagem de testosterona sérica em homens norte-americanos). *The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism* 92.11 jan. (2007): 196-202. web. 5 dez. 2011.

<http://jcem.endojournals.org/content/92/1/196.full>

retaguarda, ninguém que vele por seu sono. Estando juntos, os homens têm mais chance de sobreviver que separados. Eles sempre caçaram e combateram em pequenos grupos. O estado de natureza da guerra é o conflito permanente entre reduzidas gangues de homens.

A organização dos chimpanzés é do tipo fissão-fusão, o que significa dizer que o tamanho dos grupos varia segundo as circunstâncias. Eles se juntam em grupos numerosos e firmam acordos por razões estratégicas, para cruzar e para compartilhar recursos. Mudando as circunstâncias, os chimpanzés se dividem em grupos menores e equipes de caça. E nesses subgrupos que as relações são mais estreitas e estáveis. Os machos são leais e raras vezes pulam de subgrupo em subgrupo. As fêmeas às vezes acompanham os machos nas atividades de caça, mas são mais suscetíveis a migrar de um subgrupo para outro, com o tempo.

Os homens se organizam da mesma forma.

Vejam, por exemplo, as unidades militares.

Exército: 60.000-100.000 homens

Corpo de exército: 30.000-80.000 homens

Divisão: 10.000-20.000 homens

Brigada: 2.000-5.000 homens

Regimento: 2.000-3.000 homens

Batalhão ou grupo: 300-1.000 homens

Companhia, bateria ou esquadrão: 70-250 homens

Pelotão: 25-60 homens

Esquadra ou seção: 8-16 homens

Equipe: 2-5 homens

Todos os homens alistados num determinado exército fazem parte da mesma tropa, a diferença é que a solidez dos laços entre eles aumenta à medida que o tamanho da unidade diminui. Nos grupos menores, os homens são mais leais uns aos outros.

Quando o escritor Sebastian Junger perguntou a soldados dos americanos no Afeganistão sobre seus laços de fidelidade estes disseram que “não hesitariam em arriscar a própria vida por alguém de seu pelotão ou de sua companhia, mas depois desse limite o sentimento diminuía rapidamente. Chegando à brigada, com 2-5 mil homens, todo senso comum de identidade ou objetivo se mostrava basicamente teórico.”² A rivalidade entre grupos não é infreqüente. Cada um tem suas insígnias, suas tradições, seu simbolismo e uma história em comum.

Alguns pesquisadores acham que o cérebro humano só consegue processar uma quantidade de informação suficiente para manter relacionamentos significativos com mais ou menos 150 pessoas por vez.³ Esse é o tamanho médio de uma companhia militar, mas

² Junger, Sebastian. *War*. Hachette Book Group, 2010. 242. Impresso. [Publicado no Brasil com o título de **Guerra**.]

³ W.-X. Zhou, D. Sornette, R. A. Hill e R. I. M. Dunbar. “Discrete hierarchical organization of social group sizes” [“Discreta organização hierárquica no tamanho de grupos sociais”]. *Proceedings: Biological Sciences*, v.

também o tamanho aproximado de uma típica tribo humana primitiva e mais ou menos o número de “amigos” com os quais a maioria das pessoas têm contato regular em sites de relacionamento social.

E, nessa tribo de 150 membros, são formados grupos ainda menores. A quantas dessas pessoas vocês emprestariam uma grande soma em dinheiro? Com quantas vocês poderiam contar numa emergência? Quantas poderiam contar com vocês?

Se vocês forem iguais à maioria, esse número cai para o tamanho de um pelotão, de uma esquadra, até de uma equipe. O tamanho da maioria dos times nos esportes coletivos varia entre o de uma equipe militar e o de um pelotão. Os times de futebol americano escalam mais ou menos 50 jogadores, mas só 11 de cada vez entram em campo. No beisebol, a escalação é de 25 jogadores, mas só 9 entram em campo. Os times de futebol jogam com 7-11 integrantes; os de basquete, com 5; os de pólo aquático colocam 7 atletas na piscina.

Os homens reverterem a esse tamanho arquetípico de gangue até em passatempos e narrativas. Quantos são os personagens principais dos filmes, livros ou programas de TV de sua preferência? E o número vale também para a religião e a mitologia. Jesus teve 12 apóstolos. Quantos deuses do panteão grego você é capaz de citar? E do nórdico?

Grupos de 2-15 homens são uma zona de conforto. E o tamanho de equipe mais apropriado para executar manobras táticas, mas é também administrável no que respeita à socialização. Dá para conhecer a fundo mais ou menos esse tanto de gente por vez. É possível manter uma boa relação de trabalho e uma relação social significativa com quase 100 pessoas. Acima disso, as relações se tornam extremamente superficiais; a confiança se desfaz; um número maior de regras e normas, sempre aplicadas sob a ameaça de violência, se tornam necessárias para manter os homens “juntos”. Em épocas de grande tensão — quando os recursos escasseiam, o sistema de regras e normas se desfaz, a aplicação das sanções é negligenciada ou quando os homens têm pouco a perder e mais a ganhar transgredindo lei — é costume os homens desfazerem os grupos numerosos e se juntarem em pequenas gangues mais despachadas.

A gangue cujo número de homens varia entre o de uma equipe e o de um pelotão é a menor unidade do grupo de nós. Mais além estão eles, e a linha que separa uns dos outros é o círculo de confiança.

DELIMITANDO O PERÍMETRO

Em períodos extremos, a tarefa primordial dos homens sempre foi estabelecer e proteger o perímetro.

Imaginem-se de volta a nosso quadro de sobrevivência. Não dá para as pessoas passarem uma vida inteira combatendo, e caçando, e matando diuturnamente. Os seres

272, n. 1.561 (22 fev. 2005), pp. 439-444. Procure também por “número de Dunbar” ou resenhas sobre o cientista Robin Dunbar.

humanos têm de dormir, têm de comer e precisam dar um tempo. E preciso criar um ambiente seguro e montar acampamento em algum lugar.

Também é necessário identificar alguns recursos úteis como acesso a água e a comida. Uma das primeiras coisas que vocês terão de deliberar é se o local deixa o grupo vulnerável ao ataque de predadores ou de grupos desconhecidos de homens. Depois, vocês devem fazer um reconhecimento básico, inspecionando as áreas próximas para ver se encontram evidências de outra tribo ou de feras indesejáveis. Fatigados e realizados, você e seus companheiros montarão acampamento e ficarão de olho num perímetro rudimentar.

A sobrevivência de seu grupo dependerá de sua capacidade de obter sucesso em reivindicar uma terra e mantê-la segura.

Quando se reivindica um território e se delimita um perímetro, essa linha separa o grupo do resto do mundo. As pessoas dentro do perímetro viram nós, e tudo que houver de conhecido e desconhecido do lado de fora vira eles.

Mais além do lume de sua fogueira noturna, resta a escuridão. Eles ficam ao largo do tremeluzir do fogo, no escuro lá adiante. Eles podem ser animais selvagens, zumbis, robôs assassinos ou dragões. Eles também podem ser outros homens. Os homens sabem do que os homens precisam e o que querem. Se seu grupo estiver de posse de algo que os outros homens queiram ou de que precisem, é melhor ficar de olho neles. As coisas que têm valor para os homens —ferramentas, comida, água, mulheres, criação de animais, abrigo e mesmo terra fértil — terão de ser protegidas de outros homens capazes de atacá-los, de tão desesperados para tomar essas coisas. O perímetro separa os homens em quem vocês confiam daqueles em quem vocês não confiam ou não conhecem o bastante para confiar.

As pessoas gostam de fazer amizades. Ficar na defensiva o tempo todo é muito estressante. A maioria das pessoas quer confiar nas outras, a maioria das pessoas quer ser capaz de baixar a guarda. Se vocês forem espertos, enquanto não conhecerem essas outras pessoas, elas continuarão do lado de lá do perímetro. E mesmo que você abaixe a guarda para estabelecer uma cooperação ou um negócio, nada garante que elas sejam absorvidas ao grupo de nós. Uma vez que os outros homens têm identidades distintas das suas, há sempre o risco de preferirem colocar os interesses de sua própria gente à frente interesses de vocês. Em épocas de dificuldade, os acordos entre os grupos perdem efeito. A concorrência cria uma animosidade entre eles, e os homens se desumanizarão mutuamente para tomar aquelas decisões que, embora difíceis, são necessárias à sobrevivência dos respectivos grupos.

Quando se juntam homens por um breve período de tempo e se dá a eles algo que disputar, eles formarão equipes de *nós contra eles*. Uma famosa ilustração do fenômeno é a “experiência de Robbers Cave”,* de Muzafer Sherif. Psicólogos sociais separaram dois grupos de meninos e os obrigaram a disputar entre si. Cada grupo desenvolveu uma percepção de

* *Robbers Cave* é o nome do parque estadual em Oklahoma, EUA, onde se realizou o estudo, nos anos 1950. (N. do T.)

nós com base naquilo de que gostavam em si próprios ou em como se dispunham a imaginar a si próprios. Além disso, cada grupo bolou caricaturas negativas do outro. Os grupos desenvolveram uma hostilidade mútua. Contudo, quando os pesquisadores deram aos meninos razão suficiente para cooperarem uns com os outros, as gangues rivais foram capazes de deixar de lado as diferenças e se juntar num grupo maior.

Sempre foi tarefa dos homens delimitar o perímetro, estabelecer um ambiente seguro, separar *nós e eles*, e criar um círculo de confiança.

Com o descobrimento de novas terras no continente americano, os homens puderam voltar a fazer isso na história recente da humanidade. Grupos restritos de homens se aventuraram em território desconhecido, porque acreditavam que tinham mais a ganhar sujeitando-se a riscos que o que esperavam conseguir pelos meios tradicionais do Velho Mundo. Eles desbravaram o deserto, montaram acampamentos e reinventaram a civilização, sob os olhares do resto do mundo. Ocultos mais adiante, havia índios, ursos, cobras e outras gangues de homens dispostos a usar de violência para tomar para si o que quisessem. Tanto colonizadores quanto nativos eram homens sitiados, que tiveram de se deixar embrutecer contra forças externas. Tiveram de decidir em quem podiam confiar, em quem não podiam e do que precisavam dos homens a sua volta.

A história do Oeste americano é apenas uma das histórias. Quantas gangues, famílias, tribos e nações não foram fundados por um pequeno grupo de homens que, a partir do zero, reivindicou uma terra, defendeu-a, tornou-a segura e nela lançou raízes? Se os homens jamais tivessem feito isso, hoje não haveria pessoas vivendo em todos os continentes.

UM PAPEL À PARTE

Vocês decidiram quem está dentro e quem não está. Vocês decidiram em quem vão confiar e em quem não vão. Vocês vigiam seu perímetro, protegendo o que estiver nos limites do círculo formado pelo tremeluzir da fogueira, defendendo qualquer coisa que tenha alguma importância para vocês e para os homens que estão de seu lado. Tudo se resume a vocês, guardiões, que sabem que, se fracassarem no cumprimento de sua tarefa, não haverá felicidade humana, nem vida em família nem narrativas, nem arte, nem música. O papel que vocês têm a desempenhar nos cruentos limites da divisa entre nós e eles suplanta qualquer atribuição que lhes caiba dentro do espaço sob sua proteção. Vocês têm uma função à parte, e o que determinará sua importância para os outros homens que partilham com vocês essa responsabilidade será sua aptidão e sua disposição em cumprir com seu papel.

Os outros homens precisam saber que podem contar com vocês, pois tudo têm importância, e sua fraqueza, covardia ou incompetência podem causar a morte de algum deles ou ameaçar o grupo inteiro. Os homens que forem bons nessa tarefa — os que forem bons na tarefa de serem homens — merecerão o respeito e a confiança do grupo. Serão reverenciados e receberão melhor tratamento que o dispensado aos que forem desleais ou com os quais não se puder contar. Os homens que cumprirem a promessa de vitória nas horas de

maior perigo ocuparão as posições mais elevadas entre os demais. Serão tratados como heróis, e outros homens — em especial os mais jovens — tenderão a imitá-los.

Numa sociedade complexa, quase todos nós vivemos bem lá para dentro do perímetro. Formamos nossos próprios círculos e claques, que defendemos metaforicamente. Incluímos e excluímos pessoas por razões as mais diversas. Afastadas da divisa entre ameaça e segurança, as pessoas louvam qualidades que quase nada têm a ver com a sobrevivência. O rebanho se assanha com cantores, estilistas, aduladores — até com gente cujo único talento é ser espirituosa ou gostosa. E os pastores só fazem tangê-lo para receber mais do mesmo.

Quando os homens avaliam uns aos outros no papel de homens, ainda buscam as mesmas virtudes de que precisariam para guardar o perímetro. Eles são suscetíveis e sentem admiração por aquelas qualidades que tornam os homens úteis e confiáveis numa emergência. Eles sempre desempenharam um papel à parte, e ainda julgam uns aos outros de acordo com as exigências daquele papel de guardião numa gangue em luta para sobreviver ao avanço do destino. E todas as coisas especificamente relacionadas a ser um homem — não meramente uma pessoa — têm a ver com esse papel.

Quando vocês estiverem dando cobertura uns aos outros, para escapar do desaparecimento iminente, o que será preciso que os homens de seu grupo façam? Quando estiverem estreitando o cerco à volta de uma caça perigosa, mas capaz de alimentar a todos por uma semana, que tipo de homens vocês esperam que estejam guardando seu flanco?

As virtudes táticas

Vir é a tradução latina de “homem”. A palavra “virtude” vem do latim “*virtus*”. Para os antigos romanos, *virtus* significava macheza, e macheza significava valor marcial.⁴ Demonstrava *virtus* aquele que exibisse força, coragem e lealdade à tribo na hora de defendê-la ou de atacar os inimigos de Roma.

À medida que os romanos obtinham vitórias e mais vitórias, e sua civilização ficava mais e mais complexa, já não era necessário que todos os homens caçassem ou combatessem. As batalhas eram travadas nas fronteiras do perímetro, e a fronteira bélica da civilização romana se deslocava para longe. Para os homens que viviam bem lá para dentro do círculo, o conceito de macheza foi ficando cada vez mais metafórico.⁵ Homens encarregados de outras tarefas podiam satisfazer sua necessidade de ser considerados homens em meio a homens por meio de lutas metafóricas, demonstrações de coragem social, controle dos desejos e adoção de uma conduta ética. Com a dilatação do significado da palavra *virtus* e do conceito romano de macheza, estes passaram a abarcar valores que não constituíam meramente as virtudes necessárias à sobrevivência, mas também virtudes cívicas e morais.

A expansão da definição de macheza se estendeu a outras virtudes, à medida que as civilizações cresciam. No entanto, essas outras virtudes, além de menos especificamente associadas aos homens que as virtudes de combate, também variam mais de cultura para cultura. As virtudes “civilizadas” dizem respeito a ser uma boa pessoa, um bom cidadão, um bom membro de determinada sociedade. As virtudes masculinas têm de estar diretamente relacionadas à masculinidade. As virtudes que os homens do mundo inteiro reconhecem como masculinas são as virtudes de combate. Filmes épicos e de ação são fáceis de traduzir porque apelam a uma coisa básica na condição masculina: o desejo de lutar e de vencer, de batalhar por alguma coisa, de batalhar pela sobrevivência, de demonstrar seus méritos a outros homens.

As virtudes especificamente associadas à condição masculina resumem uma filosofia de vida severa — um modo de ser que é também uma estratégia de sobrevivência para períodos extremos e perigosos. O Código dos Homens é um ethos tático.

Se vocês estivessem lutando pela sobrevivência e cercados de ameaças latentes, do que precisariam dos homens que lutassem a seu lado?

Do que precisariam de nós para que eles fossem rechaçados?

⁴ McDonnell, Myles. **Roman manliness**: vir tus and the Roman republic [A macheza dos romanos: a vir tus e a República Romana]. Cambridge University Press, 2006. 4. Impresso.

⁵ Também é certo que a necessidade faz a masculinidade se tornar cada vez mais metafórica, ao longo dos anos. O homem de idade que não tiver mais condições de disputar com outros homens, nem caçar ou combater, se preocupará em desenvolver outras virtudes.

Se procurar comida significa enfrentar juntos o perigo, quem vocês gostariam que os acompanhasse?

Quais virtudes vocês precisariam cultivar em si mesmos e nos homens a sua volta para obter sucesso nas atividades de caça e combate?

Quando sua vida e a das pessoas que são importantes para vocês dependem disso, os homens a sua volta têm de ser tão fortes quanto possível. Para viver sem a ajuda de uma tecnologia avançada, são necessários ombros amigos e mãos solícitas. São necessários homens fortes para dar combate a outros homens fortes.

Vocês não vão querer que os homens de sua gangue sejam temerários, mas que demonstrem coragem em momentos de necessidade. O homem que foge quando o grupo precisa que ele lute pode colocar em risco a vida de todos vocês.

Vocês vão querer homens que sejam competentes, que dêem conta da tarefa. E quem quer se ver cercado de idiotas e de fracassados? Os caçadores e os combatentes têm de demonstrar destreza nas habilidades empregadas pelo grupo na caça e no combate. E um tantinho de inventividade também não ia mal.

Vocês também precisarão do comprometimento de seus homens. Será importante saber que os homens a seu lado são entre nós, não entre eles. Será necessário que vocês possam contar com esses homens nas horas de crise. Vocês vão querer rapazes que garantam sua proteção. Não dá para contar com homens que não se importam com a opinião dos outros, nem dá para confiar neles. Se vocês forem espertos, vão querer que os outros homens provem que estão comprometidos com a equipe. Vão querer que eles demonstrem o quanto se importam com a reputação de que desfrutam na gangue e demonstrem o quanto se importam com a reputação de sua gangue perante outras gangues.

FORÇA, CORAGEM, DESTREZA E HONRA

Essas são as virtudes práticas de homens obrigados a confiar uns nos outros, num cenário da pior espécie. Força, Coragem, Destreza e Honra são virtudes simples, funcionais. São virtudes de homens que têm de responder aos irmãos primeiro, sejam esta gente boa ou inescrupulosa. Essas virtudes táticas conduzem ao triunfo. São amorais, mas não imorais. Sua moralidade é primitiva e vive isolada num círculo fechado. As virtudes táticas em nada se relacionam com questões morais abstratas sobre conceitos universais de certo e errado. Certo é o que vence e errado é o que perde, pois, perder representa a morte e o fim de tudo aquilo que tem importância.

Força, Coragem, Destreza e Honra são as virtudes que protegem o perímetro; são elas que salvam a nós. E dessas virtudes que os homens precisam para proteger seus interesses, mas também são as virtudes que eles têm de desenvolver para disputar aquilo que desejam. São virtudes do defensor e do atacante. Força, Coragem, Destreza e Honra não são propriedade de nenhum deus em particular, ainda que muitos deuses as vindiquem, seja qual

for o motivo dos homens lutarem, Força, Coragem, Destreza e Honra são o que devem exigir uns dos outros se quiserem vencer.

No mundo inteiro, Força, Coragem, Destreza e Honra são as virtudes “alfa” dos homens. São consideradas as virtudes masculinas fundamentais, pois sem elas não se pode nutrir nenhuma das virtudes “superiores”.

É preciso estar vivo para filosofar. Vocês podem acrescentar outras virtudes a elas ou criar regras e códigos morais que as restrinjam; mas se as excluírem por completo da equação, não só estarão deixando para trás as virtudes específicas dos homens, mas abandonando virtudes que tornaram possível a própria civilização.

Os homens que forem fortes, corajosos, competentes e leais serão respeitados e venerados como membros valorosos da equipe de “nós”.

Não dá para contar com homens excepcionalmente fracos ou medrosos. Aqueles que revelarem alguma grave inabilidade terão de achar um jeito de compensar sua deficiência — e é o que tentarão fazer se forem leais e honrados, se quiserem ajudar nas atividades de caça e combate — ou assumir outras tarefas na tribo. O homem cuja lealdade for questionável, que não parecer se importar com o que os outros homens pensem a seu respeito ou em como sua tribo seja vista, não merecerá a confiança da gangue de caça e combate, os homens que não estiverem à altura da incumbência de desempenhar o principal papel dos homens, seja por causa de um desses motivos ou de todos será posto para fora do grupo de caça e combate e incumbido de trabalhar com as mulheres, crianças, doentes e velhos.

Os homens são dotados de diferentes impulsos, aptidões e temperamentos. A maioria deles é capaz de se adaptar às atividades de caça e combate, à vida nas fronteiras do perímetro, mas há quem não seja talhado para isso. Estes serão considerados menos viris e julgados menos homens. Alguns se sentirão feridos em seus sentimentos. Não que seja justo, mas a justiça é um luxo ao qual os homens dificilmente podem se permitir, em períodos extremos.

Os homens que quiserem evitar a rejeição da gangue trabalharão arduamente e disputarão entre si para ganhar o respeito dos outros homens. Aqueles que, por natureza, forem mais fortes, mais corajosos e mais competentes, disputarão entre si para desfrutar de mais prestígio no contexto do grupo. E enquanto houver alguma vantagem em se conquistar uma posição mais elevada na gangue — seja um maior controle, maior acesso a recursos ou apenas a estima de seus pares e o conforto de se estar acima daqueles situados na base da hierarquia — os homens disputarão entre si pelo direito a uma posição mais elevada. Contudo, em razão dos seres humanos serem caçadores cooperativos, aquele mesmo princípio do grupo-subgrupo se aplica aos indivíduos. Assim como subgrupos de homens disputarão uns contra os outros, mas se juntarão se acharem que têm mais a ganhar com a cooperação, também os homens disputarão individualmente com os outros homens do grupo enquanto não houver ameaça externa mais grave, mas deixarão de lado suas diferenças pelo bem do grupo. Os homens não são propensos a combater ou cooperar; eles são propensos a combater e cooperar.

Entender essa capacidade de perceber e priorizar rentes níveis de conflito é essencial à compreensão do Código dos Homens e das quatro virtudes táticas. Constantemente, homens passarão de um tipo de conflito para outro: da disputa entre pares à disputa entre grupos, ou à disputa contra uma ameaça externa.

É bom ser mais forte que outros homens de sua gangue, mas também é importante que sua gangue seja mais forte que outras gangues. Os homens desafiarão seus camaradas e porão à prova a coragem uns dos outros, mas sob muitos aspectos esses desafios intragrupais preparam os homens para enfrentar a disputa com outros grupos. Assim como é importante que os homens demonstrem a seus pares que não aceitarão humilhações, a sobrevivência de um grupo pode depender de ele estar disposto ou não a rechaçar os outros grupos para proteger os próprios interesses. Os homens adoram fazer praça de suas novas habilidades e de dar um jeito de levar a melhor sobre os parceiros, mas a destreza em muitas das mesmas habilidades será crucial nos embates com a natureza e com os outros homens. Os esportes e jogos disputados pelos homens exigem, em sua maioria, o tipo de raciocínio estratégico e/ou virtuosismo físico que se exigiria na luta pela sobrevivência. A reputação de um homem pode impedir que os outros homens do grupo mexam com ele, e a reputação de um grupo pode fazer seus inimigos pensarem duas vezes antes de criar alguma animosidade.

É típico dos sociólogos e especialistas em gangues de rua escreverem sobre a preocupação excessiva de seus membros com a própria reputação ou sobre seu desejo de revidar os “esculachos” com um desprezo confuso e arrogante. A verdade, no entanto, é que os homens têm agido dessa maneira ao longo da maior parte da história da humanidade, e as razões estratégicas das coisas serem assim deveriam ser óbvias a qualquer um que não se ache capaz de confiar na proteção policial, se não houver ninguém para vir em seu auxílio, é melhor que você seja marrento ou pareça marrento — e é provável que você também queira alguns caras marrentos prontos e dispostos a lhe dar cobertura.

Não faça idéia de como as pessoas conseguem se confundir a respeito de um conceito tão simples e óbvio, mas tenho certeza absoluta de que nossos ancestrais as teriam matado e levado suas coisas.

Nos próximos quatro capítulos, pretendo esmiuçar o que entendo por Força, Coragem, Destreza e Honra. Não bastasse essas palavras simples terem muitos significados, elas também significam coisas diferentes para pessoas diferentes. As virtudes masculinas representam conceitos com um apelo tão universal que até os fracos, covardes, ineptos e infames se esforçam em dar um jeitinho de também sentir que as encarnam. Demonstrarei como cada uma dessas quatro virtudes está relacionada especificamente aos homens, como as mulheres se encaixam na história e como as virtudes se relacionam mutuamente. Além do quê, algumas dessas virtudes apresentam múltiplos aspectos que vale a pena analisar. Depois de termos examinado cada uma das virtudes táticas e refletido a seu respeito sob uma ótica amoral, voltarei a tratar de questões de moralidade e de ética, e explicarei qual parece a

diferença entre ser um bom homem, de um lado, e ser bom em ser homem, de outro — e por que não são a mesma coisa.

Força

Quando se desmonta ou se modifica uma coisa, há certos aspectos que devem continuar intactos ou ser substituídos para que ela preserve sua identidade. Destituída de certas partes, ela vira outra coisa.

Sem força, a masculinidade vira outra coisa — um conceito diferente.

Força não é um valor arbitrário conferido aos homens pelas culturas humanas. A diferença de forças entre machos e fêmeas é uma característica biológica fundamental. Descontados os canais reprodutivos elementares, os machos serem mais fortes que as fêmeas é uma de suas diferenças físicas mais evidentes, historicamente importantes e solidamente mensuráveis.

Hoje em dia é moda empregar a palavra “frágil” entre aspas, para evitar ofender as mulheres ao identificá-las como sexo “frágil”. Mas as aspas não alteram a realidade humana elementar de que os homens ainda são, em média, dotados de uma força física significativamente maior que a das mulheres. Era de se esperar que pessoas sérias fossem capazes de admitir que uma coisa é geralmente considerada verdadeira quando se de um fato verificável. Não há razão para se ter reservas a esse respeito.

Ser forte não é a única qualidade que importa; às vezes, nem tem importância. É raro que a força seja uma desvantagem; contudo, com os recursos mecânicos de nosso mundo moderno, a força física é geralmente menos importante do que costumava ser. Mas importante ou não, ela é o que é.

Não que as mulheres não sejam capazes de demonstrar força, mas trata-se de uma qualidade que define a masculinidade. A diferença de forças diferencia os homens das mulheres. Homens fracos são considerados menos masculinos, mas ninguém dá a mínima ou nem se dá conta se a mulher for fisicamente mais fraca que seus pares. De certa forma, isso nunca foi tão verdadeiro quanto hoje em dia — ou tão verdadeiro entre diferentes classes sociais. Mulheres que viviam no campo (ou em primitivas sociedades caçadoras-coletoras) eram incumbidas de trabalhos físicos muito mais severos que qualquer atividade que se exija da mulher comum de hoje.

Admiramos a força exibida por atletas femininas, mas uma bela mulher que sequer consiga suspender uma sacola de supermercado ainda contará com muitos admiradores e uma penca de homens que se oferecerão para carregar suas compras. Muitas das celebridades femininas consideradas belíssimas tanto por homens quanto por mulheres são tão magras que parece que estão passando fome ou vão se quebrar. No conjunto, estamos nem aí se a mulher é forte ou não. Não se considera uma mulher menos feminina por causa de uma eventual fraqueza física.

Muitos homens consideram a mulher menos feminina quando muito forte. Mais especificamente, quando a mulher apresenta uma quantidade visivelmente alta de massa muscular e singularmente baixa de gordura corporal, tende a ficar mais parecida com um

homem. E precisamente por causa das diferenças fisiológicas entre machos e fêmeas que só as mais aplicadas e disciplinadas fisiculturistas chegam a ter a aparência de um boneco do He-Man com cabeça de Barbie. Normal é as mulheres que treinam com pesos aumentarem a força e melhorarem a saúde como um todo, mas a maioria continuará parecendo uma mulher. O papel da testosterona no desenvolvimento muscular feminino pode ser importante ou não.⁶ No homem, entretanto, a testosterona — o mais conhecido dos andrógenos — tem uma relação complementar ao aumento da força e da massa muscular. Os homens dotados de mais músculos tendem a apresentar e a manter altos níveis de testosterona, enquanto aqueles com nível de testosterona mais elevado tendem a ter facilidade em ganhar volume e força. Quando os homens aumentam os níveis de testosterona — seja com treinamento e dieta ou por meios artificiais — tendem a parecer mais masculinos. Em outras palavras, homens com mais músculos se parecem menos com a maioria das mulheres e se parecem mais com os homens menos andróginos. E isso não tem rigorosamente nada a ver com cultura. Não há cultura no mundo onde os homens mais fracos sejam julgados mais masculinos e as mulheres mais musculosas, mais femininas. A importância da força varia de sociedade para sociedade (geralmente associada de alguma forma às tecnologias disponíveis e ao tipo de trabalho que se exige das pessoas comuns), mas em todas as épocas e em todos os lugares a força tem sido uma qualidade definidora da masculinidade.

Se nos dispusermos a fazer uma tentativa honesta de entender e definir a masculinidade ou a macheza⁷ como aquilo que pertence aos homens ou é característico deles, à força física caberá um lugar de destaque nessa definição. O Código dos Homens é o Código dos Fortes — pelo menos, dos mais fortes.

Como já mencionado por mim e por muitos outros, no mundo moderno nem sempre a força representa uma grande vantagem. Mas se voltarmos àquela nossa gangue primitiva — àquele nosso “bando de irmãos”,* em luta pela sobrevivência — o valor da força para o grupo aumenta substancialmente. Onde houver trabalhos a serem feitos e combates a serem travados, a vantagem de ser mais forte será patente. Também o homem que tiver a duas vezes mais pesada que os demais, descontadas outras variáveis, terá mais valor para a gangue. Além de conferir ao homem a capacidade de assumir uma posição de maior destaque no grupo, a

⁶ Chee, Rosie. “Breaking the myth: increasing testosterone in females equals muscle accretion, strength gains, and fat loss” [Rompendo com o mito: o aumento de testosterona nas mulheres equivale a aumento de músculos, ganho de força e perda de gordura]. Bodybuilding.com. 15 out. 2009. web. 11 jul. 2011.

<http://www.bodybuilding.com/fun/myth-of-women-lifting-heavy2.htm>

⁷ Eu uso esses termos indiscriminadamente, que é como devem fazer as pessoas em geral. A ortodoxia acadêmica prefere distinguir masculinidade de macheza, o que acaba sendo útil à ideologia das feministas e deterministas culturais. Para saber mais a respeito da discussão, Harvey C. Mansfield resumiu os motivos que o levaram a escrever sobre a macheza, em vez de sobre masculinidade, no livro **Manliness** [Macheza], de 2006.

* William Shakespeare, Henrique V, Ato IV, Cena III. (N. do T.)

força torna-o mais valioso que puder carregar duas vezes mais peso as descontadas outras variáveis, terá mais valor que os demais para a gangue.

Recentemente, um biólogo evolucionista aventou que os seres humanos teriam assumido a posição ereta porque, ficando de pé, os machos da espécie aumentavam sua vantagem mecânica, na hora de atacar uns aos outros.⁸ Mas também pode ser que tenham passado a andar eretos por outros motivos. Numa linha do tempo comprida o bastante, “tanto A quanto B” é uma explicação razoável, caso as duas explicações sejam razoáveis. Em termos de vantagem natural, o poder de descer a porrada tem sua importância. Também faz parte da crença geral que o hábito do combate é um dos motivos para os machos exibirem mais força física na metade superior do tronco que as fêmeas. Na gangue primitiva, o homem consideravelmente mais forte que seus pares é feito um rolo compressor, capaz de esmagar quem atravessar seu caminho; ele é capaz de impor vontade do jeito que bem entender. (A própria vontade é segunda virtude masculina.)

Força, no sentido estritamente físico, é a capacidade muscular de exercer pressão.

Pondo de lado o movimento dos músculos involuntários, para os seres conscientes, força é a capacidade de exercer esforço de acordo com sua vontade. Coisas assim podem ser tão simples quanto empurrar um osso contra outro e depois soltar. É necessária uma certa quantidade de força quando se quer mexer o dedo.

É necessária certa quantidade de força para alcançar uma fruta no pé e arrancá-la. Também se exige força para construir, cultivar, caçar ou carregar as compras desde o mercado e colocar no carro. Pergunte a uma pessoa de idade se a perda de força teve impacto negativo ou positivo em sua vida. A pessoa mais fraca é mais vulnerável. Ser menos forte significa ter menos chances de conseguir afastar alguém que queira tomar alguma coisa — e, de um ponto de vista estritamente físico, quanto menor a força, menor a capacidade de tomar dos outros o que quiser. Uma pessoa excessivamente fraca não consegue sobreviver. É a força que possibilita todos os demais valores.

Força é a capacidade de impor a vontade sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre outras pessoas.

À medida que passamos das circunstâncias extremas da gangue de sobrevivência à vida exuberante de uma sociedade civilizada, o conceito de força não muda tanto, mas se expande e vira uma metáfora. A palavra força é usada para descrever um amplo espectro de capacidades

⁸ Maffly, Brian. “U. biologist argues humans stood up to fight, not walk” [Biólogo universitário argumenta que seres humanos se puseram de pé para lutar, não para andar]. Salt Lake Tribune, 18 maio 2011. web. 11 jul. 2011.

<http://www.ahorautah.com/s1trib/news/51831880-78/carrier-males-humans-standing.html.csp?page=1>

e poderes, sem perder o significado ou a característica primordial. Força é o equivalente corpóreo do poder. Força é ter 300 tanques para usar contra os 200 do inimigo. Força é o arsenal, mas sem garantia nenhuma de que será usado. Nesse sentido mais dilatado, força é uma mercadoria útil. Ficar mais forte — aumentar a força — significa aumentar a capacidade, seja na qualidade de indivíduo, gangue ou nação, de fazer o que bem entender com relativa impunidade. E o que é a liberdade, se não a capacidade de fazer o que bem entender?

Força é a capacidade de se movimentar — e quanto maior a força, maior o movimento. Contudo, assim como os músculos fazem contrações isométricas, ser forte também pode ser considerado o mesmo que ser capaz de resistir às pressões externas. Força é também a capacidade de “agüentar firme” — como exortava uma tatuagem que se via nos dedos de marinheiros cujas vidas (e a dos homens na tripulação de seus barcos) dependiam de sua capacidade de resistência ao enfrentar uma tempestade. Admitir que força significa tanto a capacidade de se movimentar quanto a de permanecer imóvel não é mais contraditório que reconhecer que a mecânica muscular é contraditória.

A força física é a metáfora que define a masculinidade, pois a força é a característica que define os homens. Ser dotado de maior aptidão para a força física é o que diferencia a maioria dos homens da maioria das mulheres, e essa diferença, embora menos importante em períodos de segurança e fartura, é que definiu o papel dos homens ao longo de toda a história da humanidade.

A força pode ter várias utilidades, mas quando não é utilizada, é como um motor potente que acumulasse poeira na garagem ou uma voz melodiosa que jamais se ouvisse cantar. O carro esporte cujos pneus nunca vêm a estrada não passa de uma bela peça de metal. Para viver a experiência de seu talento natural, o cantor tem de cantar. A experiência de ser macho é a experiência de ser dotado de maior força, e força é uma coisa que é preciso exercitar e exhibir para ter algum valor. Quando os homens se recusam a exercitar a força, quando são impossibilitados de exercitá-la ou quando não lhe dão utilidade, ela se torna decorativa e imprestável.

Coragem

O conceito de força é simples, físico.

Já a coragem tem muitos nomes e foi definida de muitas formas.

Optei por usar o substantivo coragem porque é uma palavra corriqueira, que a maioria dos leitores entende de imediato. Uma lista das virtudes masculinas tem de ser simples, compreensível e despreziosa.

Força é a capacidade de se movimentar ou de resistir às pressões externas. Já a coragem é cinética; é ela que desencadeia o movimento, ação ou resistência. A coragem adentra a — o sujeito com cara de marrento, mas força. O “leão covarde” que tira o corpo fora, enquanto homens mais fracos enfrentam o que tiverem de enfrentar, assumem os riscos e metem mãos à obra — vale menos que os homens que entram na arena.

Não digo que todo esforço da vontade seja em si corajoso, mas todo ato que exige coragem é um esforço da vontade. Não é preciso coragem para se usar a força ao apanhar um copo e levar à boca. A coragem envolve riscos; envolve a possibilidade de haver falhas ou a presença de um perigo. Ela é proporcional ao perigo envolvido: quanto maior o perigo, maior a coragem. O ato de correr para o interior de um prédio em chamas supera o de passar um carão no chefe. Já passar um carão no chefe é mais corajoso que escrever um bilhete anônimo para lá de maldoso. Ato que não tenham consequências significativas não exigem muita coragem.

Aristóteles acreditava que a coragem estava associada ao medo, e que, mesmo com o tanto de coisas que nos dão medo nesta vida, a morte era a mais assustadora delas. Em **Ética à Nicômaco**, o homem corajoso é aquele que não demonstra receio em face de uma morte digna, nem de qualquer situação de emergência que envolva risco de vida; e as situações de emergência que ocorrem numa guerra são, de todas, as mais arriscadas”. Ele também considerava os homens compelidos ao combate menos corajosos que aqueles que demonstravam coragem numa batalha da qual participassem por vontade própria. Aristóteles identificava na coragem uma virtude moral, a vontade de praticar uma ação nobre. Ele questionava a coragem de quem se mostrava confiante após a vitória numa batalha, embora seja o caso de se perguntar como se pode obter a vitória senão com uma prova inicial de coragem. Mesmo que muitos homens parrudos e experientes tenham o costume de estufar o peito diante de ameaças bem menos graves, e que se saiba que homens assim já deram para trás em face de um legítimo desafio, uma certa dose de coragem é o resultado de um histórico de sucessos. O homem que jamais ganhou uma luta seria mais corajoso que o lutador experiente que ele decide enfrentar, independentemente da nobreza de sua causa, ou só um idiota? O sentido que Aristóteles atribui à coragem não é o da confiança irrefletida, “temerária”, do homem impetuoso que luta no calor do momento, movido pelo medo ou pelo ódio. Ao contrário, ele sugere que “os homens corajosos agem por amor à honra, embora a impetuosidade os auxilie”. Ele até chega a admitir que os homens que agem movidos por

um forte sentimento estão imbuídos de “algo semelhante à coragem”.⁹ Mas mesmo admirável, a formulação é tão circunstancial e inextricável de um magnânimo — e enganoso — ideal de ação nobre que tentar determinar quem de fato é corajoso vira meio que um jogo.

Andreia, a palavra que Aristóteles usou para traduzir *coragem*, também era sinônimo de *macheza* na Grécia Antiga. *Andreia* deriva de “andros”, que evoca “macho” ou “masculino”. Em seu livro **Roman manliness**, o classicista Myles McDonnell sustenta que no latim pré-clássico a palavra *virtus*,¹⁰ que “soava aos ouvidos de um romano da Antiguidade da mesma significava coragem forma que ‘macheza’ soa aos nossos”¹¹ mais exatamente em batalhas. A palavra *vir* significava “homem” e *virtus*, “coragem”.¹² Diz McDonnell:

“Em contextos militares, *virtus* denota o tipo de coragem necessária para defender a pátria, mas o mais das vezes ela designa a conduta agressiva em batalha. Em situações não militares, geralmente a corajosa *virtus* se refere à capacidade de enfrentar e resistir à dor e à morte.”¹³

A masculinidade corajosa é exemplificada pela história de Gaio Múcio, jovem da nobreza romana da antiga República. Um rei etrusco chamado Porsena tinha sitiado Roma, posicionando uma guarnição de soldados ao redor da cidade. Gaio Múcio solicitou a autorização do Senado romano para se infiltrar no acampamento etrusco e matar Porsena. Mas, por engano, matou seu escriba, e foi capturado pela guarda pessoal do rei. Disse o jovem romano:

“Sou Gaio Múcio, cidadão de Roma. Aqui vim na qualidade de inimigo, para matar meu inimigo, e estou tão pronto para morrer quanto para matar. Nós, romanos, nos comportamos com bravura, e, quando nos atinge a adversidade, suportamos com bravura. Não sou o único que pensa assim, atrás de mim estende-se uma fileira de gente que almeja a mesma honra.”¹⁴

⁹ Aristóteles. **The Nichomachean ethics**. Trad. David Ross. Oxford World's Classics. S.l.: Oxford University Press, 1998. 63-73. Impresso. [Publicado no Brasil com o título de **Ética à Nicômaco**.]

¹⁰ É da palavra latina *virtus* que deriva a palavra “virtude. Isso se deve à expansão do conceito de *virtus* nos últimos estágios do Império Romano, quando ele absorveu um vasto espectro de valores alheios e virou uma espécie de “masculinidade moralizada”. A tese de McDonnell é de que as coisas não foram sempre assim, e ele apresenta diversos exemplos, na literatura e nos registros romanos mais antigos, comprovando que os romanos igualavam a *virtus* (“macheza”) a um valor marcial.

¹¹ McDonnell, Myles. **Roman manliness: virtue and the Roman republic**, Cambridge University Press, 2006. 4. Impresso.

¹² *Ibidem*. 12.

¹³ *Ibidem*. 31.

¹⁴ Lívio, Tito. **The rise of Rome: books one to five** (LV. 1-5). Livro 2: 12. Posição no texto 1482-1484. Kindle. [Publicado no Brasil com o título de **A história de Roma**.]

Porsena ameaçou lançar à fogueira Gaio Múcio, cuja reação foi enfiar a própria mão no fogo. Enquanto ela ardia em chamas, disse ele:

“Observe e aprenda o quanto o corpo pode ser insignificante para quem almeja uma glória maior.”¹⁵

Porsena confessou ao jovem que, fosse ele membro de sua própria tribo, o louvaria por sua bravura. Ao ser libertado, Gaio Múcio disse ao rei etrusco que havia trezentos outros romanos dispostos a se sacrificar do mesmo jeito para salvar a cidade, e que, se o cerco persistisse, cedo ou tarde um deles obteria sucesso na missão de matá-lo. Porsena despachou um enviado a Roma, para oferecer um acordo de paz, e Gaio Múcio ganhou o apelido de “Scaevola”, que significa “canhoto”, por ter perdido a mão direita no fogo.

Tanto para Aristóteles quanto para os romanos, coragem — e macheza — era a disposição de arriscar a vida e a integridade física de forma heróica, em face de um perigo aos membros da própria tribo, especialmente no contexto de uma guerra com outra tribo. Para Aristóteles, a mais nobre forma de coragem era o desejo de assumir um risco necessário à garantia de sobrevivência do grupo. A demonstração dessa disposição de arriscar a si próprio em prol da gangue é uma prova de lealdade que faz subir o valor de um homem perante os outros membros. Na hora do vamos ver, o homem que demonstra esse tipo de coragem é alguém com quem se pode contar para entregar tudo que tiver — mesmo em sacrifício próprio — pela sobrevivência do grupo. Quando não se vêem diante de uma ameaça à sobrevivência, os grupos podem se dar ao luxo de concebera coragem de forma metafórica e admitir menos sacrifícios; mas até restabelecerem a segurança, nenhum deles pode se dar ao luxo de se ocupar de sutilezas como “coragem intelectual”.

Hoje em dia, a palavra *coragem* é usada de forma indiscriminada. É só uma celebridade cair doente e não ficar o dia inteiro se lamuriando, para os tablóides louvarem sua “corajosa batalha” contra o câncer, contra a síndrome da fadiga crônica, contra a depressão ou até contra a compulsão alimentar. Não há nada de mal em reconhecer as dificuldades enfrentadas pelos outros, mas é o caso de também reconhecermos, como fizeram Aristóteles e os romanos, que a forma mais elevada e pura de coragem envolve um risco deliberado de lesão física ou de morte pelo bem do grupo. Quanto menor o risco, mais rarefeita a coragem.

Aristóteles acreditava que a coragem heróica era a forma mais nobre de coragem moral, mas mencionava também que a paixão, a animosidade, era “algo semelhante à coragem. Na **República**, Platão sugere que a crueldade bárbara procede daquela mesma parte do homem que inspira gestos de enorme coragem.¹⁶ A coragem seria como uma disposição de espírito devidamente adestrada, madura, socialmente consciente e cooperativa. O tradutor

¹⁵ Ibidem

¹⁶ Platão. **Republic**. Trad. Allan Bloom. Basic Books, 1968. 89. Impresso. [Livro 3: 410d—e] (Publicado no Brasil com o título de **A República**.)

Allan Bloom identificou a forma indisciplinada de coragem — chamada *thumos*¹⁷ ou ‘animosidade’ — como princípio ou sede do ódio ou da fúria.”¹⁸ Sócrates igualou os guardiões de sua cidade a “nobres cães”, capazes de serem gentis com os conhecidos mas ávidos por lutarem ferozmente contra os estrangeiros e intrusos, quando necessário.¹⁹

Para chegar à essência do que seja de fato a masculinidade, vamos deixar de lado, só por um instantinho, o revestimento da moralidade e da nobreza. Embora eu esteja firmemente convicto de que há homens que demonstram tendências heróicas num nível quase instintivo — como nobres cães — acho também que, antes de um homem se dispor a assumir qualquer risco em prol do grupo, deve se dispor a assumir riscos de um modo geral. Certos homens e mulheres podem ser descritos como “avessos a riscos, i.e., capazes de tudo para evitar qualquer tipo de risco. Antes que possamos nos mostrar dispostos a assumir riscos em prol do grupo — a que podemos dar o nome de “coragem superior” — também devemos estar imbuídos de uma certa “coragem inferior”, o que significa dizer que precisamos nos sentir confortáveis em assumir riscos. Assumir riscos é uma coisa que alguns fazem mais naturalmente que outros, e os homens fazem mais naturalmente que as mulheres.²⁰ Da mesma forma como se pode treinar a força, também se pode treinar a coragem. Mas assim como acontece com a força, alguns têm mais aptidão para assumir riscos que outros. Assumir riscos é uma forma dos machos socializarem. (Então eles se divertem avacalhando e provocando uns aos outros?) Quando não há um objetivo heróico em vista, os rapazes acabam se desafiando mutuamente a fazer todo tipo de estupidez. Só que o macho que se sentir confortável com os riscos de menor gravidade estará provavelmente mais seguro de si — e será mais bem-sucedido — na hora de assumir um risco heróico.

Ao responder à pergunta “O que é masculinidade?” também é importante que se tenha em vista o indivíduo no contexto do grupo. A coragem heróica é vantajosa para seus membros, mas, como já foi dito, também há vantagens em se desfrutar de prestígio entre eles, e os homens se digladiarão por esse prestígio. Para isso, é necessário um tipo menos nobre de coragem. E preciso certa animosidade em proveito próprio. A força do homem não se resume a uma ferramenta a ser usada a serviço dos outros. Os homens também usam sua força em prol dos próprios interesses, e é tolice achar que vão se submeter a uma infinidade de sacrifícios sem obter algum tipo de ganho pessoal, seja ele material ou espiritual. É de se esperar que eles lutem em prol de si mesmos, que disputem uns com os outros, que busquem atender aos próprios interesses. Não há nada mais natural que um homem querer triunfar e

¹⁷ Também transliterado “thymos”. Θύμος.

¹⁸ Platão, op. cit. 449. (Notas, Livro 2: 33)

¹⁹ Platão, op. cit. 52. (Livro 2: 373-376)

²⁰ Kruger, Daniel J. “Sexual selection and the male: female mortality ratio” [A seleção sexual e o diferencial de mortalidade entre homens e mulheres]. *Evolutionary Psychology* 2 (2004): 66-85. Web. 11 ago. 2011. <http://www.epjournal.net/filestore/ep026685.pdf/>

prosperar. Não será necessariamente o homem mais forte que exercerá a liderança, mas o homem que vier a assumir a liderança. Essa coragem intragrupal é necessária para que o homem imponha seus interesses aos dos outros homens no grupo. No nível mais primitivo, para impor os próprios interesses aos de outro homem é necessária a ameaça de uma violência latente. E assim que os homens sempre se mediram mutuamente e é assim que se medem até hoje. Essa corajosa disposição de espírito, egoísta e amoral, é necessária para que eles possam guindar-se acima dos outros homens na hierarquia. E a essência do espírito competitivo. Nariz com nariz, os homens ainda se examinam e tentam perceber se — e até onde — o outro estará disposto a impor os próprios interesses.

Se eu der um chega-para-lá, será que ele amarela? Ou será que devolve o chega-para-lá?

Esse “chega-para-lá” básico é a centelha da coragem. Sem que o homem disponha dela o suficiente, duvido que formas mais elevadas de coragem sequer sejam possíveis. São muitos os nomes que se dão ao tipo de coragem necessária para assumir riscos, ao levar adiante os próprios interesses. A maioria chama mesmo é de colhões.

Outra palavra é “combatividade” (*gameness*). Sam Sheridan escreveu a respeito, no livro **A fighter’s heart**. Combatividade é um termo que se usa em rinhas de cães para descrever a avidez do animal para entrar em combate, a fúria frenética e, depois, o absoluto envolvimento com a briga, mesmo em face da dor e da desfiguração, até a morte”.

Nessas rinhas, dois cães brigam até ficarem esgotados por alguma razão. Puxados para trás de “linhas de partida”, riscadas em cada córner, são novamente soltos. Aqueles que partem de volta para a briga — a que chamam “fazer um *scratch*” — são considerados combativos. As rinhas servem para testar a combatividade. De acordo com Sheridan, elas não foram feitas para ser um combate de morte. Os cães brigam até que um deles se recuse a cruzar a linha de partida e prosseguir com a briga.²¹ É que nem dar tapas no chão ou pedir arrego.

Ao se avaliarem mutuamente, os homens estão de olho na combatividade um do outro, e essa é a razão de sua relevância no livro de Sheridan, sobre lutas amadoras e profissionais. Essa disposição indomável é um tema que sobressai em toda jornada heróica. Nos esportes, é parte daquelas histórias de superação. O sujeito enfrenta o mais difícil dos desafios e, de repente, quando quase todo o mundo já o tinha por vencido, ele dá a volta por cima, contando apenas com a pureza de seu “coração”, e triunfa sobre o oponente. E o clímax de todas as histórias do personagem Rocky, da mesma forma como era um truque usado na maioria das lutas profissionais disputadas por Hulk Hogan. Em todo filme da franquia **Duro de matar**, John McClane só consegue evitar a catástrofe depois de apanhar horrores, e se recupera quando a derrota é iminente. Heróis como esses são dotados de um dinamismo

²¹ Sheridan, Sam. **A fighter’s heart**: one man’s journey through the world of fighting [Coração de lutador: a jornada de um homem pelo mundo das lutas]. Grove Press, 2007. 280. Impresso.

interior que os faz superar as dificuldades vezes e vezes sem conta, depois que outros já teriam desistido.

O homem flagrantemente combativo estará em vantagem sobre outro que não seja, apenas porque é de se esperar que o homem menos combativo vá se submeter a ele. Ao falar de masculinidade, algumas pessoas tentam determinar quem é “alfa” e quem é “beta” em determinada situação.²² Um amigo resumiu a coisa deste jeito: “Se você for capaz de tratar outro homem como se fosse seu irmão caçula, é porque é alfa.”²³ O alfa será o homem dotado de mais dinamismo, e tomará a frente do beta.

Fingir que se é combativo pode ser uma estratégia eficiente, desde que ninguém desmascare seu blefe. Dá para fazer isso por meio da linguagem do corpo, da entonação da voz, da escolha do vocabulário. Causar a impressão de que você está pronto para dar de si o quanto for necessário para conseguir o que quiser é uma maneira de estabelecer autoridade, seja você um presidiário, empresário, profissional encarregado da execução das leis, pai de família ou alguém tentando adestrar o cachorro. A maioria das pessoas não porá à prova alguém que fingir combatividade, se o ator for convincente o bastante. Fingir que se é combativo é um meio de impor sua própria vontade; até em sociedades primitivas as pessoas fazem isso o tempo todo. Aquelas tentativas frustradas de fingir combatividade — tentar parecer mais marrento do que se é, mas sem sucesso — são o que as feministas denunciam quando falam em homens que “encenam masculinidade” ou que se escondem sob o “disfarce de durões”. Ao fazerem isso, elas reconhecem o fato de que os homens de hoje continuam se sujeitando ao ritual do estabelecimento de hierarquias e do julgamento mútuo, mesmo que a maioria não tenha passado por teste algum e poucos cheguem um dia a combater. Pode até parecer uma coisa infantil de se assistir, precisamente porque divorciada da realidade extremamente grave de um cenário de sobrevivência.

É pena que a simulação de combatividade também possa induzir um comportamento delirante. Muita gente finge atividades e posturas de violência mesmo sem nunca ter enfrentado nem ter a expectativa de enfrentar a experiência da violência física. Saber que você pode falar o que quiser, porque logo atrás de você tem um brutamontes armado até os dentes, resulta numa atitude arrogante. As pessoas se permitem falar grosso, mesmo sem medir as conseqüências primitivas da violência, pois acreditam que os agentes da lei intervirão para deter ou punir o agressor. A combatividade delirante se sustenta na intimidação exercida por homens e mulheres prontos a usar de violência para fazer valer a lei. Esse delírio só é possível

²² Este é um assunto recorrente na “manosfera” e na galera da “combatividade”. Não acredito que alfas e betas sejam tipos fixos. Eu uso esses rótulos para descrever as relações dominantes e submissas entre determinados conjuntos de homens. O homem pode estar perto do topo numa hierarquia e perto da base em outra. O alfa de um homem pode ser o beta de outro. E coisa que faz sentido em nosso modelo de gangue baseado nos primatas, onde os membros se testam mutuamente e trocam de papéis. A troca ocorre até em hierarquias isoladas, e o macho hoje no topo pode não estar na liderança amanhã.

²³ Vlw Max.

quando quase não há perigo de escalada da violência. Em épocas e lugares menos seguros e exuberantes, a arrogância tinha de vir acompanhada da coragem e do destemor físicos. Quando não há expectativa nenhuma de que você vá ser “salvo” ou de que as pessoas se preocupem com a violenta retribuição do Estado, mexer com um sujeito de aparência perigosa é uma insensatez — a menos que você esteja pronto para sair na mão com ele.

Até certo ponto, a coragem indisciplinada da combatividade pode ser correlacionada à segurança de quem é dotado de um tamanho e de uma força descomunais — a não ser que muitos homens pequenos são tão ou mais combativos que seus adversários maiores. Os lutadores peso-mosca são um belo exemplo de homens extremamente combativos, mesmo sendo bem menos fortes que muitos homens parrudos, que, no entanto, são bem menos combativos. Esportes de combate que dividem seus atletas pelo peso são a prova de que homens de todos os tamanhos são capazes de demonstrar uma combatividade impressionante.

Tanto homens quanto mulheres podem ser combativos, mas raras vezes o prestígio das fêmeas humanas esteve condicionado a sua disposição para o combate. Mulheres acanhadas, educadas, passivas exercem atração sobre os homens e são geralmente benquistas pelas outras mulheres. Mesmo hoje, são poucos os homens que desperdiçariam a oportunidade de descascar um sujeito que maltratasse uma mulher, mesmo ela sendo desconhecida. E por isso que muitas mulheres se permitem ser arrogantes ou dar demonstrações de combatividade com relativa impunidade, e algumas acabam iludidas quanto ao potencial de que dispõem para cumprir com as próprias ameaças ou para se defender quando seus insultos resultam em violência.

Gravitas é outra palavra antiga, mas ainda usada para falar de macheza, especialmente no caso de atores e de políticos. Dizemos que o homem é dotado de gravitas quando ele nos convence de que é alguém a ser levado a sério. “Gravidade” vem da palavra latina *gravitas* (“peso”), que os romanos usavam do mesmo jeito que a gente usa a nossa, ou seja, para dizer que um homem ou uma coisa tinha de ser levada a sério. Em contraste com a imagem frenética de um pitbull combativo, ela contrabalança nossa concepção de coragem masculina. A coragem não se resume ao desejo de se lançar numa batalha, nem de galgar uma hierarquia, mas também diz respeito a defender posições. Os homens másculos não deixam dúvidas de que é preciso levá-los a sério, que eles têm peso, que não aceitam humilhações. Os homens querem que os outros saibam que é bom não mexer com eles, de tão “pesados” que são — e devem ser levados a sério.

Coragem é a disposição de espírito que anima a masculinidade, e é crucial para qualquer definição válida desta. Coragem e força virtudes sinérgicas. A superabundância de uma é menos valiosa quando não se tem uma quantidade adequada da outra. Em qualquer gangue de homens que lute pela sobrevivência, a coragem será estimada e respeitada em vida e reverenciada na morte. Ela constitui um valor tático crucial. Ser corajoso pode ser uma opção, e mesmo em sua forma mais elementar, a coragem é um triunfo sobre o medo. A coragem está associada ao coração, à disposição de espírito, à impetuosidade, mas é também um estímulo à luta e à vitória.

Além de abstrata, a coragem apresenta muitos aspectos — daí eu ter resumido sua definição, uma vez que ela está relacionada a nossa tentativa de entender o Código dos Homens e o *ethos* de gangue.

Coragem é a vontade de arriscar a se prejudicar para obter benefícios para si ou para outros. Em sua forma amoral mais elementar, coragem é uma vontade ou desejo impetuoso de combater ou de se defender a qualquer custo (combatividade, coração, disposição de espírito, *thumos*). Em sua forma mais evoluída, civilizada e moral, coragem é a vontade deliberada e decidida de arriscar a se prejudicar para garantir o êxito ou a sobrevivência de grupo ou de outra pessoa (coragem, *virtus*, *andreia*).

Comparando suas próprias experiências de lutador à observação de cães em luta, Sam Sheridan escreveu:

“Eles se contorcem furiosamente feito serpentes, se enroscando um no outro, expelindo golfadas de baba, rosnando feito ursos. A epítome da fúria. Eles abanam os rabos; é o que foram destinados a fazer, e estão cumprindo seu propósito, estão *se tornando*. Dá para ver sangue, mas os cães nem se importam, girando e subjugando, se desvencilhando e, depois, se reerguendo a patadas [...] toda a dor que sentem é suplantada pela gana de acabar com o outro cão. Eu conheço esse sentimento.”

Platão (ou Sócrates) também comparou os homens a cães. Uma das grandes tragédias da modernidade é a falta de oportunidades para que os homens se tornem quem são, para fazerem aquilo que nasceram para fazer, aquilo que seus corpos querem fazer. Eles poderiam ser como os nobres cães de Platão, mas estão acorrentados a uma estaca fincada no chão — entregues ao desatino de latir para as sombras da noite e ao escárnio dos desafios transitórios irresolutos, cujas conseqüências serão para sempre desconhecidas.

Destreza

Os homens sempre se reconheceram nos animais; sempre os veneraram e sempre reivindicaram para suas linhagens totêmicas uma origem animal. Eles remontaram suas origens a deuses que se assemelhavam a animais, tinham uma parte animal ou se metamorfoseavam em animais. Hércules era representado vestindo a pele de um poderoso leão que ele abatera. Guerreiros nórdicos se vestiam com peles de lobos e de ursos nas batalhas, para intimidar o inimigo e inspirar em si mesmos a coragem das feras. Nos exércitos astecas, era a elite dos guerreiros-jaguares que estava na frente de batalha. Em todo o mundo, unidades militares e equipes desportivas adotam nomes de animais formidáveis para representar sua própria força e combatividade.

Ao longo deste livro, comparei os homens a cães e a chimpanzés. Entretanto, nos esportes, na guerra e na vida, há outra virtude masculina comum a todos os homens e específica do ser humano, uma vez que, na maioria dos casos, ela depende de seu intelecto.

O sucesso ou o fracasso dos animais é devido, em grande medida, à combinação de suas circunstâncias e de sua adequação genética inata a determinada situação. O animal que se mostrar mais forte, mais ágil ou mais combativo triunfará sobre o animal inferior. Temos de projetar nossa própria humanidade nos animais, se quisermos fazer deles verdadeiros mestres em estratégia. A não ser nas espécies mais inteligentes, i.e., a dos primatas superiores, das orcas e dos golfinhos, em todos os outros animais, aquilo que se assemelha a habilidade é quase sempre instinto, não o produto da reflexão ou experimentação, da tentativa e erro. O desejo e a capacidade de usar a razão para desenvolver habilidades e tecnologias com as quais — sobre si exercer o controle sobre as próprias circunstâncias mesmo, sobre a natureza, sobre outros homens, sobre as mulheres — são uma virtude humana, ainda que sejam também o calcanhar de aquiles dos homens.

Se você perguntar aos homens o que significa ser bom em ser homem, quase sempre obterá respostas que serão parecidas com aquela série de competências em habilidades básicas, que se vêem em descrições de emprego.

Ainda que as descrições de emprego para homens apresentem diferenças inegáveis, a depender da época, do local e da cultura, a principal virtude de gangue que une todas elas é “ser capaz de fazer sua parte”.

As mulheres se sentem mais confortáveis em aceitar o auxílio benevolente do grupo porque essa sempre foi uma necessidade para elas. Uma mulher adulta saudável é obrigada a aceitar a ajuda do grupo, caso tenha de carregar um bebê, dar à luz e cuidar de uma criança. E, especialmente quando alcançam um patamar de segurança e prosperidade superior ao da mera sobrevivência, os homens avaliam as mulheres tomando por base não tanto sua utilidade, mas qualidades mais nebulosas, como atratividade e encanto social. Dispondo dos meios, a maioria dos homens sustentará de bom grado uma mulher que parecer despreocupada, bonita e charmosa.

O mesmo não acontece com os homens. E infinitamente mais raro que mulheres ou homens se disponham voluntariamente a sustentar um homem feito, fisicamente capaz. E ainda mais raro que o sustentem sem ressentimento. A vida de um homem adulto não fará sentido algum se ele for escusado de fazer sua parte, a menos que esteja doente ou ferido, ou que seja deficiente ou velho. As sociedades humanas admitem todas essas exceções, contudo a competência sempre foi crucial à saúde mental do homem e ao senso de seu próprio mérito. Cada homem quer fazer sua parte, é o que se espera que façam. Como diria Don Corleone, em quase toda a história da humanidade, as mulheres e as crianças sempre puderam se dar ao luxo de agir despreocupadamente, mas não os homens. Os homens sempre tiveram de demonstrar ao grupo que eram capazes de fazer sua parte.

Até conseguir atuar como um membro competente do grupo e fazer sua parte, você será um pedinte e um estorvo ao coletivo. Uma criança é uma criança, mas o adulto que não tem competência é um indigente. Um dos problemas com os estados assistencialistas inchados é que eles transformam todos nós em crianças ou indigentes, daí serem uma afronta e um obstáculo à masculinidade adulta. Já virou cena de comédia clichê homens e mulheres dando risada dos homens que se preocupam em ser competentes. Parece que a piada do “homem que se recusa a parar para pedir informações” nunca é surrada demais para as mulheres, que se sentem mais confortáveis em ser dependentes, nem para os tipos socialistas, para quem é indispensável reduzir o homem a um estado infantilóide de súplica e submissão à burocracia estatal para que o governo desmedido dos estados assistencialistas possa funcionar. A relutância masculina à dependência serve de bastião contra o terapêutico estado “maternal”.

Dependência é impotência. Entretanto, os homens sempre foram caçadores cooperativos e, num cenário de sobrevivência, acabam aderindo a hierarquias baseadas em força e combatividade. Os homens sentem um certo conforto natural na interdependência. As alegações de completa independência em geral não passam de papo furado. Poucos de nós um dia conseguiram ou conseguiriam sobreviver por conta própria durante um período de tempo mais extenso. Poucos de nós iríamos querer que isso acontecesse. Uma criança é completamente dependente e impotente, ela não tem controle sobre o próprio destino. No contexto da reciprocidade do grupo, controlar o próprio destino tem a ver com estar consciente do que se tem a oferecer e se tornar valioso para os outros. Para passar da dependência à interdependência, o mínimo estritamente necessário é ser competente e auto-suficiente — estar apto a fazer sua parte.

Ser um membro interdependente do grupo, em vez de um membro completamente dependente, significa desenvolver sua destreza numa série de habilidades úteis e entender algumas idéias úteis. As crianças são matriculadas na escola desenvolver destreza numa série de habilidades e num corpo de conhecimento dos quais achamos que elas precisarão para fazer sua parte na sociedade e atuar como adultos. A maioria dos militares despacham homens para campos de treinamento, onde aprendem uma série de habilidades e um corpo de conhecimento que, embora básicos, são necessários para quem queira atuar no meio militar.

Teoricamente, é de se esperar que aqueles que se formam num campo de treinamento façam pelo menos sua parte, seja num cenário ofensivo ou defensivo.

Entender o Código dos Homens significa entender de que maneira os homens se avaliam mutuamente, no desempenho do papel de homens, e de que maneira conferem prestígio uns aos outros no contexto de uma história primordial comum a todos. O amoral *ethos* de gangue masculino tem um caráter tático e utilitário; é mais ou menos como escolher quem vai entrar para uma equipe esportiva. Em vez de se preocuparem se você é uma boa pessoa ou não, as pessoas querem saber primeiro se você é um bom jogador. Especular sobre a moralidade dos atletas profissionais é uma forma popular de mexerico social masculino; entretanto, quando eles entram em campo, o que interessa mesmo é como podem contribuir para o sucesso da equipe. Os homens querem saber é se eles são dotados de capacidade física, de combatividade e de destreza nas habilidades necessárias para contribuir para a vitória de seu time.

Fundamentalmente, o Código dos Homens, o *ethos* de gangue e as virtudes táticas amorais dizem respeito à conquista da vitória. Antes de ter uma igreja, uma arte e uma filosofia, é preciso conseguir sobreviver. E preciso triunfar sobre a natureza e os outros homens ou, pelo menos, conseguir mantê-los à distância. Para vencer, é preciso ser dotado não apenas de força e coragem, mas também de destreza suficiente naquelas habilidades necessárias à vitória.

Formulado como uma virtude masculina:

Destreza é o desejo e a capacidade do homem de cultivar e demonstrar competência e expertise em conhecimentos técnicos que o ajudem a exercer a vontade sobre si mesmo, sobre a natureza, sobre as mulheres e sobre outros homens.

Níveis avançados de destreza e conhecimento técnico possibilitam aos homens disputar para aumentar seu prestígio no contexto do grupo, quando trazem para o acampamento, a caça ou o combate *mais* que o que seus corpos de ordinário permitiriam. A destreza pode ser complementar — o homem que se mostrar capaz de construir, caçar e combater, mas que também puder fazer direito alguma outra coisa, seja contar uma piada, preparar uma armadilha ou forjar uma espada, terá mais valor para o grupo e terá mais chances de desfrutar de maior prestígio entre seus membros que aquele capaz *somente* de construir, caçar e combater direito. A destreza também pode ser uma virtude compensatória, no sentido de que um homem mais fraco ou menos corajoso é capaz de fazer por merecer a estima de seus pares ao brindá-los com alguma outra coisa de grande valor. Ele pode perfeitamente ter sido o tampinha que dominou o fogo, inventou a balestra ou tocou a primeira música — e um homem desses terá feito por merecer o respeito e a admiração de seus pares. Homero era cego, mas há milhares de anos que os homens valorizam suas palavras.

Também as mulheres ganham seu sustento graças a algum tipo de destreza, e embora não sendo de forma exclusivamente masculina, o fato é que a destreza tem muito a ver com

a disputa de prestígio entre eles. Se a necessidade é a mãe da inventividade, a necessidade de disputar prestígio e a estima de seus pares — de ocupar no grupo um espaço que seja valorizado — é o que leva muitos inventores a bolarem seus inventos. O impulso de assumir o controle de alguma coisa é parte do impulso de controlar a natureza.

Força, coragem e honra constituem uma pequena tríade uma vez que todas estão diretamente associadas à violência. Mas a descrição de como os homens julgam os homens no papel de homens estaria incompleta sem algum conceito de destreza. Força, combatividade e disputa de prestígio são fenômenos que se vêem em todos os animais, mas é o impulso consciente de controlar nosso mundo que distingue os homens das feras. Quer seja você um monarca benevolente ou um gângster implacável, o mérito do homem dotado de uma habilidade, talento ou tecnologia especial pode ser equivalente ou exponencialmente maior que o do mais violento de seus sequazes. Muitas vezes é graças à destreza, mais que à força bruta, que as elites conseguem mandar. A masculinidade jamais pode ser separada de sua conexão com a violência, porque, em última instância, é por meio da violência que disputamos prestígio e exercemos poder sobre os outros homens. Contudo, graças à destreza em certas habilidades e tecnologias, os homens obtêm uma vantagem decisiva na hora de combater, caçar e sobreviver.

Honra

A idéia de honra faz acender uma luz antiga, tão acolhedora e radiante que todo o mundo sente vontade de ser iluminado por ela. É o desejo mais natural do mundo, porque honra, no sentido mais inclusivo, significa estima, respeito e prestígio. Ser honrado por seus pares é ser respeitado por eles.

Em **Leviatá**, Thomas Hobbes escreveu que honrosa era “qualquer espécie de posse, ação ou qualidade que constitui argumento e sinal de poder”²⁴ Ele acreditava que a honra subsistia num livre mercado, onde seu valor era acordado entre os homens com base no que os homens tinham a oferecer e no valor que os outros homens lhe atribuíam. Para Hobbes, a honra era uma forma de deferência, um reconhecimento do poder e influência exercidos sobre outros homens.

Em nossa gangue rudimentar, composta de poucos homens mutuamente dependentes num ambiente hostil, essa definição está diretamente relacionada às outras três virtudes masculinas. Num ambiente hostil, força, coragem e destreza são todas absolutamente necessárias à sobrevivência, e todo mundo na gangue sabe que é assim porque as ameaças externas são regulares e iminentes. Os homens que exibem características como essas serão mais valiosos para o grupo e darão uma contribuição maior a sua sobrevivência e prosperidade. A deferência é um reconhecimento à interdependência e à lealdade.

Numa sociedade relativamente segura, embora o poder derive em última instância da habilidade em se usar de violência, são tantos os intermediários envolvidos que a pessoa que exerce mais poder e influência pode ser tão-somente aquela com mais dinheiro ou popularidade. Cantoras pop adolescentes e apresentadores de *talk show*, por exemplo, são capazes de exercer um poder e uma influência tremendos — mas que pouco ou nada têm a ver com a estima devotada àqueles combatentes que deram à palavra *honra* seu brilho heróico.

Segundo James Bowman, existem dois tipos de honra. A *honra reflexiva* é o desejo primitivo de responder a uma agressão com outra, para mostrar que você está disposto a se defender.

Desenvolvendo a teoria de Bowman, a honra reflexiva é o chocalho da cascavel, que sinaliza sua reputação retaliatória e que uma velha e conhecida divisa assim resumia: *Nemo me impune lacessit*, i.e., “Ninguém me fere impunemente”. Proteger a honra é uma atitude tão defensiva quanto ofensiva — mesmo o ataque sendo preventivo, como quase sempre é. As pessoas estarão mais inclinadas a deixá-lo sozinho se tiverem medo de que você as machuque; e se você fizer os homens recuarem de medo, desfrutará de prestígio entre eles. O mesmo vale para o grupo, e, num cenário de sobrevivência, transmitir uma impressão

²⁴ Hobbes, Thomas. **Leviathan**. 1651. Cambridge University Press, 1996. 65. Impresso. [Publicado no Brasil com o título de **Leviatá**.]

amedrontadora em geral representa uma vantagem tática. Quer dizer, é taticamente vantajoso cultivar uma reputação de força, disposição para a luta e destreza técnica.

Uma vez, um homem disse: “Se eu consinto que o sujeito surrupie minhas galinhas, por que não haveria de deixá-lo abusar de minhas filhas?” Isso é honra reflexiva.

Bowman também reconhecia a idéia de uma honra cultural, definida como a soma das “tradições, histórias e hábitos de pensamento de uma sociedade em particular, sobre os usos da violência julgados apropriados e aqueles julgados impróprios.”²⁵

Sua definição de honra cultural apresenta uma feição moral. Ainda que Bowman a vincule à violência, como apontado anteriormente, ao longo de seu livro ele observa que existe um conflito, especialmente (mas não exclusivamente) na mentalidade ocidental, entre uma honra pública masculina e uma honra moral, privada, que tanto tem a ver com a filosofia pessoal do indivíduo e seu desejo de ser uma boa pessoa quanto com a reputação do indivíduo de apelar a retaliações violentas, no entender dos homens. Embora a percepção do autor sobre a honra cultural derive da honra reflexiva, em última instância a honra cultural se refere a ser um bom homem, não a ser bom em ser homem.

Em razão de estar vinculado à moralidade e a tudo aquilo que é culturalmente valorizado, o código de honra cultural pode se transformar em qualquer coisa. É o que se vê pelo jeito como se limpa o sangue da espada da honra, hoje em dia. A palavra *honra* é empregada para indicar quase todo tipo de estima, deferência ou respeito, de um modo geral. Programas escolares de reconhecimento, como a National Honor Society* são uma extensão do senso de honra meritocrático, hierárquico — porque estudar é um esforço para aprimorar a destreza — por maior sua neutralidade de gênero e sua não violência. A deferência que Hobbes reconhecia à honra se aplica hoje a conceitos abstratos, que pouco ou nada têm a ver com a honra tradicional.

Por exemplo, a divisa “Honre a diversidade” faz sucesso entre defensores dos diretos *gays*, que repudiam as definições tradicionais, hierárquicas, tanto de honra quanto de masculinidade. Essa divisa é interessante, uma vez que seu significado é “Honre todo o mundo e todas as coisas”, basicamente. Mas se todo o mundo e o modo de vida de todo o mundo forem igualmente dignos de honra, a honra não terá nenhuma hierarquia e, portanto, quase nenhum valor, segundo a teoria econômica da oferta e da procura. “Honre a diversidade” não quer dizer muito mais que “Seja legal”.

Se é para a honra significar alguma coisa, então ela tem de ser hierárquica. ser honrado, como reconhecia Hobbes, é ser estimado, e os seres humanos tendo diferentes capacidades e diferentes motivações, alguns serão objeto de maior estima que outros, Os

²⁵ Bowman, James. **Honor**: a history [Honra: uma história]. Encounter Books, 2006. 6. Impresso.

* Fundada em 1921 nos EUA e hoje com capítulos em diferentes países, a NHS é uma organização que homenageia semestralmente os alunos do ensino médio que se destacam em quatro quesitos: conhecimentos, liderança, prestação de serviços e caráter. (N. do T.)

americanos mantêm uma relação problemática com a idéia de honra; eles sempre se deixaram inebriar um pouco pela idéia de que “todos os homens são criados iguais”, e os políticos passaram dois séculos convencendo tudo quanto é zé-ninguém de que a opinião dele é tão valiosa quanto qualquer outra — mesmo que ele não faça a mínima idéia do que está falando. Os homens americanos professam a crença na igualdade, mas é só enfiar um punhado deles numa sala ou lhes propor uma tarefa, para eles se saírem com hierarquias tipo **Senhor das moscas**, igualzinho ao que os homens sempre fizeram. A religião da igualdade dá lugar à realidade da meritocracia, e já não se vê hiato tão grande entre o adágio de Godofredo de Charny, “Quem faz mais vale mais”^{**} e o exacerbado individualismo do americano, de quem se espera que seja capaz de se erguer “por seus próprios esforços”.

Honrar um homem é reconhecer seus feitos e admitir que ele alcançou maior prestígio no grupo.

Se a gente parasse por aqui e dissesse que a honra não passa de uma posição de prestígio no grupo, ainda acabaria com uma definição irreconhecível para os cavaleiros medievais, os samurais, os antigos gregos e os antigos romanos, que — entre muitos outros — conferem à idéia de honra a nobre e mítica qualidade que a torna tão atraente.

A razão disso é simples.

A honra sempre esteve relacionada à estima de grupos de homens.

É provável que nunca tenha ocorrido a Hobbes incluir esta advertência porque, apesar da eventual monarca feminina,^{***} ele viveu a vida toda num sistema concebido para favorecer os interesses masculinos. Antes de nossa época, a idéia de um sistema no qual as mulheres tivessem voz igual à dos homens era coisa que só uns poucos conseguiam imaginar. Os homens sempre mandaram, sempre decidiram quais comportamentos eram honrosos e quais eram considerados desonrosos. E embora a especificidade desses códigos de honra tivesse mudado a par das mudanças operadas nas circunstâncias e na moralidade vigente, a maioria dos homens ainda reconhecia a necessidade táctica fundamental da honra reflexiva. Eles ainda julgavam uns aos outros, em seu desempenho no papel de homens, segundo as virtudes masculinas elementares da força, da coragem e da destreza.

Quando a palavra “honra” é associada à palavra “cultura” e concebida de forma negativa, a impressão é de que os cientistas sociais se sentem mais confortáveis com uma definição de honra semelhante àquela que apresento aqui. Não faz muito, chamou a atenção

^{**} Cavaleiro francês afamado pelas virtudes, Godofredo de Charny (c. 1306-1356) é autor do **Livre de chevalerie** [Livro de cavalaria], no qual faz a defesa do ideal cavaleiresco. Dele consta o adágio “Qui plus fait, mieux vault.” (N. do T.)

^{***} Os primeiros quinze anos de vida de Thomas Hobbes foram vividos sob o reinado de Isabel I da Inglaterra. (N. do T.)

dos principais meios de comunicação²⁶ um artigo que vinculava a elevada incidência de mortes acidentais entre homens, de um lado, à cultura de risco e de honra em estados do sul, de outro.²⁷ Os pesquisadores em questão definiram a cultura de honra segundo a ênfase cultural atribuída à “incansável e às vezes violenta defesa da reputação masculina, que se ser uma adaptação social a um ambiente caracterizado de recursos, pelas freqüentes agressões intergrupais (por exemplo, pilhagem) e pela ausência do estado de direito”.²⁸ Sua hipótese era de que os homens criados em culturas de honra teriam uma tendência maior a adotar comportamentos de risco pois “comportamentos de risco proporcionam uma prova social de força e audácia”. Embora o estudo revelasse o preconceito dos autores, ao se fixarem na cultura de honra dos Ulster-Scots do sul dos EUA, brancos,^{****} e evitarem discutir culturas semelhantes entre gangues prisionais de latinos, ditadores africanos e terroristas islâmicos, os pesquisadores parecem concordar que a honra entre os homens tende a ser definida por sua preocupação em preservar uma reputação de força e coragem (duas de nossas outras três virtudes masculinas).

Bowman e outros escreveram que “a honra depende do quadro de honra”.²⁹ Quadro de honra é a gangue masculina, e culturas de honra dizem respeito ao prestígio entre os homens de determinada gangue. Nesse estudo sobre “estados de honra”, os sociólogos concluíram, em resumo, que alguns homens se importam mais que outros com o que pensam a seu respeito — mais especificamente, a respeito de sua reputação de força, coragem e destreza. Os quadros de honra contam com um senso de identidade comum. Num cenário cosmopolita, onde as viagens freqüentes, as conexões passageiras e as alianças temporárias são a regra, o embate entre nós e eles nunca chega a tomar forma no nível do contato interpessoal direto. Em vez disso, o quadro de honra é ritual ou metafórico — como ocorre com equipes desportivas, partidos políticos e posições ideológicas. Essas fidelidades podem ser facilmente

²⁶ Carollo, Kim. “‘Honor culture’ linked to accidental deaths” [“Cultura de honra” associada a mortes acidentais]. ABC, 15 ago. 2011. Web. 28 ago. 2011.

<http://abcnews.go.com/Health/honor-culture-linked-higher-rate-accidental-deaths-south/story?idz14292632>

²⁷ Collin D. Barnes, Ryan Brown e Michael Tamborski. “Living dangerously: culture of honor, risk-taking, and the nonrandomness of ‘accidental’ deaths” [Vivendo perigosamente: cultura de honra, cultura de risco e a incontestância das mortes “acidentais”]. *Social Psychological & Personality Science*. 1948550611410440, publicado originalmente em 8 jun. 2011. On-line.

<http://spp.sagepub.com/content/early/2011/06/03/1948550611410440>

²⁸ Idem.

^{****} Tendo migrado originalmente das terras baixas escocesas para a província do Ulster, no norte da Irlanda, sob as ordens de Jaime I da Inglaterra, que pretendia solapar a ascendência dos galeses na região, os Ulster-Scots (escocesas do Ulster I depois migrariam de novo, dessa vez para o sul dos EUA, levando com eles uma cultura forjada numa vida de atribulações e em sua confissão presbiteriana. (N. do T.)

²⁹ Bowman, James, op.cit. 38.

desprezadas, e a responsabilização pessoal é mínima. A garantia da honra são as conexões cara a cara e o risco de incorrer em vergonha ou desonra aos olhos dos outros homens, o que explica parcialmente por que aqueles que se criaram juntos no mesmo quarteirão do gueto ou na mesma área rural, ou que compartilharam o beliche um certo tempo, estarão mais inclinados a se interessar pela honra que aqueles mais errantes, que viajam muito, ou que passam tempo com outros homens somente na presença mulheres.

E a forma como isso se relaciona à compreensão do *ethos* masculino:

Honra é a reputação de força, coragem e destreza da qual um homem desfruta no contexto de um quadro de honra constituído principalmente de outros homens.

Formulado como uma virtude masculina:

Honra é o interesse demonstrado pela reputação de força, coragem e destreza da qual se desfruta no contexto de um quadro de honra constituído principalmente de outros homens.

Existem códigos morais e códigos de honra culturais que levam em conta a estima dos homens por aqueles lotados nos quadros de honra. Mas a questão aqui é reduzirmos a masculinidade a princípios fundamentais sem nos perdermos num pântano de códigos de honra culturais variáveis. O que têm em comum a honra de um mafioso e a de um cavaleiro, a honra de um dos fundadores dos EUA, Alexander Hamilton,³⁰ e a de um selvagem peladão qualquer, é o cuidado com a reputação de força, coragem e destreza, e como isso se relaciona ao senso de mérito e pertencimento do homem, no contexto de um quadro de honra masculino.

COMPREENDENDO A DESONRA

O que explica parcialmente por que a honra é uma virtude, em vez de um mero estado de coisas, é o fato de que demonstrar interesse pelo respeito de seus pares é uma demonstração de lealdade e uma indicação de pertencimento — de estar entre *nós*, em vez de entre *eles*. É uma demonstração de deferência. Hobbes observou que os homens se honravam mutuamente buscando aconselhamento mútuo e imitando uns outros. Dar importância a que os homens a sua volta pensam de você é uma demonstração de respeito, e, inversamente, não dar a mínima para o que os outros pensam de você é sinal de desrespeito. Num bando de sobrevivência, é taticamente vantajoso preservar a reputação de força, coragem e destreza. Quando o homem não se importa com a própria reputação, por associação, sua equipe parece fraca. Tanto a desonra quanto o desprezo pela honra são perigosos para um bando de sobrevivência ou uma equipe de combate, tendo em vista que transmitir uma impressão de

³⁰ Hamilton faleceu devido a um ferimento sofrido num duelo de pistola com o vice-presidente Aaron Burr, em 1804.

fraqueza é um convite ao ataque. Quando se dá num nível pessoal, intragrupal, essa impressão de fraqueza ou submissão é um convite para que os outros homens imponham os próprios interesses sobre os seus.

Os problemas táticos suscitados pela impressão de fraqueza do grupo explicam, até certo ponto, a reação visceral de muitos homens às exibições exageradas de *efeminação*. Aqui, a palavra efeminação é um tanto enganosa, em razão do assunto não ter nada a ver com mulher. A repugnância ao que se costuma chamar *efeminação* diz respeito à ânsia masculina de prestígio e a interesses práticos em vulnerabilidades táticas, e seria mais exato discutir a desonra em termos de *masculinidade deficiente* e desonra ostentosa.

A masculinidade deficiente não passa de falta de força, coragem ou destreza.

Em razão da masculinidade e da honra serem hierárquicas por natureza, de certa forma todo homem sofre de uma deficiência de masculinidade, quando comparado a outros de maior prestígio. E sempre haverá um homem de maior prestígio, se não em seu grupo, então em outro; se não por causa disto, então por causa daquilo; se não agora, então outra hora. Não existe homem que seja, ao mesmo tempo, mais forte, mais corajoso e mais inteligente ou mais destro que todos os demais — mesmo que alguns estejam mais próximos que outros da “forma” ideal ou perfeita de masculinidade. Em seu ideal de perfeição, a masculinidade é uma aspiração inatingível. Importa se tornar melhor, mais forte, mais corajoso e mais destro — para alcançar uma honra maior.

Os homens nos quais essas qualidades sejam ínfimas, ou que sofram da falta excessiva de alguma delas em particular, são aqueles que os outros não querem ser, são os mais distantes do ideal. Mas contanto que não desprezem abertamente esse ideal, nem tentem mudar a regra do jogo para parecer “mais masculinos”, graças à criação artificial de um novo padrão, os membros da gangue ou tribo que sofram uma deficiência incomum de força, coragem ou destreza se beneficiarão da tendência dos homens a incluí-los e ajudá-los. Mesmo aqueles com menor prestígio ainda costumam ser incluídos, a não ser que tragam vergonha para o grupo como um todo — e, por causa disso, exponham-no a riscos, pelo menos em teoria ou que fracassem tão miseravelmente a ponto de virarem fardo excessivo. A maioria dos homens de maior prestígio são monstros, nem a maioria dos homens de menor prestígio querem ser um fardo para os outros (porque dependência é escravidão), daí que, geralmente, os homens que não são bons em serem homens tentam dar um jeito de se tornar úteis ou pelo menos toleráveis para determinado grupo de homens. E só sar naqueles gordinhos engraçados, naqueles artistas delicados ou naqueles camaradas incentivadores, que se encarregam de deixar tudo em ordem para os homens de ação. Parece que, em todo grupo numeroso de homens, há membros que assumem esses papéis de menor prestígio, sem deixar de participar do quadro de honra.

A masculinidade deficiente é indesejável, e resulta em queda de prestígio. Os homens a desprezam quando a identificam em si mesmos porque, claro, preferem ser mais fortes, mais

corajosos e mais destros. Raras vezes a masculinidade deficiente suscita o ódio ou a fúria de um grupo masculino, ainda que possa resultar num sentimento generalizado de frustração.

DESONRA OSTENTOSA

A masculinidade deficiente é um processo de tentativa e erro. Os fracassos são parte das tentativas, e se os homens caçoam e provocam uns aos outros, não existe nenhum, entre aqueles que se tornaram destros em alguma área, que o tenha conseguido sem enfrentar certa dose de fracassos ao longo caminho.

Uma vez que os grupos masculinos são hierárquicos quanto maior a ascendência, melhor — mas uma certa dose de submissão é essencial para qualquer grupo cooperativo de homens. A menos que alguns estejam dispostos a ceder aos outros, quando acaba, vai ter cacique demais para pouco índio. Na qualidade de uma virtude, honra significa se importar com o que os outros homens pensam a seu respeito, fazer por merecer a estima deles e se impor o melhor possível para galgar a mais alta posição relativa no grupo.

A desonra ostentosa não implica falta de força ou de coragem. Homens ostentadamente desonrosos exibem um descaso patente pela estima de seus pares masculinos. Aquilo que se costuma chamar de efeminação é a rejeição teatral à hierarquia dos homens e às virtudes masculinas. Se a masculinidade é religiosa, os homens ostentadamente desonrosos são blasfemos. A desonra ostentosa é um insulto aos valores fundamentais do grupo masculino.

A desonra ostentosa é o desinteresse abertamente expresso pela reputação de força, coragem e destreza da qual se desfruta no contexto de um quadro de honra constituído principalmente de outros homens.

Em 1994, Michael Kimmel escreveu um ensaio que asseverava, de um jeito provocativo, que a “homofobia é um princípio organizador fulcral de nossa definição cultural de masculinidade”. Na seqüência, esclareceu que essa homofobia pouco ou nada tem a ver com práticas homossexuais, nem sequer com o medo real de homossexuais. Disse ele: “A homofobia é o medo de que outros homens venham a nos desmascarar, a nos emascular, a revelar ao mundo que não estamos à altura, que não somos homens de verdade. Nós temos medo de deixar que outros homens percebam esse medo.”³¹

E por que chamar de homofobia?

Essa espécie de ânsia masculina por prestígio, descrita por Kimmel, tem muito a ver com a maneira como os homens se embanam para adaptar o conceito de honra, da reduzida gangue de homens ligados entre si para uma complexa sociedade contemporânea, cheia de mensagens embaralhadas e grupos masculinos justapostos. Esse medo é o medo do

³¹ Kimmel, Michael S. “Masculinity as homofobia” IA masculinidade como homofobia). **Reconstructing gender: a multicultural anthology** (Reconstruindo os gêneros: uma antologia multicultural). Estelle Disch, ed. 3 ed. McGraw Hill, 2003. 103-09. web. 8 set. 2011. <http://www.neiu.edu/~circill/F787Z.pdf>

desconhecido. No grupo masculino consolidado, com fortes ligações, os homens sabem seu lugar na hierarquia. Não há onde se esconder, daí eles não terem tanto medo de ser desmascarados como uma fraude — e, como numa espécie de sistema primitivo de classificação desportiva, os homens são constantemente avaliados em relação aos outros e em relação às forças externas.

Foi isso que observei nas poucas aulas introdutórias de jiu-jitsu brasileiro que tive, em ginásios onde todo o mundo tem de lutar com todo o mundo. Não demora para os homens descobrirem quem é bom e quem não é. Não tem como ocultar nem dissimular as coisas. E pouco importa se na foto de seu perfil na internet você aparece com cara de mau, nem se seu teatrinho é convincente, já que não dá para ignorar o camarada que estiver levando você a nocaute por estrangulamento. Você fica exposto exatamente do jeito que é, e só o que resta é se aperfeiçoar. A única forma de aumentar seu prestígio no grupo é se esforçando ainda mais e se tornando ainda melhor.

A desonra ostentosa é um pouco como entrar naquele ginásio, cheio de homens tentando se aperfeiçoar no jiu-jitsu, e insistir que parem o que estiverem fazendo e prestem atenção em sua fantástica coreografia de sapateado inédita. O homem ostentosa desonroso quer chamar a atenção para uma coisa que não interessa ao grupo masculino ou que não é apropriada naquele momento.

Num nível primitivo, essa desonra ostentosa apresenta problemas táticos ao grupo. Ao rejeitar pública e teatralmente valores masculinos fundamentais, em particular a força e a coragem, o macho ostentosa desonroso apregoa, a quem vê de fora, tanto a fraqueza quanto certa propensão à submissão. Qualquer um que estude de forma honesta a linguagem corporal humana (e, em muitos casos, a primata) será obrigado a reconhecer que as posturas, gestos e entonações dos machos geralmente considerados efeminados são, de fato, posturas, gestos e entonações que transmite a idéia de submissão. O ser humano é complicado, e, na hora do aperto, os machos estereotipadamente efeminados nem sempre são tão submissos quanto a linguagem corporal parece indicar. Contudo, é a submissão o que eles apregoam.

Essa submissão está correlacionada à homossexualidade masculina, e o problema que os homens têm com os homossexuais masculinos — à parte a preocupação com as investidas indesejadas — está principalmente relacionado à percepção da excessiva disposição que estes demonstram em se submeter a outros homens. Existem heterossexuais efeminados extremamente submissos ou ostentosa desonrosos. Kimmel exemplo, embora heterossexual, é ostentosa desonroso. Suas munhecas são flácidas, seus gestos são delicados, seu comportamento é afetado, e ele devotou a carreira inteira rejeição escancarada das virtudes masculinas e à perseverante desvalorização dos códigos de honra masculinos. Não que eu tenha necessidade de insultá-lo. Nenhuma dessas qualidades é negativa, segundo seu próprio ponto de vista, e tenho certeza de que ele se orgulha do trabalho de sua vida. Ele é um exemplo acabado do heterossexual masculino que rejeita flagrantemente as virtudes de gangue: força, coragem, destreza e honra.

É obvio que o homem que rejeita ostentadamente os códigos de honra do grupo não é alguém em quem se possa confiar para “assumir posição de sentido”, numa situação de emergência. Desonra é deslealdade. Se o homem não somente se recusa abertamente em se empenhar para ser o mais forte, o mais corajoso e o mais competente possível, mas desdenha teatralmente desses códigos na frente de todo o mundo, nesse caso ele é um elo fraco. Ele faz seus pares parecerem mais vulneráveis, por tolerarem a vulnerabilidade, e mais covardes, por tolerarem a covardia. Ele traz vergonha para o grupo — e com ela vem o perigo, uma vez que exposições públicas de fraqueza e covardia são um convite ao ataque.

Este raciocínio tático é de grande ajuda para explicar por que os homens que desempenham com sucesso seu papel em quadros de honra masculinos fazem estardalhaço de sua rejeição a machos ostentadamente desonrosos e de seu distanciamento deles. Quando determinado grupo expulsa os machos efeminados, ou quando os humilha e os empurra para a marginalidade, ele transmite força e união. O grupo demonstra que “Aqui não se toleram homens que não sejam masculinos.”

É costume justificar a marginalização de homossexuais e daqueles considerados homossexuais invocando-se leis divinas ou naturais — eis como se distorcem as coisas, para que os homens possam ser absolvidos da responsabilidade pela crueldade social contra membros da própria tribo. Quando rejeitam os efeminados, os homens estão rejeitando a fraqueza, lançando-a fora e se purificando de seu estigma corrosivo.

Em diversas sociedades que toleraram abertamente a efeminação, os machos ostentadamente efeminados acabaram relegados a desempenhar um papel especial, meio-homem e meio-mulher. Na América do Norte, por exemplo, os nativos *berdake* não eram vistos nem como homens nem como mulheres. Em geral, eram homens, que se vestiam de um jeito diferente para se distinguir dos outros homens; costumavam se dedicar àquelas atividades que o vilarejo considerava tarefa das mulheres; e não raro a percepção a seu respeito era de que cumpriam um papel intermediário, entre os homens e as mulheres”.³² Os *hijras* indianos são outro exemplo de machos ostentadamente desonrosos (ou que se acham em “inconformidade de gênero”, se preferirem o jargão feminista), que são aceitos em sociedade contanto que também aceitem a condição de gênero especial e vivam apartados dos homens normais.

O poder conceitual da honra deriva do fato dela estar relacionada a uma necessidade primordial, comum a todos os homens: demonstrar que têm valor para o grupo — que estão mais para receita que para despesa. As mulheres têm um valor à parte do valor dos homens, e isso não tem nada a ver habilidades de força, coragem e destreza que elas demonstrem. Os

³² Schnarch, Brian. “Neither man nor woman: berdache; a case for non-dichotomous gender construction” [Nem homem nem mulher: berdache; um caso de construção de gênero não dicotômica] *Anthropologica* XXXIV (1992): 105-21. JSTOR. web. 8 set. 2011.

<http://0-www.jstor.org.catalog.multcolib.org/stable/25605635>

homens que manifestam alguma forma de ineficiência ou deficiência podem arrumar outro jeito de gerar valor. A maioria dos homens se preocupa que os outros os julguem fortes corajosos, competentes porque, ao longo de boa parte da história da humanidade, essas virtudes táticas foram essenciais ao desempenho de seu papel de homens e a sua própria sobrevivência.

Seja numa guerra ou numa emergência, essas virtudes ainda seriam de uma importância fundamental — em comparação, todas as outras seriam secundárias.

Em períodos menos extremos, à medida que vão diminuindo as oportunidades de os homens darem mostras de suas virtudes táticas, a honra estende seu escopo. Os homens ainda lutam para provar seus méritos aos outros homens. Ainda lutam para provar que vale a pena estarem por perto, que vale a pena pertencerem ao grupo — que são membros valiosos de “nós”. Quando as atividades de caça e combate se tornam menos necessárias, os homens procuram aumentar seu valor perante os outros homens provando que são boas pessoas ou que são bons cidadãos — i.e., bons membros da tribo. Procuram provar que são bons homens. Falando conceitualmente, a preocupação em merecer e zelar pela reputação de bom homem se justapõe à honra, em razão de se tratar de um outro jeito de agregar valor e de demonstrar seus méritos para os outros homens. Na qualidade de virtude, a honra é uma demonstração de lealdade ao grupo, por isso é natural que ela passe a abarcar outras manifestações de lealdade a seus valores — de louvar piamente os deuses tribais a “defender o que for certo”, de acordo com os códigos éticos do grupo.

Não obstante, em sua origem, a honra diz respeito a demonstrar aos homens que se é bom em ser homem e em cumprir com o principal papel atribuído aos homens dentro do perímetro. Provar aos outros homens que se é um bom homem é consequência disso. A preocupação em ser um bom homem está relacionada à virtude da honra, mas não está em sua origem. A importância que atribuímos ao que pensamos a nosso respeito se deve, antes de tudo, ao fato dos homens sempre dependerem uns dos outros para sobreviver. O triunfo sobre a natureza e o triunfo sobre outros homens — a sobrevivência, a prosperidade e a vida em si — é que conferem à honra o brilho radiante que atrai os homens e os afasta da desonra.

O que significa ser um bom homem

“Vemos homens que professam todas as qualidades de credo alcançarem, sob seu influxo, quase todos os patamares de mérito ou demérito. Não é a isso que chamo religião, essa profissão e declaração de fé; e que não raro se resumem a uma profissão e declaração de fé provenientes das exterioridades do homem, de sua mera região argumentativa, se é que chegam a ser tão profundas. Mas aquilo em que o homem crê verdadeiramente (e não raro só isso lhe basta, sem que ele precise declará-lo sequer a si mesmo, que dirá aos outros); aquilo que ele guarda verdadeiramente no coração, e do qual tem absoluta certeza, sobre suas relações vitais com este misterioso Universo, e sobre o dever e o destino que nele lhe estão reservados, trata-se, em todo caso, do que há de mais importante para o homem, e que, de forma original, determina tudo o mais. Eis sua religião; ou, quiçá, seu mero ceticismo e irreligiosidade: a maneira como ele se sente ligado espiritualmente ao Mundo Invisível, ou Não Mundo; e digo mais: explicando-me o que seja isso, você conseguirá explicar, em enorme medida, o que é o homem, quais os tipos de coisa que ele realizará.”

— Thomas Carlyle, Os heróis e o culto dos heróis.

Reduzir a masculinidade a um punhado de virtudes táticas pode parecer rude, agressivo, incivilizado. Mas e a virtude moral? E a justiça, a humildade, a caridade, a fé, a retidão, a honestidade e a temperança?

Essas virtudes não são masculinas, também?

Os homens não são monstros desapietados, nem máquinas. Os homens se preocupam com outras coisas que não caçar, matar e se defender. Assim como são capazes de ser cruéis, os homens são capazes de ser compassivos, também.

Os homens pensantes perguntam o porquê das coisas. Não é sempre que a vitória lhes basta. Os homens querem acreditar que estão certos e os *inimigos*, errados. Para distinguir entre *nós* e *eles*, os homens vêem falhas morais nos inimigos e criam códigos de conduta que distingam a eles mesmos como bons homens. Um exemplo dos mais eloqüentes é o do cavaleiro cristão — um asceta empenhado em atos de piedade e de violência, envergando sua reluzente armadura para combater em defesa do bem, com Deus a seu lado. A maioria dos homens concorda que o melhor é ser um bom homem que enfrenta os homens maus. Preferem ser heróis a vilões. A maioria dos homens quer ter de si uma imagem positiva, de bons homens lutando por algo maior que a mera sobrevivência ou algum tipo de benefício.

Quando se pergunta aos homens o que faz do homem um homem *de verdade*, muitos deles vão assumir um ar de superioridade e deitar falação sobre o que significa ser um *bom* homem.

— O homem de verdade nunca bate em mulher.

— O homem que não dedica um tempo à família nunca será um homem de verdade.

— O homem de verdade se responsabiliza por seus atos.

— O homem de verdade honra suas dívidas.

— O homem de verdade ama Jesus.

Entretanto, basta pedir a esses mesmos homens que façam uma lista de seus “filmes de menino” favoritos e muitos vão incluir títulos como **O poderoso chefão**, **Scarface**, **Os bons companheiros** e **Clube da luta**.

Don Corleone, Tommy De Vito e Henry Hill eram todos escroques impiedosos; Scarface, um narcotraficante homicida; Tyler Durden, um terrorista doméstico, basicamente. No cinema já fizeram uma batelada de filmes de sucesso com quadrilhas de assaltantes, entre eles: **11 homens e um segredo** (e **12 homens**, e **13 homens**), **Porcos e diamantes**, **A última cartada**, **Uma saída de mestre**, **Fogo contra fogo**, **Ronin**, **Golpe de mestre**, **Os suspeitos**, **Cães de aluguel** e **Pulp fiction**.³³ O matador de aluguel, calculista e moralmente ambíguo, também arranjou um lugarzinho especialmente simpático no panteão cinematográfico da macheza: **O profissional**, **O matador**, **Na mira do chefe**, **Assassino a preço fixo**, **Um homem misterioso**, **Colateral**, **Estrada para Perdição**, **Onde os fracos não têm vez**. **Hitman** foi um filme e um videogame. Duas das franquias de videogame de maior sucesso comercial longo da última década foram **Assassin's creed** e **Grand theft auto**. **Filhos da anarquia**, programa sobre uma gangue de motoqueiros, hoje faz sucesso na televisão. O fato de seus protagonistas serem fora-da-lei torna-os menos másculos? E que dizer do Tony de **Os Sopranos** ou de Al Swearengen, de **Deadwood**?

E Darth Vader? Era um maricas?

Embora suas posições morais, os homens sentem atração por esses personagens exatamente porque eles são masculinos. Caras maus tendem a agir em panelinhas masculinas brutais, indelicadas e desregradas, e parecem *particularmente* interessados na questão de ser homem. Os gângsteres, além de se preocuparem com o prestígio social, são agressivos, são audaciosos, adotam um comportamento tático e são unidos por laços de fraternidade. Matadores solitários são retratados como enganadores competentes, mas cautelosos, mestres em seu ofício de risco. Não que sejam bons homens, mas são bons em fazer aquelas coisas que, ao longo da história da humanidade, têm sido uma atribuição masculina. Não que sejam bons homens, mas são bons em serem homens.

Antes do cinema, homens e meninos já se impressionavam com histórias de fora-da-lei, piratas, salteadores e ladrões. Fossem meramente fantasiosas ou narradas para servir de advertência, as histórias cativavam a imaginação masculina com relatos aventureiros de virilidade audaciosa e perversa.

No drama histórico **A vida de Henrique V**, de Shakespeare, o rei jura aos inimigos que, a menos que eles se entreguem, ordenará aos soldados que violentem suas donzelas em prantos, que rebentem a cabeça de seus anciões e que empalem seus bebês indefesos no alto

³³ A preferência do autor (excluídos **O poderoso chefão I & II**) é por um filme britânico de gângster: **A sexta-feira mais longa** (1980).

de estacas. Hoje, se um líder militar fizesse uma ameaça tão indelicada, seria destituído e denunciado publicamente como um psicopata perverso e instável.

Não dá para levar a sério alguém que negue a masculinidade de Henrique.

Pense também no caso dos presidiários. Acredita mesmo que aqueles homens que tratam todo dia com um violento mundo exclusivamente masculino são menos viris que o camaradinho que dá expediente das 9h às 18h num cubículo e passa o tempo livre fazendo as coisas que a mulher manda?

E quanto aos terroristas suicidas? Tenho para mim que seqüestrar um avião, fazendo de arma um estilete, e arremessá-lo contra um edifício, só mesmo tendo *colhões de aço*. Não que eu tenha de aprovar o que os sujeitos fizeram, mas, para ser honesto comigo mesmo, não posso dizer que eles não são machos. Inimigos de minha tribo, sim. Desprovidos de macheza, não. É preciso lembrar que centenas de milhares de homens e meninos vêem os terroristas suicidas como heróis corajosos, mártires que assumiram riscos consideráveis e, em nome de uma causa, se submeteram ao sacrifício supremo. A idéia que fazemos deles é de que são um *mal*, e enchemos nossa própria bola chamando-os de *covardes*, por não estarem em nosso grupo, por não comungarem de nossos valores, por ameaçarem nossos interesses coletivos.

Gostamos de conceber os inimigos como uma gente imperfeita e insensível. Muito já se escreveu a respeito de nossa tendência a desumanizar os adversários. Efeminá-los é outra manifestação da mesma tendência, é piorar a situação. Também gostamos de estufar o peito para deixá-los inseguros, o que deixa de ser uma estratégia interessante. Dirigir insultos à honra de um homem — a sua identidade masculina — é uma bela maneira de pô-lo a prova. E uma bela maneira de deixá-lo fulo da vida. E uma bela maneira de chamá-lo para a briga.

Gostamos de conceber de maneira igualmente insensível os vilões de nosso próprio perímetro. Retratar os homens maus como covardes é uma bela maneira de dissuadir os jovens de se comportarem mal. Fazer os próprios heróis culturais parecerem desproporcionalmente grandiosos eleva o orgulho e o moral do grupo. E compreensível querer que os jovens emulem os defensores dos valores de seu povo, e são os jovens que têm uma queda especial pelo cavalo mais forte.*

Há milênios que as culturas tentam chegar a uma resposta sobre o que significa ser um bom homem. Waller R. Newell, professor de ciência política e filosofia, reuniu um vasto conjunto de reflexões sobre o assunto no livro **What is a man?** 3,000 years of wisdom on the art of manly virtue. Ele critica aqueles que chegaram à maioria nos anos 1960, por terem estabelecido uma ortodoxia cultural inclinada a acreditar que “nada de justo, bom ou honesto” tinha ocorrido antes de sua época, e por causarem o “desaparecimento da tradição

* Comentando sobre a percepção pública da jihad islâmica contra o Ocidente, depois dos atentados de 11 de Setembro, Osama bin Laden teria dito que, “Quando vêem um cavalo forte e um cavalo fraco, as naturalmente a simpatizar com o cavalo forte.” (N. do T.)

positiva da macheza através de impiedosas simplificações e caricaturas.³⁴ Newell expõe o que ele chama de “genealogia ininterrupta da concepção ocidental do significado de ser um homem”, que em sua definição constitui “a honra temperada pela prudência, a ambição temperada pela compaixão para com os sofredores e oprimidos, o amor refreado pela delicadeza e pela honra à amada”.³⁵ O guia é recheado de citações de Platão, Aristóteles, Marco Aurélio, Francis Bacon, Geoffrey Chaucer, William Shakespeare, Benjamin Franklin, Ralph Waldo Emerson, Winston Churchill, John F. Kennedy, e muitos outros.

Há um movimento de recuperação dessa idéia de masculinidade virtuosa, para os jovens aprenderem a ser homens bons e másculos. No ano de 2009, o capitalista de risco Tom Matlack deu início a uma “campanha, baseada em quatro pontos, com objetivo de fomentar o debate sobre a masculinidade”, batizado The Good Men Project. Atualmente, o projeto existe na forma de uma fundação, uma revista online, um documentário e também um livro, recheado de histórias sobre homens que se empenham em ser bons homens, em pleno século XXI, e que tentam entender o que isso significa.

O *website* The Art of Manliness, criado em 2008 por Brett McKay e sua esposa Kate, pode se vangloriar de contar hoje 90 mil assinantes, mais ou menos.³⁶ Os McKays já publicaram dois livros, apresentando seu ponto de vista a respeito do assunto: **Classic skills and manners for the modern man** [Habilidades e costumes clássicos para o homem moderno] e **Manvotionals: timeless wisdom and advice on living the 7 manly virtues** [Devotos da macheza: pérolas atemporais de sabedoria e aconselhamento para praticar as sete virtudes masculinas]. O *site* em si reverencia vultos históricos masculinos de cepa, como o “Rough Rider” Theodore Roosevelt,** tem um quê de nostálgico. E como um manual de escoteiros para adultos, no qual se oferecem conselhos e artigos didáticos que dão uma forcinha àqueles homens que tentam ser bons protetores, provedores, maridos e pais. Na Art of Manliness, uma série de exercícios de ginástica não é só uma série de exercícios de ginástica: vira um “treinamento heróico.”

Perguntei a Brett McKay qual ele achava que seria a diferença entre ser um bom homem e ser bom em ser homem. Disse ele que ser bom em ser homem significa “ser versado na habilidade de fazer por merecer e de preservar a idéia de masculinidade de sua própria cultura”. Elaborando o conceito, McKay observou que, embora haja semelhanças entre as

³⁴ Newell, Waller R., ed. **What is a man?** 3,000 years of wisdom on the art Of manly virtue [O que é um homem? Três mil anos de sabedoria sobre a virtude masculina]. ReganBooks, 2000. Impresso.

³⁵ Ibidem. XVIII.

³⁶ “Sobre nós”. The Art of Manliness. Brett McKay, ed. S.l., s.d. Web. 14 jun. 2011.

<http://artofmanliness.com/about-2>

** Rough Riders é como eram chamados os soldados do Primeiro Regimento Voluntário de Cavalaria dos EUA, formado em 1898 para lutar em Cuba, na Guerra Hispano-Americana, sob a liderança de Roosevelt. (N. do T.)

culturas, “para o boxímame do Kalahari, ser bom em ser homem significa ser capaz de persistir até obter sucesso na caçada; para o morador do subúrbio de Ohio, é provável que ser bom em ser homem signifique manter o emprego para sustentar a família, ser capaz de consertar coisas na casa toda ou, sendo ele solteiro, ser perito em interagir com as mulheres”. Ele me confidenciou que achava mais simples ser um bom homem.

Escreve ele: “desenvolvendo virtudes como as da honestidade, resiliência, coragem, compaixão, disciplina, justiça, temperança etc., o homem pode ser extremamente virtuoso e correto, mas um desastre em ‘ser bom em ser homem’. Quiçá ele não saiba caçar, ou seja, péssimo para abordar uma mulher ou não consiga usar um martelo para salvar a própria vida. Também é possível o sujeito ser bom em ser homem e não ser um bom homem. Você pode ser o melhor caçador ou o melhor mecânico do mundo, mas se mentir, trapacear, roubar, não será um bom homem.”³⁷

A impressão é de McKay está dizendo que ser bom em ser homem é que nem preencher uma descrição de emprego que fosse definido pelo que sua cultura precisa (ou espera) que os homens façam, ao passo que ser um bom homem tem mais a ver com aquele tipo de virtude moral que Newell defendia. Um homem pode fracassar na tarefa de ser um bom homem e, ainda assim, ser boa gente. (Aqui, eu emprego *gente* porque esses valores morais são razoavelmente neutros, em termos de gênero.) Seguindo essa linha de raciocínio, quem sabe se ser um bom homem não é uma questão de equacionar a demanda cultural de masculinidade e o compromisso íntimo com a retidão moral?

O fato de McKay prescrever a macheza de um jeito positivo representa uma mudança mais que bem-vinda, quando se tem em vista que as principais revistas masculinas” estão mais interessadas em criar sociopatas metrossexuais superconsumistas a escrever coisas positivas sobre a masculinidade. Estou de acordo com ele que ser bom em ser homem é que nem uma descrição de emprego, e que essa descrição pode mudar um bocado de uma cultura para outra.

Contudo, parar por aqui é fazer o jogo daqueles que dizem que ser um homem significa qualquer coisa que qualquer um entenda que signifique. Será que o conceito de macheza é assim tão flexível a ponto de toda uma comunidade reescrever a “descrição de emprego” como bem entender? Não se adotarmos um modelo de natureza humana que reconheça a existência de diferenças entre a psicologia masculina e a feminina. Ao longo das décadas recentes, os americanos migraram para uma economia de serviços, e os educadores passaram a tratar os meninos como se fossem meninas malcriadas com problemas de comportamento. Os homens têm se mostrado cada vez menos interessados em desempenho escolar, menos engajados na vida política, menos preocupados em fazer carreira e menos

³⁷ McRay, Brett. Mensagem eletrônica encaminhada ao autor. 30 jun. 2011.

interessados em formas de entretenimento nas quais se representem conflitos de gangue vicários — como *videogames* e esportes de platéia.³⁸

Fora que, se a descrição do “emprego” de homem for redigida de tal forma que as qualidades que fazem um bom homem forem essencialmente idênticas às que fazem uma boa mulher, significa que elas dizem respeito, acima de tudo, a ser boa gente. Não que não seja gratificante ser honesto, justo ou gentil, só que essas virtudes não têm muito a ver com ser um homem, especificamente. E *macheza* não pode se resumir a sinônimo de “bom comportamento”.

Eu criado por uma família respeitável na área rural de Pensilvânia, onde eu freqüentava a escola dominical. Fui educado para ser atencioso e respeitar os outros. Dou gorjeta demais nos restaurantes mesmo quando o atendimento é uma porcaria, abro portas para velhinhas e sou excessivamente honesto. Quando trato mal as pessoas, não me sinto bem — a não ser que elas mereçam. Assim como muitos homens, quando eu era mais jovem me rebelei contra os valores de meus pais. Contudo, talvez como Brett McKay ou Tom Matlock, quando passei a refletir a sério sobre a masculinidade e seu significado, um tempo depois, a seguinte frase ficava martelando em minha cabeça: “Não consigo pensar em nada melhor que eu possa ser senão um bom homem.”

Ainda não consigo. Minhas primeiras tentativas de botar no papel uma descrição do valor da masculinidade tradicional eram eivadas daquela espécie de moralidade doméstica na qual me criei.

Tenho respeito pelos homens que se esforçam ao máximo dos máximos para ser bons homens, ainda que não concordemos em todos os pontos quanto ao que isso significa. Muitos homens escolhem seguir carreira nas áreas de execução das leis, do combate a incêndios, de magistério e até mesmo na militar, por estarem verdadeiramente imbuídos do desejo de ser bons homens. Nem sempre as guerras, as leis e as políticas são justas, mas sou obrigado a tirar o chapéu para aqueles que resgatam civis e salvam crianças de prédios em chamas. Só sendo um histérico irrecuperável para chamar tudo quanto é soldado e policial de “bucha de canhão”, ou de “porco”, ou de “fantoche”.

Mas a menos que o auto-sacrifício e comedimento devam ser qualidades definidoras da masculinidade — a menos que a masculinidade deva ser uma disciplina ascética e nada mais — em certa altura da estrada dos retornos decrescentes,^{***} tem um ponto a partir do qual ser um bom homem não é mais um bom negócio. Tem um ponto a partir do qual o homem que espera “se sentir útil”, quando acaba, “se sente usado”. Quando o sistema já não oferece ao homem o que ele deseja, por quanto tempo acha que o cãozinho vai continuar a fazer

³⁸ Para saber mais a respeito, leia meu livretinho **No man's land** [Terra de ninguém], disponível on-line em: <http://www.jack-donovan.com/axis/no-mans-land/>

^{***} Em Economia, o princípio dos retornos decrescentes reza que, em todo processo produtivo, o aumento na proporção de um dos fatores faz a produção aumentar a uma taxa cada vez menor. (N. do T.)

truques só para receber um afago? Quanto tempo demora antes que, negligenciado e faminto, ele se volte contra o dono?

Estou com Newell quando ele diz que existe no Ocidente uma longa e orgulhosa tradição de masculinidade moral — e do que pude apurar, o Oriente tem tradições semelhantes. Os muçulmanos fazem cinco orações por dia porque também eles, a sua maneira, querem ser bons homens.

Entretanto, o próprio argumento de Newell traz embutida uma dualidade: honra *temperada* pela prudência, ambição *temperada* pela compaixão para com os sofredores e oprimidos, amor *refreado* pela delicadeza, e assim por diante. Todas as tentativas razoáveis de ensinar aos homens como serem bons homens, sejam religiosas ou laicas, parecem incluir esses temas de freio e contrapesos. Esses códigos do “bom homem” dizem que o homem deve ser mais másculo — só que não tão másculo assim. Eles defendem o refreamento, mas refreamento do quê? É como se, numa das mãos, tivéssemos a moralidade e, na outra, algo diferente — um tipo de masculinidade que devesse ser evitada.

Se autorizarmos os moralistas da moralidade a defini-la em nosso lugar, ou acabaremos cedendo ao “único e verdadeiro código de masculinidade”, nos tornando completamente etnocêntricos a esse respeito — o que era pra ser o padrão histórico — ou acabaremos com um sem número de “masculinidades”, atolando nos detalhes de suas infundáveis contradições e declarando, como fez um famoso sociólogo transgênero, “que a masculinidade não é um objeto coerente sobre o qual se possa formular uma ciência generalista”.³⁹ Verdade seja tida que, se uma palavra ou conceito significa tudo, então não significa nada. Raewyn “Bob” Connel escreveu que “as alegações de um princípio universal da masculinidade revelam, acima de tudo, o *ethos* de quem as faz”.⁴⁰ Connell era um pacifista feminista que defendia a *desgenerização* da sociedade, feito um homem que quisessem virar mulher. Quando acaba, foi ele que se degenerizou. Suas alegações sobre a inexistência de um princípio universal da masculinidade também nos revelam seu próprio *ethos*.

Todos os homens e mulheres têm interesse emocionante e materiais, no que respeita ao modo de construir ou desconstruir a masculinidade. Nesse assunto, a verdadeira objetividade é pura pose, que pode funcionar ou não. Todos nós temos algo a perder.

Para que fique registrado, as evidências científicas que comprovam as *diferenças* biológicas dos sexos e as *semelhanças* interculturais dos homens só fazem se acumular, desde que Connell publicou **Masculinities**, em 1995, nem é difícil topar com temas recorrentes nas “masculinidades hegemônicas” de culturas de todo o mundo, ao longo de toda a História. É bem mais difícil topar com “masculinidades” que não tenham nada em comum. As tecnologias e costumes variam, mas mais que as diferenças efêmeras, são as semelhanças entre

³⁹ Connell, Robert William. **Masculinities** [Masculinidades]. University of California Press, 1995. 67-86. Impresso.

⁴⁰

as idéias culturais de masculinidade que provêem subsídios para uma explicação sobre o significado de ser bom em ser homem. O que elas têm em comum tem mais a ver com a gangue — i.e., com caçar e combater, delimitar e defender as fronteiras entre *nós* e *eles* — que com qualquer sistema moral ou ético peculiar a cada cultura.

É desonestidade fingir que aqueles homens que não satisfazem a determinado conjunto de padrões morais não são másculos. Os homens podem até dizer que os homens imorais não são homens de verdade, mas o comportamento de quem diz coisas assim — inclusive a admiração pública pela virilidade de tipos de malandros e criminosos — evidencia que não é bem nisso que essa gente acredita.

Para entendermos a fundo o Código dos Homens, temos de encontrar o ponto em que a masculinidade do gângster se justapõe à do cavaleiro medieval, em que as idéias modernas se justapõem às antigas. Temos de observar o fenômeno da masculinidade do jeito mais *amoral* e desapaixonado possível. Temos de apurar o que o Homem sabe com absoluta certeza sobre suas relações vitais com este misterioso Universo. A “religião” do Homem não é um código moral, ainda que ele siga um próprio até a morte. Quando o homem se empenha em preservar sua honra — sua reputação de homem — é alguma parte dele que está se empenhando em merecer e preservar uma posição de valor, seu prestígio e seu senso de pertencimento à gangue primitiva. Os homens têm vontade de ser bons homens porque os bons homens são conceituados, ainda que ser bom homem não seja o mesmo que ser bom em ser homem.

Existe uma diferença entre ser um bom homem e ser bom em ser homem.

Ser um bom homem tem a ver com idéias sobre moralidade, ética, religião e comportamento producente no contexto de uma determinada estrutura civilizacional. Ser um bom homem pode ter ou não ter coisíssima nenhuma a ver com o papel natural atribuído aos homens num cenário de sobrevivência. É possível ser um bom homem e não ser particularmente bom em ser homem. É nesse campo que os homens bons em serem homens procuraram aconselhamento com padres, filósofos, xamãs, escritores e historiadores. É pena que a sinergia produtiva entre esses tipos se perca toda vez que os homens de palavras e idéias entram em atrito com os homens de ação, ou vice-versa. Os homens de idéias e os homens de ação têm muito que aprender uns com os outros, e aqueles verdadeiramente notáveis são os homens tanto de ação quanto de abstração.

Ser bom em ser homem diz respeito a estar disposto e apto a cumprir com o papel natural dos homens num cenário de sobrevivência. Ser bom em ser homem diz respeito a provar aos outros que você é o tipo de sujeito que eles vão querer em suas equipes, se a merda vier a feder. Ser bom em ser homem não é uma busca pela perfeição moral, mas diz respeito a lutar pela sobrevivência. Os bons homens admiram ou respeitam os maus quando estes demonstram força, coragem, destreza ou compromisso com os homens das próprias tribos

renegadas. O interesse em ser bom em ser homem é o que mocinhos e bandidos têm em comum.

Dispondo de tempo suficiente, toda gangue acaba criando algum tipo de código moral ou sistema de regras, que controle seus membros. Os homens querem acreditar que estão com a razão, e o jeito que eles têm de se distinguir é alinhando alguma idéia do que significa estar certo.

Nos primórdios da cultura da Máfia, o significado de honra era o de uma lealdade “mais importante que os laços de família”. Os mafiosos faziam um juramento de não faturar com a prostituição, nem de se deitar com a mulher de outro mafioso.⁴¹ Era de se esperar que fossem homens de família, daí serem desencorajados a cantar as mulheres. Se a frase “O homem que não dedica um tempo à família nunca será um homem de verdade” pareceu familiar, é porque é do **Poderoso chefe**.

Os samurais foram a inspiração para as gangues da Yakuza, que melhoraram sua reputação social perante a comunidade demonstrando generosidade e compaixão para com os fracos e desamparados.⁴²

Não faz muito, um cartel mexicano apelidado *La Familia Michoacana* andou pregando “valores familiares”, distribuiu uma versão própria da Bíblia e empenhou parte de seu lucro na ajuda aos pobres.⁴³ É notória a influência que os “livros cristãos machistas do escritor americano contemporâneo John Eldredge”⁴⁴ têm exercido sobre os líderes do grupo.

Em períodos extremos, quando os homens não são bons em serem homens, não duram o bastante para se preocupar em serem bons homens. A força possibilita todas as outras virtudes. E como diz o personagem Han, do filme Operação dragão: “Quem sabe quantos milagres não terão desaparecido da face da terra, de tão delicados, por falta da força necessária para sobreviver?”

⁴¹ Dickie, John. **Cosa Nostra**: a history of the Sicilian Mafia [Cosa Nostra: a história da Máfia siciliana]. 2004. Palgrave MacMillan, 2005. 31. Impresso.

⁴² Kaplan, David E. e Alec Dubro. **Yakuza**: Japan’s criminal underworld [Yakuza: o submundo do crime no Japão]. University of California Press, 2003. 17. Impresso.

⁴³ Isikoff, Michael. “Feds crack down on ‘Robin Hood’ drug cartel” [Federais fecham cerco contra cartel de drogas “Robin Hood”]. The Daily Beast (Newsweek). S.l., 22 out. 2009. Web. 4 out. 2011. <http://www.thedailybeast.com/newsweek/blogs/declassified/2009/10/22/feds-crack-down-on-robin-hood-drug-cartel.html>

⁴⁴ Gibbs, Stephen. “‘Family values’ of Mexico drug gang” [Os “valores familiares” de um cartel de drogas mexicano]. BBC News. BBC, 22 out. 2009. Web. 4 out. 2011.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/8319924stm>

Os homens que cumpriram com a primeira tarefa de serem homens, i.e., aqueles que tornaram possível a sobrevivência, podem demonstrar interesse em serem bons homens — e não raro é o que ocorre. A medida que as sangrentas fronteiras entre risco e segurança se deslocam para longe, os homens passam a dispor do tempo e do luxo de cultivar virtudes civilizadas, “superiores”.

Gangues de homens com identidade própria e interesses específicos constituem sempre uma ameaça aos interesses do establishment. Para proteger os interesses daqueles que conduzem nosso mundo civilizado e altamente regulamentado, homens e mulheres são misturados de modo a impedir a formação de gangues. Feministas, pacifistas e membros das classes privilegiadas até admitem que, quando os homens são unidos por laços de fraternidade e são bons em serem homens, constituem sempre uma ameaça; mas esquecem que, antes de tudo, alguns desses homens são necessários ao estabelecimento e manutenção da ordem. Existe um clamor pela abolição daquilo que até mesmo a ONU classificou como “estereótipos obsoletos” da masculinidade, associados à violência.⁴⁵ Eis uma palavra que se vê com frequência em teses acadêmicas que versam sobre a masculinidade: “obsoleto”. Os assim chamados especialistas falam da masculinidade como se ela fosse um modismo do ano passado, em parte porque subscrevem teorias de tabula rasa, convenientes mas desacreditadas, segundo as quais 08 gêneros são “tão frouxamente vinculados ao sexo quanto o vestuário, o comportamento e a forma do penteado que a sociedade atribui a cada um dos sexos, em determinada época”.⁴⁶

Tanto homens quanto mulheres já tentaram repaginar os homens para que se encaixassem em seu sonho de mundo perfeito. Não importa qual credo professem, se têm interesse em gerar “homens democráticos”, “cavaleiros ferozes” ou “guerreiros interiores”, o que parece é que eles não conseguem escapar à atração gravitacional de algumas idéias básicas sobre a religião fundamental dos homens.⁴⁷ Para que os homens os ouçam, falam de força e coragem. O discurso dos moralistas e reformistas da masculinidade se aproveita do interesse primordial do homem por sua posição no grupo masculino, por sua reputação; se aproveita de sua aversão a ser considerado fraco, medroso ou inepto. Ele apela a seu senso de honra. As interpretações moralistas e reformistas da força e da coragem são simples versões domesticadas, apaziguadas, de antigas virtudes de gangue, adequadas à vida civilizada num período de paz, fartura e compartilhamento do poder político e econômico com as mulheres.

⁴⁵ “Mensagem do secretário-geral para 2011”. 25 de Novembro: Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Ban Ki-moon, ed. ONU, 25 nov. 2011. Web. 9 jan. 2012.

<http://www.un.org/en/events/endviolenceday/sgmessages.shtml>

⁴⁶ Margaret, Mead. *Sex and temperament: in three primitive societies*. Publicado originalmente em 1935. Harper Perennial, 2001. 262. Impresso. [Publicado no Brasil com o título **Sexo e temperamento**.]

⁴⁷ Para saber mais a respeito de “reforma da masculinidade”, veja **No man’s land**, disponível on-line em: <http://www.jack-donovan.com/axis/no-mans-land/>

Para resguardarem e satisfazerem os próprios interesses, os abastados e privilegiados têm lançado mão de feministas e pacifistas para promover uma masculinidade que não tem nada a ver com ser bom em ser homem e que tem tudo a ver com ser aquilo que eles consideram um “bom homem”. Essa sua versão de bom homem é isolada de seus pares, sentimental, efetivamente impotente, fácil de manipular e taticamente inepta.

Quando o homem se preocupa mais em ser um bom homem que em ser bom em ser homem, acaba virando um escravo extremamente bem-comportado.

Sempre houve um cabo-de-guerra entre as virtudes civilizadas e as virtudes táticas de gangue. No entanto, em muitos casos, o tipo de masculinidade admitido pelas sociedades civilizadas está relacionado àquele do bando de sobrevivência. A masculinidade civilizada exige que a experiência da gangue masculina seja cada dia mais controlada, vicária e metafórica. As sociedades humanas começam com a gangue e evoluem para nações com atividades desportivas e um clima de disputa política, artística e ideológica. No fim das contas, só o que resta para o homem comum é a disputa econômica, juntamente com um punhado de pechinchas masturbatória, que satisfaçam sua masculinidade enjaulada — que é o que se vê hoje em dia. Quando uma civilização chega ao fim, tem sempre uma gangue de jovens para revirar suas ruínas, estabelecer novos perímetros e recomeçar o mundo.

Vida bandida:* A história de Roma

“Removendo-se a justiça, o que são os reinos senão gangues criminosas em larga escala? E o que são as gangues criminosas senão reinos de menor tamanho? Uma gangue é um grupo de homens sob as ordens de um líder, adstrito a um pacto de associação no qual a divisão do espólio deve obedecer uma convenção previamente acordada.

Se essa vilania arregimentar tamanha quantidade de recrutas nas hostes dos desmoralizados que chegue a conquistar um território, estabelecer uma base, capturar cidades e subjugar pessoas, depois reivindicará abertamente o título de reino, que lhe será outorgado aos olhos do mundo não em virtude de sua renúncia à agressão, mas da obtenção da impunidade.”

— Santo Agostinho, **A cidade de Deus**. 4-4.

CONTA A HISTÓRIA que Roma foi fundada por uma gangue.

Os romanos acreditavam que Rômulo e Remo eram descendentes distantes de Eneias, que tinha vagueado o Mediterrâneo com um reduzido bando de sobreviventes, após a queda de Tróia. Esses troianos exilados, os poucos embaixadores remanescentes de uma orgulhosa, mas malograda tradição, foram guiados pelos deuses até Latium, onde se misturaram aos latinos da Itália. Ali os antigos troianos prosperaram e fundaram o assentamento de Alba Longa, a sudeste da moderna Roma.

Passadas muitas gerações, nas quais o varão de cada rei assumia o trono, eis que Amúlio expulsou o irmão mais velho, Numitor. Depois de assassinar os filhos de Numitor, Amúlio obrigou a irmã destes, Reia Sílvia, a se converter em vestal, para garantir que o exilado Numitor não tivesse herdeiros que desafiassem os seus. No entanto, Reia Sílvia deu à luz dois meninos gêmeos e, em vez de reconhecer sua imprudência, atribuiu a paternidade a Marte, deus da guerra. Mas o rei Amúlio não comprou a história. Ele a pôs a ferros e ordenou que seus filhos fossem afogados no rio Tibre. Os homens encarregados da tarefa abandonaram as crianças nos baixios alagadiços do rio caudaloso, convictos de que a correnteza as arrastaria para a morte. Reza a lenda que dali elas foram resgatadas por uma loba sedenta e mamaram em suas tetas hirsutas. Depois, os netos de Numitor foram encontrados por pastores, que os levaram para criar como se fossem seus próprios filhos.

Graças em parte ao vigor da vida rural, Rômulo e Remo se tornariam dois jovens robustos, conhecidos pela prática da caça e pelo destemor com que enfrentavam as “bestas feras”; também ganhariam a reputação de atacar assaltantes, capturar seu espólio e repartir com os amigos pastores. Além de generosos, os gêmeos também faziam uma presença divertida — e seu bando continuou crescendo.

* No original, *Thug Life*, código de conduta firmado entre gangues de rua dos EUA, nos anos 1990, por iniciativa do *rapper* Tupac Shakur, com o objetivo de reduzir a violência em comunidades pobres. (N. do T.)

Durante um festival, depois dos irmãos serem emboscados pelos ladrões insatisfeitos, Remo foi conduzido à presença do rei Amúlio, sob a acusação de caça furtiva. Durante sua custódia, Numitor suspeitou de qual seria a verdadeira identidade dos gêmeos.

Nesse meio tempo, Rômulo organizou seu bando de pastores com a missão de matar Amúlio e libertar seu irmão. Os pastores entraram na cidade separadamente e se reagruparam no último instante, para subjugar a guarda de Amúlio. Rômulo conseguiu matar o rei tirânico, e, depois de tomar conhecimento da verdadeira herança que lhe cabia, devolveu o reino a seu avô Numitor.

Novamente reunidos, os gêmeos decidiram fundar uma cidade na terra onde tinham se criado. Só que eles se desentenderam a respeito do nome que dariam a ela, e a briga esquentou. Os irmãos desafiaram um ao outro, e no fim triunfou Rômulo, que matou seu adorado irmão gêmeo.

Depois, com os amigos, Rômulo pôs mãos à obra e organizou o governo da nova cidade, batizada com seu nome.

De acordo com o historiador Tito Lívio, uma das primeiras ações de Rômulo, depois de ter erguido algumas fortificações rudimentares, foi instituir os rituais religiosos que seriam celebrados pelo povo de Roma. Além daqueles que já veneravam os deuses locais, ele decidiu observar os rituais gregos em honra ao heróico semideus Hércules, conhecido pela força descomunal e pelos “trabalhos virtuosos”.⁴⁸

Depois de ter identificado uma constelação de deuses e traçado um rumo espiritual preliminar para a tribo, Rômulo apregoou a cidade de Roma como um refúgio, onde todos os homens, livres ou escravos, teriam a chance de começar uma vida nova. Uma multidão heterogênea de imigrantes das tribos vizinhas ocorreu ao local, e ele selecionou os melhores homens para ajudar em seu governo. Convertidos em *senadores*, estes foram chamados “pais” (*patres*) da tribo romana; seus herdeiros seriam conhecidos como patrícios. Com os *pais* da cidade, Rômulo criou a ordem por meio da lei.

Sem mulheres, os homens de Roma sabiam que a cidade morreria com eles. Rômulo despachou enviados às comunidades próximas, para garantir que seus homens tivessem esposas. Contudo, suas propostas de casamento foram recusadas, em razão dos jovens de Roma não terem perspectivas, não gozarem de boa reputação e serem considerados, indiscriminadamente, um perigoso bando de plebeus. Insultados, Rômulo tramou um plano com seus homens: convidaram os povos das comunidades vizinhas para uma festividade, durante a qual eles capturaram as moças solteiras. Os pais ficaram furiosos, e as demais tribos atingidas declararam guerra a Roma, que, no entanto, prevaleceu militarmente sobre todas — menos a dos sabinos, com a qual as próprias mulheres sabinas ajudaram Roma a fazer um armistício, para salvar tanto a vida de seus pais quanto a dos novos maridos. As sabinas

48

decidiram se juntar com os romanos, e foi graças a esse bem-sucedido “rapto” que Rômulo assegurou o futuro da nova tribo.

Rômulo continuou a fortalecer e defender sua tribo por meio de ações militares planejadas, e ele foi adorado pelos subalternos de seus exércitos. Pois foram esses homens rústicos — a imensa gangue de Rômulo — que garantiam a segurança da cidade e possibilitaram seu crescimento. Eles formavam a classe dos guardiões de Roma, e durante séculos seu inquebrantável espírito combativo caracterizou o povo romano.

Um dia, no momento em que se preparava para passar suas tropas em revista, Rômulo desapareceu num violento estrondo de trovão. A suspeita de Tito Lívio é de que ele tenha sido esquartejado nas mãos de seus senadores, desordeiros e inclinados às conspirações, como é de costume entre aqueles próximos ao poder. O povo romano preferiu se lembrar de Rômulo como um grande homem de linhagem divina, que tinha vivido entre as pessoas do povo como uma delas, que era afamado por suas obras misteriosas e sua coragem em batalha, e que enfim tinha assumido seu lugar de direito entre os deuses.

Existem diversos mitos fundadores de cidades, e um sem-número de mitos que estabelecem uma linhagem totêmica para um povo em particular. Na ausência de registros históricos precisos sobre os romanos, esse é o mito no qual eles escolheram acreditar. O que perdura é o espírito da narrativa, e ela nos diz alguma coisa sobre o Código dos Homens.

Traídos e abandonados, Rômulo e Remo foram deixados para morrer e, depois, salvos por uma loba. Tito Lívio admite que não é improvável que a loba tenha sido uma campesina prostituída, mas isso não tem a menor importância — importa é que foram criados soltos. Rômulo e Remo foram criados “à moda do campo”; tinham *know-how* prático e aprenderam o valor do trabalho árduo; receberam uma educação simples, isenta das complicações da política da corte ou dos equívocos da moral flácida que freqüenta o comércio urbano. Eram jovens viris e íntegros.

Os primeiros anos da vida de Rômulo e Remo foram como a história de Robin Hood: eles atacavam outros homens, tomavam o espólio que estes já tinham roubado e repartiam com os amigos pobres. Eram machos alfa, líderes naturais de homens; marrentos, mas não valentões. Eram o tipo de homem que outros homens buscam e do qual querem estar juntos. Eram o tipo de sujeito que os homens escolhem para líder, de livre e espontânea vontade. Tinham qualidade heróicas, sim, mas eram tão imperfeitos quanto qualquer um — e quando irmãos digladiaram por causa de prestígio, como é costume entre os irmãos, um dos dois teve de perder.

Os “alegres companheiros”** de Rômulo eram basicamente uma gangue, um grupo de jovens campesinos arruaceiros que apareceram do nada para atacar um rei e desconcertar o *status quo*. Foi Rômulo desmarcar o território e anunciar que ele seria um refúgio, para atrair desordeiros quase desprovidos de dinheiro ou de prestígio. Alguns eram ex-escravos. É

** No original, merry men, apelido atribuído aos companheiros de Robin Hood. (N. do T.)

possível que alguns fossem foragidos. Tinham pouco a perder, tudo a ganhar e nenhum investimento real nas comunidades de origem. Roma era Deadwood, era o Velho Oeste. Ao organizar esses homens indisciplinados e estabelecer uma hierarquia, Rômulo fundou uma cultura, uma religião, uma identidade de grupo.

Assim como qualquer grupo de jovens, os arruaceiros de Rômulo também tinham interesses reprodutivos. Ele tentou do jeito apropriado, despachando embaixadores para se informar sobre a aquisição de mulheres para seus homens. Só que eles foram desprezados. Nenhum homem de posses iria mandar a filha para um acampamento, desposar um camarada sem perspectivas. Daí Rômulo ter *tomado* as mulheres. Os Romanos podiam sustenta-las e formar famílias porque eram fortes e eficientes no combate. Eles não se entregavam.

Estavam lutando por um novo futuro — e venceram.

A tribo romana usou de violência e astúcia para expandir suas fronteiras, e homens das mais variadas tribos viraram romanos. A expansão de Roma atendeu aos interesses dos descendentes dos patriarcas tribais: a classe dos patrícios. Contudo, o poder econômico e militar dos romanos também beneficiou diversos outros residentes daquele território, cidadãos ou não. Protegidos pela força de Roma, os homens tiveram a chance de se especializar e levar a vida trabalhando como operários, artesãos, fazendeiros e comerciantes. Muitos puderam levar vidas relativamente sossegadas. A definição romana de macheza passou a abarcar virtudes éticas menos específicas dos homens, mas mais harmoniosas com uma civilização mais complexa.

Só que os romanos que usufruíam do descanso de uma vida protegida ainda ansiavam pelo espetáculo da violência, e viraram espectadores de atividades violentas e sanguinárias. Gladiadores lutavam entre si até a morte, para entreter a tribo romana, e o povo se apinhava em estádios colossais, como o Circus Maximus, para assistir a corridas de carruagens pontuadas por acidentes sangrentos. Nessas corridas, havia torcidas “coloridas” que se enfrentavam depois dos eventos, como hoje fazem os hooligans do futebol inglês. Vultos políticos, proprietários de terras e mercadores empregavam gangues de jovens armados para intimidar seus oponentes, arrendatários ou negociantes concorrentes.

Roma foi fundada por uma gangue e se comportou como uma gangue. Parafraseando Santo Agostinho, ela conquistou um território, estabeleceu uma base, capturou cidades e subjugou pessoas. Depois, reivindicou abertamente para si o título de Império, que lhe foi outorgado aos olhos do mundo não em virtude de sua renúncia à agressão, mas da obtenção da impunidade (temporária). Aos poucos, Roma entrou em colapso interno, à medida que foi se convertendo numa máquina econômica gigantesca, despropositada e corrupta. Assim como a máquina econômica americana, a máquina romana já não dava conta de incorporar o ethos viril dos reduzidos bandos de rebeldes responsáveis por sua criação. Gangues de jovens armados existiram desde a ascensão de Roma até sua queda, e ainda existiam gangues muito tempo depois de terem restado só as ruínas de sua glória.

A história de Roma é a história de homens e de civilização. Ela mostra gente sem perspectivas promissoras se juntando, estabelecendo hierarquias, demarcando um pedaço de terra e

usando sua força para impor a vontade do coletivo sobre a natureza, sobre as mulheres e sobre outros homens.

Um empecilho à civilização

O que os homens devem fazer quando não há terras onde se instalar, nem ninguém com quem lutar?

Uma das idéias básicas da psicologia evolutiva é que, em razão da evolução humana ter ocorrido durante um período de tempo muito longo e, depois, uma explosão tecnológica nos ter atirado no mundo moderno num período de tempo comparativamente curto (o da História escrita), do ponto de vista físico e psicológico, os seres humanos são mais adaptados ao mundo como ele era que ao mundo como ele é hoje.

Nossas mentes e nossos corpos são adaptados para funcionar num mundo mais severo. As situações que nos deixam felizes, deprimidos ou amedrontados guardam algum tipo de relação com nossa capacidade de operar naquilo que alguns chamam de Ambiente de Adaptabilidade Evolucionária. As escolhas que fazemos no mundo moderno podem parecer “ilógicas”, mas elas refletem os tipos de escolha que teríamos feito para sobreviver milhares de anos atrás. E só pensar no tanto de tempo, energia e recursos que são gastos com o sexo, mesmo quando se a menor intenção de reproduzir. A lógica não tem nada a ver com isso.

Nossos corpos e mentes primitivas ainda fazem seus cálculos com base em dados arcaicos. Talvez seja um defeito, mas talvez seja uma funcionalidade — só para o caso de as coisas darem em merda.

A primeira tarefa dos homens sempre foi guardar o perímetro, enfrentar o perigo, caçar e combater. Eles se juntam em bandos e formam uma sólida identidade de grupo. Eles repisam esse padrão de comportamento vezes e vezes sem conta, seja lógico ou não.

A partir de sua compreensão dos primatas, os biólogos evolucionistas Richard Wrangham e Dale Peterson apresentaram uma teoria sobre o comportamento das gangues masculinas, que apelidaram — pode ser que desfavoravelmente — de *demonismo masculino*.

“Os machos demoníacos se organizam em bandos reduzidos, caracterizados pela auto-perpetuação e pelo auto-engrandecimento, e identificam ou inventam um inimigo localizado ‘mais adiante’ — seja atravessando a montanha, do outro lado da fronteira, do outro lado de qualquer divisor lingüístico, ou social, ou político, ou étnico, ou racial. A natureza desse divisor parece quase não ter importância. Importante é a oportunidade de envolvimento no vasto e irresistível drama de se integrar à gangue, identificar o inimigo, sair em patrulha, participar do ataque.”⁴⁹

Chamar o fenômeno de “demonismo” é dar uma interpretação imoral à estratégia básica de sobrevivência de nossa espécie. É uma estratégia que nos foi proveitosa durante um longuíssimo período de tempo, e que voltaríamos a adotar em situações de emergência.

Mas uma vez que se tenha fundado Roma... que fazer depois?

49

Às vezes, há uma boa razão para se entrar em guerra, identificar quem são eles e mobilizar *nossos homens* contra os *deles*. Às vezes, não. Não se pode garantir a cada nova geração de jovens a deflagração de uma crise ou de uma guerra de grandes proporções, só para que eles tenham a chance de explorar sua natureza primitiva “demoníaca” ou para proporcionar a suas vidas um senso de objetivo. Deflagrar uma guerra para ter o que contar parece uma frivolidade — se bem que eu me pergunto se, inconscientemente, não fazemos essas coisas... por puro tédio. Às vezes, os homens provocam brigas só para ter o que fazer, só para *sentir* alguma coisa parecida com a ameaça de danos e a possibilidade de triunfo.

Na maior parte do tempo, os homens buscam substitutos para as atividades de combate. É provável que, em sociedades tribais, essa tarefa fosse moleza. A atividade de caça é mais ou menos parecida com a da luta; é por isso que os homens ainda a praticam, mesmo sem necessidade. A luta recreativa — o *sparring* — é parte do aprendizado para o combate, e os homens ritualizam com o esporte.

Em 1906, William James reivindicava um “equivalente moral da guerra”. Deixando de lado a questão da moralidade ou imoralidade da guerra, essa expressão ilustra nossa necessidade de reprimir e redirecionar a masculinidade primitiva numa época de paz. James não negava que os homens pareciam perpetuamente necessitados de um estilo de vida à caserna; mas, pacifista que era, sugeria que todos os jovens fossem recrutados durante certo período de tempo para uma “guerra contra a natureza”, na qual pudessem labutar e penar juntos, exercendo atividades de pesca, mineração, construção de estradas, e assim por diante.

Hoje em dia, a idéia de uma guerra à natureza não pegaria muito bem; mas com uma ligeira adaptação, ela poderia ser a mais honesta e realista de reformar a masculinidade. Para James, os receios (agora justificados) de seus contemporâneos, que achavam que sem um nacionalismo suficientemente beligerante os EUA degenerariam numa sociedade “de clérigos e professores, de educação mista e apego aos animais, de ligas de consumidores e associações de entidades filantrópicas, de industrialismo ilimitado e feminismo descarado”, seriam motivo de riso. Mas mesmo assim, ele também alertou que, “para alcançar um sucesso permanente, a economia de paz não pode ser resumir a uma economia de prazer”.⁵⁰

O plano de paz de William James pode ter funcionado por um tempo, se bem que eu tenha minhas dúvidas quanto à viabilidade dos planos de paz de longo prazo. O problema em se proscriver a violência é que só dá para fazer isso usando de violência; o problema em se proscriverem as guerras é que só dá para fazer isso com um acordo simultâneo universal que as proscruvia — do contrário, as pombas de paz viram patos de tiros ao alvo.

Se daria certo ou não, o fato é que nunca se enviou homem nenhum para travar guerra contra a natureza — mas ainda hoje continuamos envolvidos com “equivalentes” da guerra. Assim como ocorre com a energia, a masculinidade de gangue não se cria, nem é destruída.

50

Esse “demonismo” é parte do que os homens são e do que a evolução os preparou para fazerem. Ele está sempre presente; as formas que assume é que são diferentes.

Para uma civilização crescer e prosperar, a tendência dos homens de se dividir em gangues constitui uma ameaça à segurança interna. As gangues de homens sempre representaram uma ameaça aos interesses estabelecidos. “Equivalentes” da masculinidade de gangue têm o potencial de manter os homens devotados a determinada sociedade e impedi-los de destruí-la. Substitutos viáveis para o “estilo de vida à campanha” tipicamente masculino impedem que os homens imponham seus *próprios* interesses sobre os do coletivo ou os daqueles no poder.

Quando os homens são materialmente devotados a uma sociedade — quando confiam que têm mais a ganhar trabalhando em favor do grupo, ao invés de contra — eles controlarão e redirecionarão suas energias, colocando-as a serviço de uma sociedade próspera.

Quando os homens são emocionalmente devotados a uma sociedade — quando sentem uma forte conexão com o grupo, um forte sentimento de pertencer a nós — eles controlarão e redirecionarão suas energias, colocando-as a serviço de uma sociedade pacífica, desde que se garantam aos mais agressivos entre eles (aos homens que são melhores em serem homens) “equivalentes” adequados à agressão de gangue.

À medida que a prosperidade e a segurança aumentam, e o homem tem menor necessidade de caçar, de pelejar e de combater, sua ânsia de se envolver em atividades de gangue pode ser controlada e canalizada por meio da simulação, da vicariedade e da intelectualização.

MASCULINIDADE SIMULADA

A primitiva agressão de gangue e os laços de gangue são diretamente simulados por meio da participação no serviço militar, no serviço policial e em outras atividades de “vigilância” semelhantes.

A primitiva agressão de gangue e os laços de gangue são vivenciados por meio da participação em atividades de gangue ritualizadas e simbólicas, como os esportes de equipe ou os jogos cooperativos.

A agressão primitiva, a competitividade e a necessidade de provar ao grupo sua masculinidade são canalizadas por meio da participação em esportes individuais, jogos de sobrevivência ou competições individuais que exijam demonstrações de força, coragem ou destreza.

MASCULINIDADE VICÁRIA

Os machos observam outros machos participarem de guerras, atividades de vigilância e jogos de sobrevivência.

Os machos observam outros machos participarem de esportes de equipe ou individuais.

Os machos observam outros machos demonstrarem força, coragem, destreza ou honra.

Os machos estudam a história de machos que participaram de guerras, atividades de vigilância ou jogos de sobrevivência; que participaram de esportes de equipe ou individuais; ou que demonstraram força, coragem, destreza ou honra.

Os machos lêem obras literárias e histórias a respeito de machos que participam de guerras, atividades de vigilância e jogos de sobrevivência; que participam de esportes de equipe ou individuais; ou que demonstraram força, coragem, destreza ou honra.

Os machos assistem a filmes ou peças sobre machos que participam de guerras, atividades de vigilância e jogos de sobrevivência; que participam de esportes de equipe ou individuais; ou que demonstram força, coragem, destreza ou honra.

MASCULINIDADE INTELECTUALIZADA

Agressão econômica e atividades de gangue – Homens ou grupos de homens disputam para enganar uns aos outros e derrota-los por meio da concorrência econômica. Eles demonstram força e coragem testando uns aos outros, para ver quem arrega primeiro e quem leva mais longe a imposição dos próprios interesses. Exemplo disso é o vencedor comissionado que tenta vender um automóvel para um cliente bem-informado. Demonstra masculinidade econômica quem assume riscos e confia que é competente o bastante para levar a melhor. As empresas tiram proveito da masculinidade intelectualizada quando os homens, incentivados a disputarem uns com os outros, se mostram mais produtivos.

Agressão política/ideológica e atividade de gangue – Os homens formam grupos políticos ou ideológicos e disputam para ver quem vence debates e batalhas de perspicácia e estratégia. Os exemplos incluem as estratégias políticas, debates filosóficos, debates acadêmicos ou científicos, debates religiosos e os sujeitos que passam horas em fóruns de discussão e em áreas de comentários tentando provar que estão certos a respeito de quase tudo.

Masculinidade metafórica – Seja por razões religiosas, ideológicas ou pessoais, os homens dirigem para dentro de si a masculinidade. Batalhas externas viram metáforas de batalhas internas, e a atenção se volta para o autodomínio, o controle dos impulsos, o comportamento disciplinado e a perseverança. Os homens se esforçam para ser bons homens, para ser racionais, para ser bons pais, para ser bons cidadãos, para ser homens de fé, para inventar e criar, para alcançar objetivos.

Masculinidade ascética – O autodomínio e a autodisciplina da masculinidade metafórica fazem com que a atenção se concentre na autonegação e na rejeição dos desejos naturais dos homens, por sexo, comida, mundanidades, ação viril ou violência.

De início, concebi a masculinidade simulada, vicária e intelectual como uma progressão que seguisse num só sentido. Minha idéia de que, à medida que as sociedades se tornam mais seguras e mais prósperas, a masculinidade é simulada; depois, principalmente vicária; depois, principalmente intelectualizada. Isso até tem certa lógica, numa visada mais abrangente, mas não é exatamente assim que a coisa funciona.

A maioria, se não a totalidade desses substitutos da masculinidade de gangue estiveram presentes em todo tipo de organização social e de civilização. Esportes são coisa que quando sempre existiram, assim como os homens que apreciam os esportes e outras competições de força, velocidade ou agilidade. Tanto os povos primitivos quanto os civilizados contaram histórias de grandes feitos e meditaram no que significava ser um bom homem. Há muito que os seres humanos têm comecado e negociado, e quase sempre houve padres, e monges, e ascetas.

Além disso, todos ou quase todos esses métodos para direcionar a masculinidade de gangue podem estar presentes em qualquer homem e ser importantes para ele. Guerreiros piedosos e atletas existem e sempre existiram. Em geral, é de se crer que os homens másculos sejam bons homens, exercitem o autocontrole e adotem um comportamento ético. Aqueles que julgamos homens de ação continuarão a assumir posições políticas ou a debater uns com os outros. Por via de regra, os homens que praticam esportes também têm prazer em assisti-los. A superação dos conflitos internos é essencial à superação dos conflitos externos, à sobrevivência e à obtenção de tudo que se almeje.

Dessa forma, em certa altura de seu desenvolvimento, tanto os indivíduos quanto as civilizações dispõem e fazem proveito da capacidade de direcionar a masculinidade, seja por meio da simulação, da vicariedade *ou* da intelectualização. Só o que muda é a ênfase e a oportunidade.

Uma vez que as gangues são uma ameaça à ordem, a não ser quando organizadas a serviço da civilização, de modo geral só uma parcela reduzida da população masculina terá chance de uma experiência direta da masculinidade de gangue — participação em atividades de guerra, proteção e defesa — ao mesmo tempo que a grande gangue à frente da civilização, de uma forma ou de outra, “obtem a impunidade”. Não que alguns homens não vão lutar, mas só que em número menor. E as modernas tecnologias aceleram essas coisas. Quando se dispõe da capacidade de atacar em segurança, *indiretamente*, como *drones* guiados à distância, poucos homens terão um dia de matar alguém *diretamente*.

A fatura proporcionada pela moderna tecnologia também reduz a oportunidade dos homens se envolverem em “guerras à natureza”, como dizia James. Cada vez menos homens terão de trabalhar ativamente com as mãos, como faziam nas primitivas gangues de sobrevivência. A agricultura substituirá a caça em grupo, e o agronegócio automatizado ou a agricultura estatizada transformarão a atividade de lavoura numa “tarefa” de baixa

qualificação, na qual os homens não têm de fazer nenhum investimento emocional. A caça dá lugar à esteira transportadora do matadouro, e, graças à eficiência desse sistema, ainda menos homens precisam participar do processo de caça. Para a maioria dos homens, a atividade sobrevive só como esporte. Quando queremos carne, vamos ao supermercado. O que ocorre com a maioria das pessoas de hoje em dia é que o que elas fazem para ganhar o dinheiro que gastam com a carne pouco ou nada tem a ver com as atividades de caça. Não que as coisas tenham de ser assim, mas é como são.

À medida que diminuem as oportunidades dos homens se dedicarem a atividades para as quais a evolução os preparou, aumenta a ênfase nos canais de masculinidade simulados, vicários ou intelectualizados, como forma de preservar a ordem e a unidade cultural. Os homens ainda se sentem homens, mas a ameaça que representam à ordem, aos interesses estabelecidos e aos interesses das mulheres é mitigada.

Os homens disputam prestígio e querem merecer a aprovação de seus pares, de forma que os canais para a masculinidade que suscitarão seu interesse estarão relacionados a suas aptidões e a seu temperamento natural. Poder ser que os sujeitos de compleição franzina e metabolismo acelerado não dêem os melhores levantadores de peso, mas é comum darem excelentes corredores. Assim também com os intelectuais e os homens dotados do dom da palavra, que aceitam de especial bom grado os canais de masculinidade mais intelectualizados.

Na maioria dos casos, o talento dos homens apresenta uniformidade suficiente para que eles se interessem por uma mistura de formas simuladas, intelectualizadas e vicárias de masculinidade, desde que, por outro lado, sejam devotados a determinada civilização.

Só uma minoria de homens precisa de oportunidades extremamente freqüentes de se aplicar a equivalentes vitais, imediatos à caça e à guerra, que os mantenham produtivos e os impeçam de se autodestruírem. Para Charles Darwin, esses “vadios” representariam um “grave empecilho à civilização”, mas poderiam ser “úteis pioneiros”.⁵¹ Em civilizações superiores, esses homens tendem a arranjar um bocado de encrencas — são eles que lotam nossos presídios e costumam ter problemas com o abuso de drogas — ainda que se dessem muito bem num cenário de sobrevivência, provavelmente.

Outro reduzido número de homens fica feliz de viver quase completamente na própria cabeça e se satisfaz facilmente com ocupações intelectuais e demonstrações abstratas de masculinidade. Assim como os atletas só se vangloriam de que os “homens de verdade praticam esportes” porque são bons neles, os pensadores abstratos também fingem ter dominado seus instintos mais básicos apenas fazendo aquilo para o qual eles são naturalmente dotados. Os homens disputam prestígio e querem ter a impressão de estar ganhando.

Uma vez que se tenha reconhecido isso, os debates travados entre os homens, sobre a verdadeira natureza da masculinidade, ficam divertidamente previsíveis. Para quem é

⁵¹ Darwin, Charles. *The descent of man*. Publicado originalmente em 1871. New Century Books. Posição no texto 2623-2624. Kindle. [Publicado no Brasil com o título de **A origem do homem e a seleção sexual**.]

engenheiro, a masculinidade diz respeito exclusivamente à tecnologia; para quem é formado nas artes liberais, exclusivamente à virtude civilizada; e para quem é atleta, exclusivamente à força, rapidez e perseverança. Os machos efeminados se consideram mais “evoluídos” que seus irmãos selvagens, sendo, portanto, os homens verdadeiramente melhores. Numa sociedade patriarcal equilibrada e uniforme, que garanta à maioria dos homens a oportunidade de porem em prática seus talentos, é capaz de todos esses sujeitos terem razão, ao menos em parte. Todos dispõem de várias formas de demonstrar a seus pares que são dotados de força, coragem, destreza e honra, e todos podem se sentir valorizados por uma parcela desses pares. O ideal é que esses sujeitos cultivassem um tantinho de respeito por esses diferentes papéis — se bem que, os homens tendo o costume de correr atrás de prestígio, em geral aqueles dotados de egos saudáveis acreditam que o próprio papel é um pouco mais importante que o dos demais, que ele é um pouco melhor.

Infelizmente, no nível de civilização, de tecnologia e de fartura que já atingimos, para proteger a ordem e os interesses estabelecidos, têm sido cada vez mais raras as oportunidades de nos aplicarmos a equivalentes vitais, imediatos, à caça e à guerra. A tecnologia armamentista fez da guerra uma coisa demasiado letal e demasiado fácil, para aqueles dispostos a usar essa tecnologia para conseguir aquilo que desejam, custe o que custar. Advogados e seguradoras — e mais tecnologia — têm feito aquelas atividades outrora arriscadas, empolgantes e envolventes se tornarem seguras, fáceis e tediosas. Apenas um seleto número de vigilantes, trabalhadores de setores em retração e terceirizados, e homens que preferem os canais de masculinidade intelectualizados se satisfazem em participar de atividades que lhes proporcionem a sensação de estarem se arriscando, se esforçando e ganhando. Todos os outros só estão fazendo graça — e eles sabem disso. Os homens têm se retirado e se desapegado deste nosso mundinho vistoso, fácil e seguro. Pode ser que pela primeira vez na História o sujeito comum possa se dar ao luxo de agir despreocupadamente. Nada do que ele faça tem a mínima importância, e — o que é pior — é cada vez menor sua esperança num futuro no qual o que ele fizer venha a ter importância.

Pornografia não é a mesma coisa que sexo, é um substituto. Mas será que a pornografia perderia o atrativo, sem a possibilidade de sexo? Será que as simulações de guerra e sobrevivência seriam suficientes, mesmo que sem a mais remota possibilidade de haver uma guerra ou uma rivalidade? Será que elas não passariam de coisas vazias, desgastantes e deprimentes?

Eis um dos motivos das pessoas sentirem tanto prazer com filmes de zumbis e coberturas de desastres na TV. O apocalipse — qualquer apocalipse — oferece uma oportunidade. Como está escrito na contracapa dos quadrinhos de **The walking dead**, “Num mundo dominado pelos mortos, somos forçados a finalmente começar a viver.”

O acordo firmado entre a moderna civilização e a macheza, com a promoção dos intelectuais, enfatiza ainda mais os canais de masculinidade intelectualizados, como era previsível. Mas há alguns problemas nisso.

Para início de conversa, como nem todo homem é intelectual, eles acabam se estrepando nessa disputa. Ninguém gosta de perder o tempo todo — é só perguntar a um nerd ou calouro vítima de bullying. Quando só a minoria dos homens é composta de intelectuais e só o que se tem é uma masculinidade intelectualizada, a sensação da maioria é de que sofrerão derrotas seguidas. Se quiser criar uma sociedade de fracassados anti-sociais e apáticos, é só convencer à maioria dos homens de que eles já são perdedores, e de que, não importa o que façam, jamais conseguirão ganhar.

De que vale tentar quando se sabe que o jogo todo é uma armação?

Pela satisfação de saber que se está contribuindo para um bem maior?

É bem o tipo de estupidez que um intelectual diria.

Outro problema com a completa intelectualização da masculinidade é que a masculinidade intelectualizada é igualmente acessível às mulheres, até certo ponto. Demonstrar macheza para os outros homens não quer dizer muito quando as mulheres fazem as mesmíssimas coisas que os homens. A “coragem intelectual” não é uma coisa particularmente específica dos homens ou do papel que desempenham. As mulheres podem ser dotadas de igual “coragem intelectual”. As mulheres podem puxar o tapete umas das outras no trabalho tão bem quanto os homens — ou talvez até melhor. As mulheres podem demonstrar autodomínio, podem ser boas cidadãs. As mulheres podem ser moralmente íntegras, e se, tomadas coletivamente, elas ficam atrás no campo das ciências, há mulheres capazes de concorrer com os homens em todas as áreas acadêmicas. A masculinidade intelectualizada só é aproveitável quando a intelectualização da masculinidade ocorre de um jeito diferente da feminidade e os homens não são obrigados a competir com as mulheres. Quando subconscientemente os homens tentam demonstrar seus méritos de homens para outros homens e acabam se vendo competindo com mulheres, de certa forma a ilusão vem inteira abaixo.

A introdução de mulheres numa esfera de competição frustra sua viabilidade como substituto para a atividade da gangue masculina.

Para a maioria dos homens, havendo mulheres envolvidas na competição, esta não satisfaz àquela mesma necessidade primitiva — não importa qual atitude elas adotem, nem o quanto a desculpa de incluí-las pareça racional. Como regra geral, quando se adicionam mulheres à mistura, ou os homens deviam sua atenção e se preocupam em impressioná-las, em vez de impressionarem uns aos outros, ou perdem todo o interesse e só fazem o estritamente necessário para sobreviver.

As reivindicações das feministas pela igualdade absoluta e pela integração dos sexos às guerras e a seus equivalentes — combinadas à ameaça iminente de destruição tecnológica em massa e ao desejo das elites globalistas de proteger seus investimentos contra gangues de desordeiros — levaram a intelectualização da masculinidade a uma fase terminal: a do *repúdio*. Nem mulheres nem globalistas aceitam mais reconhecer a natureza dos homens

como ela é e oferecer a eles equivalentes à guerra. Agora, a ordem do dia comum a esses dois grupos é o repúdio integral à idéia de que os homens tenham vontade de fazer as coisas para as quais a seleção natural os preparou.

Os meninos são censurados até pelas fantasias violentas — pelas histórias violentas que gostam de escutar, pelos livros violentos que gostam de ler, pelos jogos violentos que gostam de jogar. Do berço à faculdade, os machos vêem seu “demonismo” ser punido, patologizado, estigmatizado. Mesmo os caras bonzinhos são tratados como maus, por formarem gangues, por serem “xenófobos”, patrióticos os orgulhosos em excesso. Videogames, esportes de combate e filmes são censurados por serem “violentos demais”. Para muitos pais superprotetores, o futebol americano é considerado “perigoso demais”. Todos têm de estar de acordo que a violência nunca é a resposta — a menos que ela proceda do gume do machado estatal.

Só ascetas e intelectuais por natureza se sentem honestamente satisfeitos com o repúdio à masculinidade de gangue como um substituto da masculinidade de gangue. Para a maioria dos homens, esse repúdio ao papel dos homens e à estratégia básica de sobrevivência adotada por nossa espécie acaba parecendo — e com justiça — auto-depreciação e opressão. O destino dos homens é se juntarem em gangues e enfrentarem uns aos outros, ou enfrentarem a natureza. Ensinar os homens a desprezar essas coisas é o mesmo que ensiná-los a desprezar a própria história, a odiar os próprios talentos, a rejeitar seu lugar natural no mundo.

O repúdio à masculinidade violenta é o assassinato da identidade masculina.

É o mesmo que aleijá-los e condená-los a uma vida de derrotas, ao privá-los de sua melhor oportunidade de vitória. O repúdio cultural ao Código dos Homens põe um fim no sonho de ação viril e faz seus equivalentes parecerem irrelevantes e desagradáveis. Ele extingue com a secreta esperança dos homens a fantasia de um dia serem postos à prova, de um dia serem atirados num mundo extremo, na cruenta fronteira entre a vida e a morte. Um mundo onde tudo que fizerem terá, de fato, importância.

Em recente artigo para o jornal eletrônico Asia Times, o ensaísta Spengler argumentou que, em vista do fim iminente, ou as culturas implodem, ou partem para o ataque. Seu funcionamento obedece a um padrão de racionalidade diferente, como alguém que fosse diagnosticado com uma doença terminal. Esse tipo de crise espiritual não cabe na idéia de comportamento racional que temos hoje em dia. Escreve ele:

“Indivíduos confinados numa cultura agonizante vivem num mundo crepuscular. Eles acolhem a morte, seja por meio da infertilidade, da concupiscência ou da guerra. Os cães se arrastam até um buraco para morrer. Membros de culturas doentes não chegam a fazer nada tão dramático, mas deixam de ser filhos, embotam os sentidos com álcool e drogas, se

desesperam e, como muito freqüência, tiram a própria vida. Ou podem mover uma guerra contra aquela que consideram ser a origem de sua humilhação.”⁵²

Ao perceberem que jamais serão pioneiros — que jamais acenderão a fogueira, nem ficarão de sentinela no acampamento, nem lutarão por suas vidas — os homens vadios podem acabar se revelando um empecilho à civilização. É só lembrar o que jovens negros desesperados, desorientados e furiosos fizeram a cidade que nunca foram deles. É só ver como os outrora orgulhosos astecas reagiram à violação de suas cidades e ao controle estrangeiro. Os brancos são igualmente capazes de deitar abaixo um futuro onde eles não tenham lugar — um futuro erigido sobre sonhos que não os deles.

As necessidades emocionais dos homens não podem ser satisfeitas por um mundo que repudie o Código dos Homens, mas enquanto suas necessidades materiais estiverem sendo satisfeitas, eles podem optar por não moverem guerra contra o mundo. Enquanto houver drogas suficientes, alimentos suficientes, distrações suficientes, pode ser que os homens se satisfaçam em embotar os sentidos, se desconectar e consentir em virar escravos dos interesses das mulheres, dos burocratas e dos abastados.

A sociedade masturbatória dos bonobos

O que haveria se os homens, de tão mal-acostumados, arregassem e se rendessem incondicionalmente às mulheres? Como funcionaria uma sociedade assim?

A teoria evolutiva do investimento parental sugere que, em virtude do alto custo da reprodução, os membros do sexo que fizer o menor investimento parental disputarão o acesso sexual aos daquele que fizer o maior. No caso dos seres humanos e da maior parte dos mamíferos, as fêmeas é que se vêem obrigadas a fazer o maior investimento na reprodução.

Não bastasse passarem nove meses carregando o filho no ventre, as fêmeas humanas ficam extremamente vulneráveis e têm mais dificuldades de deslocamento, nos últimos estágios de gestação. Mesmo dar à luz é uma coisa traumática, e, no passado, as mortes ocorridas durante o parto eram mais corriqueiras que hoje em dia. Depois disso, a mãe continua especialmente vulnerável por um curto período de tempo, ao passo que a criança, extremamente vulnerável nos primeiros meses, continua vulnerável por vários anos. Também a amamentação é um investimento que se exigia das mães humanas até bem pouco.

Para os machos, essas coisas comparativamente fáceis. Podemos transmitir nossos genes em questão de minutos e, depois, sumir do mapa — a não ser que sejamos persuadidos a não ir muito longe, seja pelas próprias fêmeas, pelos controles sociais ou por pais de trabuco na mão.

A evolução dos machos humanos os levou a disputarem o acesso às fêmeas, por causa do prêmio valioso que é o investimento reprodutivo delas. Os machos até poderiam viver no mundo exclusivamente masculino da gangue, mas as fêmeas representam quase que literalmente o futuro. Os homens traçam um perímetro e estabelecem a segurança; criam os rudimentos de uma hierarquia, de uma ordem e de uma cultura seminal, que contrapõem nós e eles. Para perpetuarem o *nós*, os homens precisam de mulheres — daí tentarem bolar como conseguí-las e como ter “acesso a seu investimento reprodutivo”.

Major West, personagem do filme de zumbis **Extermínio**, conta uma história que lembra a da fundação de Roma. Em poucas palavras, ele explica a razão para o rapto das sabinas:

“Há oito dias, eu encontrei o Jones com uma arma enfiada na boca. Ele disse que ia se matar porque não havia nenhum futuro. O que eu podia dizer para ele? Ou lutamos com os contaminados, ou esperamos até que a fome os mate... e depois? O que nove homens podem fazer a não ser esperar a própria morte? Eu os tirei do bloqueio, fiz a transmissão no rádio e prometi mulheres para eles. Porque mulheres são o futuro.”⁵³

⁵³ **28 days later**. Writ. Alex Garland. 2002. 20th Century Fox. DVD-ROM. [Exibido no Brasil com o título de *Extermínio*.]

O Código dos Homens é o Código da Gangue, mas uma gangue só de homens não tem futuro nenhum. Uma gangue exclusivamente masculina acaba junto com a morte do último homem. Os homens querem ser lembrados, querem que sua tradição sobreviva — e querem sexo. Em última instância, esses mecanismos e desejos psicológicos lhes dão a chance de transmitirem seus genes. Numa disputa por recursos, inclusive por mulheres, a melhor estratégia para uma gangue de homens é criar uma hierarquia patriarcal, eliminar as gangues rivais vizinhas, tomar suas mulheres e protegê-las das demais gangues rivais. E exatamente isso que fazem muitas tribos primitivas. Trata-se de uma estratégia básica de gangue.

E o que acontece quando a disputa por recursos é drasticamente reduzida?

O que acontece quando as mulheres fazem as coisas de seu jeito?

Dois de nossos parentes primatas mais próximos, chimpanzés e bonobos, ilustram algumas das diferenças entre os hábitos dos homens e os das mulheres.

O argumento de Wrangham e Peterson é que, apesar das teorias culturais deterministas e da quantidade de ilusões sobre o pacifismo dos matriarcados pré-históricos, evidências evolutivas, arqueológicas, históricas, antropológicas, fisiológicas e genéticas sugerem de forma inequívoca que os seres humanos sempre foram uma espécie patriarcal, um grupo-subgrupo unido pelos laços entre machos e envolvido regularmente em coalizões com finalidades violentas. É uma conclusão corajosa, tendo em vista que os dois autores parecem sinceramente contrários à violência. Na qualidade de autodenominados feministas evolutivos, eles oferecem sugestões de como poderíamos dar um basta à violência masculina, agora que os homens têm os meios de descarregar seu ódio de uma forma bem mais destrutiva que a que permitiam os braços fortes e armas toscar de seus primitivos ancestrais. À parte a adoção da procriação seletiva para reduzir as violentas tendências alfa dos machos — programa que parece estar em andamento, muito embora acidentalmente — e o estabelecimento de um governo mundial, Wrangham e Peterson sugerem que busquemos orientação nos dóceis macacos bonobos.

Chimpanzés e bonobos são parentes próximos dos seres humanos. Ambos têm muito comum com as pessoas, mas quando se trata de estruturas sociais, aqueles estão mais aptos a viver em subgrupos, sob a de uma hierarquia de machos, ao passo que a tendência dos bonobos é viver em grandes grupos mais estáveis, com número maior de fêmeas; e são as fêmeas que mantêm coalizões, para impedir a violência dos machos. Os chimpanzés se organizam em prol dos interesses reprodutivos dos machos e os bonobos, em prol dos interesses das fêmeas. Os chimpanzés observam o Código dos Homens. Os bonobos observam o Código das Mulheres.

A ORGANIZAÇÃO DOS CHIMPANZÉS

Os chimpanzés podem se misturar em grupos maiores, se puderem fazer alianças e se houver comida farta. Chimpanzés e seres humanos preferem comida de qualidade, e os chimpanzés machos saem efetivamente à caça de carne, em especial a carne dos macacos

colobus-vermelhos. Os recursos sendo escassos, eles os disputam se dividindo em subgrupos. Essa estrutura social é chamada “grupo-subgrupo”, por causa da flexibilidade no número de membros. Sob pressão, eles reverterem aos subgrupos patriarcais comandados por parentes machos e aliados unidos pelos laços entre machos. As fêmeas passam (e são passadas) de subgrupo em subgrupo. Os machos disputam o acesso sexual às fêmeas, mas eventualmente também as cortejam e as escoltam para longe da violência da competição masculina. Às vezes, as fêmeas sem filhotes se juntam aos machos nas atividades de caça e incursão. Na hierarquia social dos chimpanzés, as fêmeas se subordinam aos machos e têm de demonstrar submissão. Quando o macho jovem chega à idade adulta, é comum que faça um estardalhaço e passe a querer mandar nas fêmeas, até que elas o reconheçam como macho adulto. Depois que ele consegue, para de criar caso. Contudo, os chimpanzés espancam as fêmeas, esporadicamente, para manter o prestígio e mostrar às garotas como é que a banda toca. Os machos que chegam à idade adulta passam um bocado de tempo juntos, mas também passam muito tempo disputando prestígio entre si. Essas disputas costumam ser violentas, e, em raras ocasiões, soube-se de dois machos que fizeram uma aliança para matar o macho alfa. É possível que os seres humanos reconheçam isso como parricídio ou tiranicídio. Para os chimpanzés, disputas internas importam menos que a disputa com outros grupos. Chimpanzés e seres humanos são as duas únicas famílias dos grandes primatas cujos machos formam coalizões para sair em incursões ou para eliminar os membros de um subgrupo vizinho. Em certas ocasiões, os chimpanzés alfa reúnem os outros machos, vão à fronteira de seu território e tentam capturar e matar um membro desprevenido com a estratégia de “guerra furtiva”, comum entre seres humanos primitivos também envolvidos em incursões de guerrilha.⁵⁴ Com o tempo, os machos abatem todos os machos do subgrupo vizinho, absorvem a seu próprio subgrupo de fêmeas remanescentes e casalam com elas. Em razão de caçarem, os chimpanzés têm de estar dispostos a pôr de lado as disputas internas e manter sólidos laços entre si. Escreve o primatólogo Frans de Waal:

“... a psique do chimpanzé macho, forjada em milhões de anos de beligerância intergrupar em seu habitat natural, se divide entre a concorrência entre eles, os machos contam uns com os outros contra o mundo externo. Nenhum macho sabe quando precisará de seu maior adversário. É claro que é justamente essa mistura de camaradagem e rivalidade entre os machos que faz com que a sociedade dos chimpanzés seja tão mais familiar para nós que a estrutura social dos outros grandes primatas.”⁵⁵

⁵⁴ Keeley, Lawrence H. **War before civilization**. Oxford University Press, 1996. Posição no texto 1016-172. Kindle. [Publicado no Brasil com o título de **A guerra antes da civilização**.]

⁵⁵ De Waal, Frans. **Chimpanzee politics** [Política de chimpanzé]. 1982. Baltimore, MD: Johns Hopkins Paperbacks, 2000. Posição no texto 1055-58. Kindle.

A ORGANIZAÇÃO DOS BONOBOS

Os bonobos se alimentam de muita coisa da qual os chimpanzés gostam, e também comem carne quando encontram. Mas uma vez que os bonobos não compartilham território com os gorilas, conseguem comer os mesmos tipos de erva de que aqueles se alimentam. Wrangham e Peterson acham que essa é uma das principais diferenças entre os chimpanzés e os bonobos. Os bonobos dispõem de uma fonte de alimentos essenciais fáceis de achar, não têm de disputar recursos nem quando muitos desses alimentos estão fora de estação — daí conseguirem relaxar parcialmente o ano inteiro, desfrutando da paz proporcionada pela fartura. Embora disputem prestígio, os machos parecem menos preocupados com essas coisas, que não dizem muito para eles. Os bonobos não disputam parceiras. Cada macho só faz esperar por sua vez, e as fêmeas recebem de bom grado qualquer um que as procure. Para os bonobos, o sexo é social, e eles mantêm relações tanto homossexuais quanto heterossexuais. Os machos ignoram quais são suas crias, qualquer um dos filhotes pode ser seu. Sobra para a mãe todo o investimento parental. Os machos bonobos sabem quem são suas mães e permanecem ligados a elas a vida inteira; não raro eles as acompanham por toda parte ao longo de toda a idade adulta, e elas intervêm em conflitos em nome deles. Entre os bonobos, os machos não passam muito tempo juntos, mas as fêmeas criam sólidos laços de amizade entre si, quando os machos começam uma encrenca, elas se juntam em bando e dão logo um chega-para-lá. As fêmeas bonobos é que mandam. Quando um grupo entra em contato com outro, elas se encarregam de selar a paz e, em geral, passam a fazer o hoka-hoka — que é como os nativos chamam a relação entre as bonobos fêmeas. Depois, acasalam com os machos do outro grupo. Os machos de seu próprio grupo só fazem ficar ali à toa observando, dar de ombros e, por fim, entrar na dança.

UM CONFLITO DE INTERESSES

Bonobos e chimpanzés são adaptados para ambientes diversos, e suas estruturas sociais são influenciadas pelo que esses ambientes têm a oferecer. A sociedade dos bonobos privilegia o interesse das fêmeas. As coalizões entre elas prevalecem na política, e seus laços são mais importantes que os laços entre machos. Estes são ligados a suas mães e ignoram quem são seus pais. As fêmeas ficam juntas o resto da vida. Na sociedade dos chimpanzés, as fêmeas ficam meio que isoladas, e permanecem com suas crias enquanto estas forem pequenas; já os machos se dedicam tanto à rivalidade quanto à camaradagem, e permanecem com seus pais, irmãos e amigos o resto da vida. A sociedade dos chimpanzés privilegia o interesse dos machos.

Wrangham e Peterson acreditam que os bonobos oferecem um caminho triplo para a paz”, tendo em vista que conseguiram reduzir a violência entre sexos, reduzir a violência entre machos e reduzir a violência entre comunidades.⁵⁶ Em resposta à destruição em massa

⁵⁶ Wrangham, Richard e Dale Peterson. 205.

inerente às guerras modernas, muitos homens têm procurado meios de abandonar o “sistema de hostilidades”,⁵⁷ a serviço do patriarcado, e se orientado com as mulheres sobre a formação de coalizões e a descoberta de um estilo de vida mais pacífico.

Quem acredita que a hostilidade humana é de certo modo artificial não encontrará, na história das ciências, muito apoio objetivo para essa teoria. As sociedades humanas são complexas, e certos aspectos do padrão de comportamento dos bonobos e dos chimpanzés são bastante familiares. Só que a agressão masculina, a violência das coalizões masculinas e a ascendência política masculina foram todas elas identificadas como “universais humanos” — o que significa dizer que evidências desse comportamento foram encontradas, sob diferentes formas, em quase toda sociedade humana já estudada.⁵⁸

INTERESSES DOS MACHOS VS. INTERESSES DAS FÊMEAS		
	Interesses dos machos (chimpanzés)	Interesses das fêmeas (bonobos)
Recursos	Incertos, às vezes difíceis de obter	Facilmente acessível
Priorização da caça	Alta	Baixa
Aliança entre machos	Sim	Não
Aliança entre fêmeas	Não	Sim
Sexualidade	Para fins de acasalamento	Por prazer e para fins de socialização
Homossexualidade	Mínima, incomum	Freqüente, comum
Ascendência política	Machos	Compartilhada, mas coalizões entre fêmeas exercem grande influência
Machos - laços parentais	Pai, irmãos, patrilinear, os machos passam o tempo com a mãe na juventude, com machos o resto da	Mães

⁵⁷ Keen, Sam. **Fire in the belly** [Cabelo nas ventas]. Bantam, 1991. Capítulo 8, “A brief history of manhood” [Uma breve história da masculinidade]. Impresso. Posição no texto 1655-2110. Kindle.

⁵⁸ Brown, Donald E. “Human universals” [Universais humanos]. DePaul University, s.d. Web. 19 fev. 2011. <http://condor.depaul.edu/mfiddler/hyphen/humunivers.htm>

	vida, com fêmeas para fins de acasalamento.	
Fêmeas - laços parentais	Mães, fêmeas podem deixar o subgrupo	Mães, matrilinear, fêmeas costumam permanecer no grupo
Machos agredem fêmeas	Sim	Não
Machos violentam fêmeas	Sim, mas raramente	Para que se incomodar?
Fêmeas reconhecem a ascendência dos machos	Sim	Não
Defesa do território	Sim	Às vezes
Incursões intergrupais	Sim	Não
Patrulhamento das fronteiras	Sim	Não

Em razão de se desenvolverem num território restrito e abrigado, os bonobos só passaram a ser estudados pelos cientistas como espécie à parte e distinta nos anos 1950. O território dos chimpanzés é bem maior, e eles se adaptaram a ambientes mais diversos. É evidente que seres humanos e chimpanzés têm mais em comum, em termos de organização social. Embora os humanos sejam mais inteligentes e se organizem em arranjos sociais bem mais complexos que os dos chimpanzés, é provável que os laços entre machos e a violência das coalizões masculinas tenham sido características constantes das sociedades humanas e pré-humanas.

A tabela a seguir mostra as diferenças entre os diversos aspectos das sociedades de chimpanzés e das sociedades de bonobos — ela mostra dois caminhos, dois extremos.

Alguns pesquisadores sugerem que os bonobos não assim tão pacíficos quanto Wrangham e Peterson acreditavam, mas o que de fato parece claro é que são mais pacíficos e matriarcais que os chimpanzés, e que seu estilo de vida é semelhante à minha descrição.

Tomados como uma metáfora do que ocorre aos homens que vivem na paz e na segurança proporcionadas por uma fartura como a nossa, os hábitos dos bonobos parecem assustadoramente familiares.

Então a maioria dos homens de hoje em dia não é composta de filhinhos de mamãe mimados, desprovidos de figura paterna, desprovidos das atividades de caça e combate e de laços fraternos, e cuja masculinidade só encontra vazão no sexo promíscuo?

As guerras contra outros homens são uma coisa que cada vez menos de nós conhecemos. O recrutamento obrigatório para a Guerra do Vietnã acabou no ano anterior ao de meu nascimento. Dessa época em diante, os EUA tiveram sucesso em formar uma classe de soldados profissionais, que travam combates em terras distantes no lugar do governo. O americano médio sabe mais de basquete universitário que de qualquer conflito além-mar.

Assim como os bonobos, não temos de nos preocupar com a fome. Mal e porcamente temos razões para levantar da poltrona. Até a recente recessão prolongada, era razoavelmente fácil arranjar emprego, e quase todo homem disposto a trabalhar era capaz de conseguir uma vaga. Programas de bem-estar e assistência social oferecem redes de proteção para muitas outras pessoas, e são poucos os americanos de hoje que se criaram numa casa que não tivesse televisão. Fome, pobreza e desespero de verdade, do jeito que os africanos conhecem, são raros até para quem é oficialmente considerado pobre. Doenças que dizimaram populações do passado hoje têm tratamento, e as pessoas chegam a se recuperar por inteiro de ferimentos que teriam sido fatais cem anos atrás. Se tem uma coisa que ilustra a fartura surreal de que desfrutamos hoje em dia, é o fato de enfrentarmos problemas como epidemia de obesidade. Ou seja, a pessoa consegue ficar sentada em casa, comendo, até ficar tão gorda que nem dá mais para se mexer.

Os americanos estão obesos, em parte, porque simplesmente não *fazem* o suficiente. E difícil encontrar um emprego no qual se tenha de fazer o tipo de trabalho estafante de nossos ancestrais. Sei disso porque sou daquele tipo de pessoa para quem um emprego temporário cavando fossos parece uma diversão. E *olha que cheguei a procurar*. Nosso corpo é dotado de uma tremenda capacidade de trabalho, quando estamos condicionados para isso. O corpo humano é feito para trabalhar arduamente. Quando não se tem trabalho a fazer, a saúde física deteriora. Os médicos têm de mandar as pessoas fazerem caminhadas como se fosse alguma espécie de inovação na tecnologia de exercícios físicos. Uma vez, observei assombrado um *personal trainer* conduzir autoritariamente uma parelha de uns quarenta e poucos adultos, numa caminhada nas imediações da Própria vizinhança deles. Era um passeador de cães humanos a setenta e cinco dólares por hora.

O restante de nós vai à academia “malhar”, que é só um substituto para a execução de trabalhos físicos. Pessoas que vivem de responder e-mails vão a um prédio especial onde enganam o corpo, fazendo-o achar que elas estão de fato executando o tipo de trabalho para o qual a evolução as preparou. Atividades como treinar com sacos de areia, levantar pedras e correr descalço estão virando coqueluche. E só uma questão de tempo até aparecer alguém que bole um jeito de comercializar mais um modismo *fitness*, que ponha as pessoas para correr de lá para cá lanceando mamutes de mentirinha.

E, contudo, somos bons à beça em conceber formas inventivas de masturbar nossa natureza primitiva com a “segurança” de prazeres virtuais, vicários e abstratos.

O objetivo da civilização parece ser o de eliminar o trabalho e o risco, só que o mundo mudou mais que nós. Nosso corpo suplica por trabalho e sexo, nosso espírito suplica por risco e conflito.

Sempre me pareceu surpreendente que, mesmo nas mais populares de nossas concepções futuristas, não fôssemos capazes de eliminar o conflito — como na série **Jornada nas Estrelas**, por exemplo. Por alto, ela é um sonho modernista, feminista, igualitário. Homens, mulheres e povos de todas as raças trabalhando lado a lado numa meritocracia mundial, com o objetivo de levar a paz a todo o universo. Mas nossa fantasia é o conflito,

não a paz. Se não houver conflito entre nós e eles não haverá trama. Em **Jornada nas Estrelas**, eles estão sempre em luta com alguém. Muita gente sente atração por essas platitudes pacifistas, iguais às que se ouvem na música “Imagine”, de John Lennon; só que as pessoas não são assim tão boas nem têm tanto interesse em imaginar um futuro sem conflito. Se escrevessem uma série de ficção científica que não tivesse conflito, será que alguém assistiria?

Nossa sociedade não tem tolerância quase nenhuma com a violência física não sancionada. Crianças são expulsas da escola quando brigam, e uma coisa historicamente banal como um arranca-rabo entre bêbados desarmados é capaz de mandar um homem para o juiz ou para a prisão.

À medida que as coalizões femininas, os políticos alcoviteiros e os homens acovardados se organizam para nos proteger de nosso mundo, para criminalizar as armas e regulamentar os esportes violentos, os homens recuam para redutos de masculinidade virtual e vicária, como *videogames* e simulações de jogos de futebol americano, que é tudo o que sobrou para eles.

As pessoas também estão buscando outras formas não violentas de risco simulado e aventura “segura”. De *skydiving* e *bungee-jumping* a montanhismo guiado e corrida de aventuras, homens e mulheres têm bolado um número cada vez maior de simulacros da vida humana primitiva. Mulheres e homens são dotados de impulsos semelhantes, mas em graus diferentes — e o que percebi, quando participei de corridas de 5K, dos CrossFit e da “Warrior Dash”,* é que, depois que a novidade esfria, é comum a presença ser cada vez mais feminina. Mesmo que algumas mulheres participem de forma competitiva, um número bem maior atribui à experiência um caráter social e emocional, parando a meio caminho para animar as amigas e incentivar seu esforço. Minha impressão é a de que muitos maridos e namorados reconhecem a natureza masturbatória, “de bem com a vida”, dessas atividades e dão de ombros, se perguntando porque eles deveriam atravessar correndo um lamaçal a uma temperatura de mais de 30°, *sem razão nenhuma*. Do ponto de vista evolutivo, faz sentido as mulheres tenderem a preferir e se sentir mais satisfeitas com simulações de risco “seguras” e “divertidas”, enquanto os homens desejam disputas reais, com riscos reais e a possibilidade real de ganhar prestígio. Raramente o exercício que é cuidadosamente orquestrado, higienizado, acolchoado, segurado e autorizado se compara à fantasia de ação viril e risco significativo.

Nos *videogames*, os homens pelo menos vivenciam uma morte *virtual*.

À medida que foi diminuindo a disputa física por recursos, o sexo foi se tornando cada vez mais social — que é o que acontece com os bonobos. Homens e mulheres se juntam para satisfazer seu impulso primitivo de reprodução. Para o desgosto dos reformistas da

* Corridas de cinco quilômetros são promovidas em todos os EUA e disputadas majoritariamente por atletas amadores. Os CrossFit Games são uma competição com diferentes provas, que testam a força e a resistência dos participantes. A Warrior Dash é uma corrida de obstáculos, também com extensão de cinco quilômetros; é a ela que o autor se refere ao falar em “lamaçal”, mais adiante. (N. do T.)

masculinidade, as mulheres ainda respondem sexualmente àqueles traços e comportamentos “alfa” que teriam feito dos homens bons caçadores e combatentes. Para as mulheres, as demonstrações de força, coragem e destreza são sinais de superioridade genética e de um acentuado prestígio masculino — inclusive para aquelas que não têm planos de reproduzir. Os homens estão atrás de mulheres que pareçam amáveis e férteis, e elas empulham o cérebro de macaco deles com batom, lipoaspiração e seios de silicone. Hoje em dia, o sexo é cada vez mais desconexo do acasalamento, e para muitos virou uma questão de “se masturbar com o corpo do outro”.

Em muitos casos, o que o corpo tem a oferecer é desapontador, se comparado ao sexo isento de riscos que os homens podem ter virtual e vicariamente, com pornografia de alta qualidade e acesso imediato. Em 2003, a feminista Naomi Wolf⁵⁹ e o escritor David Amsden⁶⁰ disseram que a experiência da simulação de sexo estava fazendo os homens se desinteressarem do sexo com mulheres de verdade, que se sentiam obrigadas a disputar a atenção deles com a pornografia.

2003... não faz tanto tempo assim que as pessoas ainda pagavam efetivamente por pornografia, e arquivos de um gigabyte ainda pareciam enormes. Hoje em dia, os jovens podem baixar pornografia de alta definição em segundos e assistir na mesma TV deslumbrante, de tela enorme, que compraram para assistir ao Super Bowl.** A New York Magazine investigou esse assunto em 2011, com a reportagem “He’s just not that into anyone”, na qual o autor relata que tinha fingido um orgasmo numa relação sexual real, mas que não tinha problema nenhum em atingi-lo quando assistia a pornografia. Alguns homens entrevistados para a matéria disseram que vinham sofrendo com disfunção erétil durante as relações sexuais reais, outros contaram que tinham de se recordar de cenas de pornografia para conseguir gozar, quando trepavam com as esposas. O cantor John Mayer confessou à revista Playboy que, certos dias, antes de se levantar da cama, era provável que ele já tivesse visto fotos de umas trezentas vaginas.⁶¹

Nosso mundo não está oferecendo aos homens outros meios de obterem um desempenho viril, nem uma experiência vital.

O que o mundo moderno tem a oferecer ao homem comum são mil e um métodos seguros de enxotar seu cérebro de macaco para o esquecimento.

⁵⁹ Wolf, Naomi. “The porn myth” [O mito da pornografia]. New York Magazine. 20 out. 2003. Web. 18 set. 2011. http://nymag.com/nymetro/news/trends/n_9437/

⁶⁰ Amsden, David. “Not tonight, honey, I’m logging on” [Hoje não, querida, vou me conectar]. New York Magazine. 20 out. 2003. Web. 18 set. 2011. http://nymag.com/nymetro/news/trends/n_9349/

** Campeonato nacional de futebol americano. (N. do T.)

⁶¹ Rothbart, Davy. “He’s just not that into anyone” [Ele só não está a fim de qualquer uma]. New York Magazine. 30 jan. 2011. Web. 18 set. 2011. <http://nymag.com/news/features/70976/>

Não é de surpreender que alguns homens, naqueles momentos de lucidez entre uma e outra masturbação inspirada por diversas formas vicárias de sexo e violência, se façam a mesma pergunta que, segundo Betty Friedan, as donas de casa instruídas andavam se fazendo nos anos 1950:⁶²

— **É só isso?**

Nascemos na fartura proporcionada pela paz, numa economia de prazer, numa sociedade masturbatória de bonobos.

O futuro que a elite de nossos adestradores nos reserva só apregoa mais do mesmo, ou seja, mais prazer indiferente, menos risco, liberdade da necessidade, mais masturbação. Os reformadores da masculinidade nos oferecem a oportunidade de combatermos batalhas metafóricas, mas, no mundo real, as batalhas mais importantes serão “travadas” entre a elite da burocracia e os gestores especialistas e abastados, que acham que sabem o que é melhor, enquanto o resto de nós se arrasta num emprego tedioso, isento de riscos, no qual fazemos um trabalho idiota e ficamos de olho no relógio, ansiosos para voltar para casa e nos render furiosamente a qualquer forma de experiência primitiva vicária ou virtual que nos proporcione um orgasmo.

Jornalistas cosmopolitas de escolas de elite, tipo Betty Friedan, encheram a cabeça das mulheres, fazendo-as fantasiar carreiras empolgantes na cidade grande, mas que poucas delas poderiam ter esperança de um dia conseguir. Para cada mulher que hoje vive essa fantasia, há uma penca de outras mulheres registrando mercadorias na caixa de alguma grande rede varejista, ou fazendo um trabalho repetitivo de preenchimento de fichas em algum escritório cinzento. No Oriente, elas estão atendendo a nossas chamadas telefônicas ou executando tarefas monótonas na linha de montagem de alguma fábrica. A isso se dá nome de “progresso”. É provável que, para muitas dessas mulheres, melhor seria passarem mais tempo participando ativamente da vida dos filhos — mas elas já não têm a opção de ficar em casa.

O custo da civilização é a progressiva permuta com a própria existência vital. É a troca do real pelo artificial, pela fraude convincente, que a gente faz pela promessa de segurança e de barriga cheia.

Sempre foi assim.

A questão é: “Quando é que essa troca passa dos limites?”

No futuro que globalistas e feministas conceberam para eles mesmos, só umas poucas pessoas chegarão a fazer alguma coisa que valha a pena. Alguns serão cientistas, encarregados de desvendar os mistérios do universo. Alguns serão engenheiros, daqueles que concebem, projetam e resolvem problemas. Alguns farão parte de uma classe gestora privilegiada de financistas e de burocratas, responsável por tomar as decisões importantes em nome de todos os demais. São eles que estarão à frente de companhias e departamentos, e erguerão seus enormes leviatãs a partir de documentos legais e de sorrisos fingidos. Assim como hoje em

⁶² Friedan, Betty. **The feminine mystique** [A mística feminina]. Publicado originalmente em 1963. Dell, 1983. 15. Impresso.

dia, também haverá uma classe criativa glamorosa, encarregada do planejamento de nossos divertimentos sedentários. Haverá gladiadores e corridas de carruagens. Haverá encenações e gente de teatro, e haverá os mexericos da aldeia global.

Só que não dá para todo mundo ser cacique — e a maioria de nós ficará mesmo é com o papel de índio. Os produtos precisam de hordas de consumidores, vendedores, atendentes de SAC, balconistas, estoquistas, assistentes de prevenção de perdas, vigias noturnos. Qualquer um que esteja no lado esquerdo da curva de sino,^{***} qualquer um que faça a escolha errada na hora errada, qualquer um que não seja submetido a duras provas ou não se comporte com correção, qualquer um que não tenha sido “adequadamente socializado”, qualquer um que decline das opções erradas pelas razões corretas, acabará ganhando uma merreca para trabalhar feito um burro de carga. Como observa Matthew B. Crawford no livro **Shop class as soulcraft**, até o chamado “trabalho de conhecimento” dos colarinhos brancos está “sujeito à rotinização e à degradação, a se seguir a mesma lógica que atingiu o setor industrial cem anos atrás, ou seja, os elementos cognitivos do trabalho são expropriados dos profissionais, aduzidos num sistema ou processo e, depois, restituídos a uma nova classe de trabalhadores — os funcionários — que substituem os profissionais”.⁶³ Ter leitura e escrita de nível superior não significa que, para fazer o que você faz, seja necessária uma capacidade de raciocínio ou de solução de problemas graves muito maior que a necessária para ser um gerente do McDonald’s. Só vai poupá-lo da testa oleosa.

Só algumas centenas de anos atrás, muitos homens hoje destinados ao funcionalismo teriam aprendido um ofício com os pais e adquirido destreza nele, fosse a agricultura ou outro tipo de trabalho interessante do qual pudessem se orgulhar. Teriam sido membros valorosos de uma reduzida comunidade de pessoas, que se importariam se estavam vivas ou mortas. Alguns passariam a vida com gangues de homens, a bordo de alguma embarcação, mas a maioria estaria destinada a prover e a proteger suas famílias — seu pequeno clã pessoal. Era um acordo factível entre a vida de gangue e a vida em família. Algumas gerações atrás, esses homens teriam responsabilidades significativas, e seus atos teriam o potencial de causar estragos maiores que meramente ferir os sentimentos de alguém ou causar incômodo. Eles teriam razões prementes para se esforçar em serem bons em serem homens, mas também em serem bons homens. Não muito tempo atrás, esses homens teriam dignidade e honra.

No futuro concebido por globalistas e feministas, para a maioria dos homens só haverá mais funcionalismo e mais masturbação. Só haverá mais pedidos de desculpa, mais submissão, mais solicitações de permissão para serem homens. Só haverá mais exames, certificações, requisitos obrigatórios, processos de triagem, inquéritos pessoais, testes de

^{***} O gráfico de distribuição normal (cognominado curva de sino, devido a seu traçado) descreve eventos que oscilam em torno de um Valor médio. Estar “no lado esquerdo da curva de sino” é estar abaixo da média.

⁶³ Matthew, Crawford B. **Shop class as soulcraft**: an inquiry into the value of work [As artes industriais como ofício da alma; uma investigação sobre o valor do trabalho]. Penguin, 2010. 44. Impresso.

personalidade e diagnósticos de caráter político. Só haverá mais medicação. Só haverá mais ocasiões de confiarem a sua secretária um frasco quentinho de sua própria urina. Haverá alongamentos matinais obrigatórios, e apresentações de segurança em vídeo, e folhas rubricadas para seu arquivo. Haverá mais capacetes, e óculos de proteção, e arneses, e uniformes alaranjados chamativos com tarjas refletivas. E inevitável que haja mais aconselhamentos e mais treinamentos de sensibilidade. Haverá mais empecilhos administrativos a superar, para quem quiser abrir o próprio negócio e pô-lo para funcionar. Haverá mais apólices de seguro obrigatórias. Não restam dúvidas de que haverá mais impostos. É provável que haja mais leis e políticas corporativas contra o assédio sexual, caracterizadas pela bizantinice, e ainda mais recursos graças aos quais tanto mulheres quanto grupos identitários privilegiados poderão acusá-los de conduta imprópria. Haverá mais rotinas microgeridas, e regulamentos mais insignificantes, e multas mais pesadas, e penalidades mais severas. Haverá mais meios deles se meterem em encrenca com a lei e mais meios da sociedade preservar suas doces ilusões, varrendo-os para debaixo do tapete. Em 2009, nos EUA, havia quase cinco vezes mais homens na condicional ou cumprindo pena nas prisões que na ativa em todas as Forças Armadas.⁶⁴

Se você for um bom rapaz e seguir as regras, se souber falar num tom passivo e inofensivo, se for capaz de convencer algum outro pobre paspalho inadvertido de que você está tomado de um desejo quase doentio de fornecer um serviço excepcional de atendimento ao consumidor ou de aumentar a eficiência operacional aperfeiçoando os processos internos e tornando mais efetiva a comunicação organizacional, se conseguir repetir babaquices estúpidas como essa sem cair na gargalhada, se seu histórico conferir e seu mijo cheirar bem — você poderá conseguir um EM-PRE-GO. Quem sabe você não vira o sujeito que aplica o exame ou que autoriza a apólice de seguros? Quem sabe você não vira o sujeito que ajuda alguma corporação global desnaturada a fazer um dinheirinho? Quem sabe você não recebe um afago por ter tido a brilhante idéia de mandar uma penca de outros rapazes para o olho da rua, terceirizando os empregos entediantes deles e entregando para gente de outro lugar, disposta a trabalhar mais e ganhar menos? Seja lá o que você faça, não importa o que as pessoas comentem, não importa a quantas atividades de formação de equipe você compareça, nem quantos cartões de aniversário receba da secretária de não-sei-das-quantas, você saberá que é só uma unidade de trabalho, completamente substituível, no grande esquema das coisas.

⁶⁴ Glaze, Lauren. “Correctional populations in the United States, 2009” [Populações carcerárias nos EUA, 2009]. Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics. NCJ 231681, dez. 2010. Web. 2 out. 2011. <http://bjs.ojp.usdoj.gov/index.cfm?ty=pbdetail&iid=2613>

Segundo o documento mencionado, em 2009 havia 3.911.300 homens sob “a supervisão da comunidade, quer em liberdade vigiada ou Condicional” e 2.086.400 homens “sob custódia, em prisões estaduais, prisões federais e cadeias locais”. A soma dos dois grupos dava 5.997.700 homens. Enquanto isso, no mesmo ano as Forças Armadas contavam 1.241.625 homens na ativa.

Nenhuma burocracia pervasiva nem corporação global jamais cairão de amores por você. Elas contam com dotações orçamentárias para seus setores de relações públicas e com departamentos de recursos humanos para proteger os interesses e os lucros delas. Não há um “nós”. Não cabe a uma entidade legal se importar se você vive ou morre, nem se você é feliz.

Se você for um bom rapaz, se vestir com esmero, tiver um EM-PRE-GO e souber dizer a coisa certa, quem sabe não acaba convencendo uma garota legal a permitir que você dê a ela um bebê e ajude a custeá-lo? Mas se essa não for sua praia, você pode gastar seu dinheiro enchendo a caveira ou ocupar seu tempo no esforço de conseguir trepar com o primeiro traseiro que mexer com sua imaginação. Afinal de contas, nesta sociedade masturbatória de bonobos, o sexo é social. Você desfrutará do “direito” arduamente conquistado de se esfregar em qualquer coisa que o faça sentir-se bem — contanto que siga as regras.

Se você for um bom rapaz, pode se enroscar na segurança uterina de seu apartamentinho de condomínio em estilo *soviete-nouveau*, com seus trastes confortáveis, e desfrutar de suas indulgências meticulosas, sua dieta *gourmet*, sua cerveja exclusiva. Pode ocupar o tempo procurando se adestrar na arte de reduzir suas emissões de carbono, ou fazer sua parte indo de *bike* para o trabalho, costurando displicentemente no meio de uma barragem de caminhões e de carros capazes de esmagá-lo por puro prazer. Quem sabe você não faça aulas e obtenha uma autorização, e, depois de outro funcionário confirmar que você é competente o bastante para merecer uma licença e a devida cobertura do seguro, não se habilite a fazer uma coisa fora do normal, tipo andar de moto? Quem sabe você não pague a alguém para deixá-lo disputar um jogo, ou participar de uma corrida, ou se meter num arnês de segurança e escalar pedras falsas? Caso contrário, nada impede que você assista a alguém fazer isso na TV. Quem sabe você não fique revoltado com alguma iniquidade ou injustiça à toa e participe de uma resistência pacífica? Quem sabe você não se convença de que está fazendo a diferença quando marca com outras pessoas de se encontrarem em algum lugar para dirigir gritos enraivecidos contra uma gente que não está nem aí? Se preferir, pode entrar na internet e dar largas a sua fúria confusa, impotente e vangloriosa assumindo a identidade daquele casca-grossa anônimo que vive em algum *blog* ou fórum. Ou pode só tocar um foda-se e gastar todo o dinheiro em *videogames* que proporcionem a sensação vicária de enfrentar hordas carniceiras de “outros”, cheios de agressividade. Você pode ficar obcecado com o time de futebol de seus sonhos. E não podemos esquecer dos *hobbies*. Você pode arranjar uma atividade inútil e inofensiva para passar o tempo. Jardinagem, talvez. Você pode formar uma banda ou mexer com carros. Virar um cinéfilo. Você pode pintar estatuetas de guerreiros. Você pode até vestir uma fantasia e jogar RPG na modalidade *live action*.

Seja lá o que você faça, arrume um jeito de se manter ocupado.

Não há nada de errado com essas coisas, todas elas são “divertidas”. E o que é “diversão”, se não dar uma masturbadinha em seu cérebro primitivo? Eu gosto de me “divertir”. Não há mal nenhum em se permitir um pouco de “diversão” — daí a gente chamar de “diversão”, em vez de alguma coisa extremamente grave, tipo “sobrevivência” ou “guerra”.

Mas se isso é tudo, se sua vida se resume a sair à cata de “diversão”, será que é o bastante?

Será que este patamar de civilização — toda esta paz e esta fartura — vale o que estamos pagando?

Por quanto tempo os homens se satisfarão em reviver e reinventar os dramas conflituosos do passado por meio de livros, filmes e jogos, sem esperança de passar por qualquer conflito significativo em suas próprias vidas? Quando será que nos cansaremos de ouvir histórias de grandes homens há muito falecidos?

Por quanto tempo os homens tolerarão esse estado de relativa desonra, sabendo que seus ancestrais eram mais fortes, mais resistentes, mais sabendo que essa força que herdaram continua viva neles, mas que seu próprio potencial para as virtudes masculinas, para a glória, para a honra, será desperdiçado?

Já sabemos como era o Código dos Homens.

Será que viver uma vida de bonobos foi só o que nos restou?

O que a vida tem de melhor?

*Dia após dia, após dia, após dia,
Imóveis as águas, imóvel o ar,
Quedamos inertes feito um navio
Pintado sobre u'a pintura do mar.*

— Samuel Taylor Coleridge, “A balada do velho marinheiro”

A Epopéia de Gilgamesh é uma das mais antigas obras conhecidas da literatura, produto de uma das mais antigas civilizações complexas. Ela conta a história de Gilgamesh, homem mortal dotado de uma força e de uma coragem inatas tremendas. Nenhum homem conseguia opor-lhe resistência, até uma deusa moldar um adversário que o igualasse. Chamado Enkidu, esse selvagem hirsuto de virtudes guerreiras “nada sabia das terras cultas”.

Amigo dos animais, Enkidu andava pelos campos ajudando-os, levando desgraça àqueles que preparavam armadilhas e aos que pastoreavam na região. Os homens contra ele. Enviaram uma prostituta nua para tentá-lo a ele sobre Gilgamesh e as maravilhas encontradas na cidade de Uruk, para que Enkidu partisse das colinas e de ameaçar o meio de vida local. Curioso, Enkidu um amigo que fosse seu igual, um outro homem que o entendesse — e seguiu a prostituta até as tendas dos pastores. Lá, ela vestiu Enkidu e o apresentou ao pão e ao vinho forte; juntou aos pastores, para quem caçou lobos e leões. Com Enkidu de protetor, os pastores prosperaram.

Um homem procurou Enkidu e lembrou-lhe de Gilgamesh e da cidade de Uruk, onde Gilgamesh andava se comportando feito tirano. Enkidu decidiu ir até a cidade e desafiá-lo. Os dois se enfrentaram, resfolegando, e despedaçando portas, e sacudindo os muros, iguais a dois touros. A medida que brigavam, foram nutrindo respeito um pelo outro, e decidiram se tornar amigos.

Na cidade, viveram juntos como irmãos; só que Gilgamesh, atormentado pelo próprio potencial desmedido, ansiava por fazer algo que fosse memorável. Enil, pai dos deuses, tinha conferido a ele “o poder de ligar e desligar, de ser as trevas e a luz da humanidade”. Enkidu reclamou a Gilgamesh que seus próprios braços tinham perdido a força, e que ele se sentia oprimido pelo ócio”. Para cumprirem seu destino, eles sabiam que tinham de deixar o conforto da cidade, sofrer e dar combate ao mal juntos. Gilgamesh suplicou ao deus Shamash:

“— Aqui, na cidade, o homem morre de coração oprimido, perece com o coração em desespero. Eu olhei por cima do muro e vi os corpos boiando no rio, e também essa será minha sina. A verdade é que sei que assim será, pois nem o mais alto dos homens consegue alcançar os céus, nem o maior deles consegue envolver a terra. Portanto, é para aquela terra que devo ir: uma vez que ainda não deixei meu nome gravado na pedra, como decretou o

destino, devo ir à terra de onde se extrai o cedro. Inscreverei meu nome onde se registra o nome de homens notáveis; e onde não se registrar o nome de homem algum, hei de erguer um monumento aos deuses.

“As lágrimas desceram por seu rosto, e ele disse:

“— Ai de mim, longa é a jornada que tenho de fazer à Terra de Humbaba. Se essa iniciativa não é para ser consumada, por que me instigaste, Shamash, com o impaciente desejo de cumpri-la?”⁶⁵

Se há uma “crise da masculinidade”, aí está ela; e o problema é tão antigo quanto a própria civilização.

A verdadeira “crise da masculinidade” é o esforço contínuo e sempre inconstante de se chegar a um acordo aceitável entre, de um lado, a masculinidade primitiva da gangue, que tem selecionado os homens no curso da história evolutiva dos seres humanos, e, de outro, o grau de moderação que se exige dos homens para que mantenham um nível de ordem conveniente em determinada civilização.

A vida civilizada e a tecnologia proporcionam aos homens muito benefícios. Pode ser que a vida simples, atribulada, de nossos primitivos ancestrais não tenha sido tão horrível, selvagem ou curta quanto acreditava Hobbes, mas seria tolice dizer que os homens não lucraram nada com as inovações na agricultura ou com a divisão do trabalho. Sem essas mudanças, não haveria as grandes obras de arte e literatura, não haveria as grandes edificações e monumentos, não haveria a imprensa escrita, nem laptop no qual eu pudesse digitar. Ao longo da História, incontáveis pessoas morreram de infecções que hoje em dia qualquer um conseguiria curar com remédios baratos, de venda livre. Desfrutamos de comida abundante e vinhos importados fortes, e, talvez o principal, temos um suprimento constante da mais límpida água potável. Eram coisas assim que os homens queriam milhares de anos atrás, quando conceberam a história da Epopéia de Gilgamesh.

Enkidu reclamou que tinha ficado fraco e que se sentia oprimido pelo ócio da vida civilizada.

Desde Gilgamesh, os homens sabem que a civilização tem um preço.

As virtudes masculinas são rústicas e transitórias. Em média, os machos são naturalmente mais fortes, têm uma tendência maior a assumir riscos e são dotados de maior impulso para controlar o mundo à volta deles, por meio do conhecimento técnico — mas todas essas aptidões precisam ser cultivadas.

Quando recebem nutrição imprópria e são usados com pouca frequência, os músculos atrofiam. O homem que nunca levar sua força ao limite nunca chegará a ter sequer um vislumbre de seu potencial físico — como pode atestar qualquer um que tenha obtido ganhos

⁶⁵ **The epic of Gilgamesh.** Trad. N. K. Sanders. Penguin Classics, ePenguin, 1973. 102. Impresso. Posição no texto 1483. Kindle.

de força substanciais por meio de treinamento físico. A força física é uma aptidão do tipo “usar ou largar”.

Assumir riscos pode ser uma tendência natural dos homens, mas a confiança e a segurança mais robustas que reconhecemos como coragem masculina é resultado de testes constantes. Dificilmente se tomará como coragem a fanfarronice de homens que nem foram testados; Hobbes dava a isso o nome de “vanglória”, em razão do fato de que uma confiança sólida induz à tentativa, ao passo que a simulação de poder não.” Ou, para usar as palavras de Tyler Durden, “O quanto você sabe de si mesmo, [se] nunca entrou numa briga?” Os homens de hoje não estão meramente sentindo falta de uma iniciação à masculinidade, como andaram sugerindo; eles estão sentindo falta de submeter sua força e sua coragem a provas significativas. Poucos deles chegarão a “conhecer a si mesmos” de verdade, como homens, do jeito que os antepassados deles se conheciam.

Assim também com suas habilidades: para que elas tenham mesmo serventia, é preciso dominá-las a fundo e praticá-las. O talento só vai trazê-lo até este ponto. Se você nunca for desafiado para valer e só o que lhe pedirem é que execute aqueles processos corporativos à prova de idiotas, para ganhar casa e comida, será que um dia vai estar motivado o bastante para dizer que está vivo, quanto mais que é um homem?

Mais adiante na Epopéia, depois de Gilgamesh matar o Touro dos Céus e derrotar o monstruoso Humbaba, morre Enkidu, seu companheiro. Perplexo, o herói tenta imaginar um jeito de enganar sua própria morte. Ele conhece uma jovem vinhateira, que lhe diz que não há como evitar a morte. Ela recomenda que ele encha a barriga de coisas boas, que dance e seja feliz, que festeje e se alegre; recomenda que ele cuide dos filhos e faça a felicidade da esposa, “pois essa também é a sina do homem”.

Essa *também* é a sina do homem.

Em períodos de e quando estão de barriga cheia e se sentem protegidas. As sempre aconselham os homens a abandonar as ocupações masculinas e o Código da Gangue, que é para poderem desfrutar dos prazeres seguros da vicariedade e fazer companhia a elas vida doméstica. Quando não há ameaça iminente, é sempre do interesse das mulheres aquietar os homens e convocá-los a ajudarem em casa, seja na criação dos filhos, seja nos consertos na cabana. Eis o Código das Mulheres.

Os homens também são gente. Não é minha intenção caracterizá-los como monstros desapiedados, que não se importam com nada que não seja sangue e glória. Os homens também amam, às vezes de um jeito até mais apaixonado e mais incondicional que as mulheres. Os homens podem ser ternos e incentivadores; qualquer homem que questione isso odeia o próprio pai. Os homens escrevem e contam histórias, e criam coisas de notável beleza. Tudo isso pode fazer parte de ser um homem.

Homens e mulheres têm muita coisa em comum, mas este livro não é sobre as coisas que tornam o homem mais humano, mas sobre as coisas que o tornam mais homem.

As feministas rejeitam a biologia e as idéias “obsoletas” que nós temos sobre masculinidade, argumentando que, se quisessem, os homens conseguiriam mudar. É verdade

que eles são dotados do livre arbítrio e que *conseguiriam* mudar, até certo ponto; mas os homens não são meras mulheres imperfeitas, os homens são indivíduos com interesses próprios, e não precisam que as mulheres lhes ensinem como serem homens. As mulheres não são guias espirituais abnegados, sem qualquer interesse nem motivação própria. Os homens sempre tiveram próprio código de conduta, o Código da Gangue, e sempre viveram num mundo à parte ao das mulheres.

“Os homens *conseguem* mudar?” é a pergunta errada.

Melhor seria perguntar: “Por que os homens *deveriam mudar?*” e “O que o sujeito comum tem a ganhar com esse acordo?”

Ao serem pressionados a responder a essas perguntas, as feministas e os ativistas dos direitos dos homens parece que nunca são capazes de argumentar de outra forma que não com promessas de maior segurança financeira e física, e liberdade de expor fraqueza e medo. Nunca se viu uma multidão de homens indo para as ruas exigir a liberdade de expor fraqueza e medo, nem eles nunca enfrentaram tiros ou machadadas pelo direito de chorar em público. Contudo, homens sem conta morreram defendendo os ideais de liberdade e de autodeterminação, defendendo a sobrevivência da honra de suas próprias tribos, defendendo o direito de formar suas próprias gangues.

Feministas, elite burocrática, homens abastados — todos levam alguma vantagem pessoal ao argumentarem a favor da passividade masculina, hoje largamente difundida. O Código da Gangue rompe com os sistemas estáveis, ameaça os interesses comerciais (e o prestígio social) dos abastados, leva perigo e incerteza às mulheres. Se os homens forem incapazes de conceber que tipo de futuro planejam, o que não falta é gente prontinha para determinar que tipo de futuro eles vão ter.

Vão ter uma jaula decorada.

Vão ter um Fleshlight[®],* um *laptop*, um console de *videogame*, um cubículo e uma prescrição intravenosa.

Vão ter alguns equipamentos novos fascinantes.

Vão ter alguma coisa ligeiramente *semelhante* a ser um homem.

As mulheres vão continuar a caçar deles — e com justiça.

Lionel Tiger escreveu que os homens “não se dão conta do que estão prestes a deixar de ter”.⁶⁶ O mundo está mudando, e os homens estão sendo convencidos de que o mais novo é sempre o melhor, de que as mudanças são inevitáveis, de que o futuro que feministas e globalistas desejam é incontornável. Os homens estão sendo convencidos de que esse futuro deles é lógico, é moral, é melhor, e de que é bom aprenderem a gostar dele. Mas esse novo mundo é melhor *para quem*, mesmo?

* Masturbador masculino em formato de vagina. (N. do T.)

⁶⁶ Tiger, Lionel. **The decline of males** (O declínio dos machos). Golden Books, 1999. 257. Impresso.

A macheza paga um preço pela civilização: o preço da selvageria, do risco, da rivalidade. O preço da força, da coragem, da destreza. O preço da honra. Quanto mais avançada a civilização, maior o tributo cobrado em virilidade e mais a macheza se vê tangida para novos redutos de vicariedade e abstração. A civilização exige que o homem abandone as gangues tribais e se sujeite à vontade da vasta gangue institucionalizada. A civilização globalista exige que ele abandone o discurso de gangue, que contrapõe *nós* e *eles*; que abandone a dimensão humana dos grupos identitários em favor da “tribo de um mundo só”. O mesmo tipo de homem que outrora reconheceu os próprios méritos aos olhos daqueles pares de quem ele dependia para sobreviver terá agora de se contentar com um número de “seguro social”, junto com as expressões manipulativas de satisfação exibidas pelos companheiros de ralação mal-paga. A civilização feminista exige que abandonem o patriarcado e a fraternidade que os homens conhecem desde o começo dos tempos. O futuro que tem sido arquitetado para nós não exige uma reforma da masculinidade; exige, sim, em última instância, o próprio fim da masculinidade e o abraço flácido da *peçoalidade*, que há muito é a receita das feministas para a antiga crise da masculinidade.

Este epílogo dos homens, este declínio dos machos, esta nova sociedade masturbatória de bonobos, plena de paz e fartura — esta verdadeira Terra de Ninguém — não é inevitável. Ela dependerá do consentimento tácito ou expresso de bilhões de homens. Como toda civilização, é sobre seus ombros que ela terá de ser erguida, e a maioria deles terá de concordar em obedecer e executar suas leis. Não dá para ter prisões sem guardas que vigiá-las, nem segurança sem algum tipo de polícia. Os homens terão de acordar de manhã e assumir seus postos de funcionários, e sorrir, e consumir, e continuar a se distrair segundo o regulamento. A civilização exige um contrato social, e os homens têm de fazer sua parte no acordo para que ele dê certo.

Esse futuro só vai se concretizar se os homens ajudarem a criá-lo.

Como disse no capítulo introdutório deste livro, os homens têm de escolher um rumo.

Para essa escolha, eles têm de se fazer a seguinte pergunta:

— **O que a vida tem de melhor?**

A “crise da masculinidade” propõe exatamente essa questão filosófica.

Se você concluir que a verdadeira felicidade dos homens reside na eliminação dos riscos, na saciedade da fome, na liberação do trabalho e na busca por “diversão”, nesse caso nosso futuro de bonobos deve ser um pouco parecido com uma Las Vegas Mundial.

Cheguei à conclusão de que a sina do homem é achar o equilíbrio entre o mundo do conforto doméstico e o mundo da rivalidade masculina. Os homens não podem ser homens — que dirá homens bons ou heróicos — a menos que suas ações tenham conseqüências significativas para aqueles com quem eles verdadeiramente se importam. A força física exige a reação a uma tensão oposta, a coragem exige a exposição ao risco, a destreza exige o trabalho árduo, a honra exige a disponibilidade para os outros homens. Sem essas coisas, não seremos muito mais que pirralhos brincando de ser homens — e não tem retiro de fim de semana,

nem mantra, nem rito de passagem meia-boca que mude isso. Para ser mais que um teatrinho, é preciso que o rito de passagem reflita uma mudança real de status e responsabilidade. Não tem masculinidade reformada de conveniência capaz de ter orgulho de si mesma enquanto a terra continuar sendo o túmulo de nossos ancestrais. Os homens têm de ter um trabalho que valha à pena ser feito, têm de ter algum senso de ação significativa. Não basta estar atarefado. Não basta ser alimentado e agasalhado, abrigado e resguardado, quando o que se oferece em troca é a autodeterminação. Os homens não são formigas, nem abelhas, nem *hamsters*. Não dá para montar um *habitat* de plástico e achar que é suficiente. Os homens precisam se sentir conectados a um grupo de homens, precisam de um senso do lugar que ocupam. Precisam de um senso de identidade que não se compra em *shopping*. Precisam de *nós* — e para ter *nós*, é preciso ter *eles*, também. Não somos adeptos da “tribo de um mundo só”. A vida toda fui um incrédulo, mas eu cairia de joelhos e entoaria louvores a qualquer deus que derrubasse esta Torre de Babel e espalhasse os homens pelo planeta, em um milhão de culturas, tribos e gangues, *viris* e concorrentes.

A honra, pelo que entendo da definição, exige esse tipo de “diversidade”.

Não digo isso por achar que eu, pessoalmente, me sairia melhor numa sociedade mais primitiva. Passei os últimos seis meses lendo e escrevendo, não me preparando para o apocalipse zumbi.

Para citar Guy Garcia, torço para os homens “arrancarem seus grilhões e, com eles, porem abaixo o templo inteiro”,⁶⁷ pois odeio imaginar que este seja um ponto final no Código dos Homens. Dos professores nas escolas à própria ONU, todos têm se precipitado em abolir os modelos “obsoletos” de masculinidade —mas sem nada melhor que pôr no lugar. Numa resenha do livro de Steven Pinker sobre a violência, James Q. Wilson menciona que a transformação real ocorre quando os homens se importam mais em ter dinheiro no banco que sangue nas mãos.⁶⁸ É uma tragédia pensar que o destino grandioso do homem heróico seja virar um homem econômico, ou que os homens acabarão reduzidos a criaturas pusilânimes, rastejando pelo globo na disputa por dinheiro, atravessando as noites na idealização de planos de como passar o outro para trás. Só que esse é o caminho que já estamos trilhando.

Que fim mais vergonhoso, mais ignóbil...

A Humanidade precisa ingressar numa Idade das Trevas por algumas centenas de anos, para refletir sobre o que tem feito.

⁶⁷ Garcia, Guy (7 out. 2008). The decline of men [O declínio dos homens] (p. 268). HarperCollins e-books. Kindle.

⁶⁸ Wilson, James Q. “Burying the hatchet” [Selando a paz]. The Wall Street Journal, 1 out. 2011. Web. 4 out. 2011. <http://online.wsj.com/article/SB10001424053111904332804576537813826824914.html>

Dêem início ao mundo

*“Prefiro não usar as palavras ‘Vamos dar um basta em alguma coisa.’
Prefiro dizer ‘Vamos dar início a alguma coisa, vamos dar início ao mundo.’”*

— Peter Fonda, 2011.

Não tem espora democrática que nos desvie do atual rumo para aquele proposto no Código dos Homens.

O Movimento pelos Direitos dos Homens busca a igualdade com as mulheres, daí apontar a mesma direção do feminismo, seu objetivo é desobrigar os homens de fazerem sacrifícios em nome delas; seu objetivo é que tanto homens quanto mulheres busquem a prosperidade individual, mas livres de obrigações de gênero especiais e papéis sexuais claramente definidos. A indignação que alimenta o Movimento pelos Direitos dos Homens vem da percepção de que as mulheres não têm jogado limpo; de que elas têm trapaceado; de que, tendo chance elas usarão da retórica da igualdade para distorcer as coisas em proveito próprio. Nesse ponto, os homens têm toda a razão: as mulheres estão redesenhando o mundo a sua própria imagem. É ingenuidade os homens acreditarem que as coisas possam ser diferentes.

O Código dos Homens determina o combate às ameaças externas e o combate a outros homens. Às vezes, os homens combatem por causa das mulheres, mas não se tem registro de já terem combatido as próprias mulheres. Durante os períodos de paz e fartura, sempre foi costume as mulheres seduzirem os homens e afastá-los da gangue volátil, fazê-los investir no esforço reprodutivo delas e incentivá-los a buscar refúgio e conforto na vida doméstica. O homem que vive em meio ao conforto é menos suscetível de correr riscos, e os guerreiros sempre souberam que conforto demais deixa os homens indolentes. Os homens não vão se insurgir e formar um grande comitê de ação política de combate à influência das mulheres. Para os homens de posses, atender aos interesses delas proporciona demasiados benefícios sociais e financeiros imediatos. Os políticos só vêem a necessidade de satisfazer uma população mais ativa política e socialmente, daí que continuarão empolgados em conquistar o voto feminino. As mulheres são mais bem-talhadas e mais bem-servidas pelo globalismo e o consumismo das modernas democracias, com suas promessas de segurança, sexo incondicional e compras. Em sua maioria, burocratas do sexo masculino não são uma gente em quem se possa confiar para ajudar outros homens que eles nem conhecem, se houver riscos políticos envolvidos. Também nesse caso, é ingenuidade os homens acreditarem que as coisas possam ser diferentes.

Outra interdição às mudanças sociais em prol dos homens é a realidade do globalismo. Nos EUA, somos condicionados a pensar nas corporações como o “Cara”, mas essa percepção das coisas é bem do século passado. Os barões ladrões e manda-chuvas de hoje

são figuras de proa na direção de empresas globais que, no essencial, independem deles para funcionar. Os poderosos presidentes e CEO costumam ser tão dispensáveis quanto os demais trabalhadores. Eles vêm e vão. Não existe “Cara” nenhum. Só o que existe é uma entidade legal multicéfala, de fins lucrativos, cujos funcionários fazem análises custo/benefício para aumentar os lucros e alavancar o próprio prestígio e o próprio salário, por via de regra de olho na geração de resultados imediatos de curto prazo. Esses funcionários não estão nem aí para o que acontecerá à empresa dali a dez anos, pois, se forem espertos e focados nas carreiras, pode ser que por essa época já estejam trabalhando para a concorrência. E não tem nada de “conspiração” nisso, são só pessoas cuidando de seus interesses imediatos. Se o departamento jurídico tiver receio de algum processo judicial, recorrerá aos recursos humanos para se prevenir, implementando políticas anti-sexistas ou anti-racistas, ou quem sabe até um programa acomodatório de ações afirmativas e relações públicas, que ofereça ajuda às partes em litígio.

Na maioria dos casos, é do interesse das empresas corporativas apoiar as políticas antissexistas (i.e., pró-feministas) e anti-racistas, uma vez que os conflitos de identidade podem custar caro e ser improdutivos. Para a corporação global, as pessoas não passam de unidades de trabalho intercambiáveis estimadas em valores diversos. A identidade sexual ou tribal é um estorvo, além responsabilizações civis. Só as identidades rarefeitas são vantajosas — como o tipo de música ou filme prediletos. Identidades rarefeitas são nichos de mercado, o do tipo nós contra eles e papéis sexuais diferentes problemáticos e embaraçosos. Mas não precisam acreditar em mim, que sou um sexista de direita. O anarquista de esquerda preferido dos EUA, o próprio Noam Chomsky, escreveu que “o capitalismo deseja, basicamente, que as como rodas dentadas intercambiáveis”, e que as diferenças entre elas “não costumam ser funcionais”.⁶⁹ Ele estava falando de raça, mas a lógica de seus comentários, de que as corporações vêem as pessoas exclusivamente como “consumidores e produtores” e de que “quaisquer outras características que porventura elas demonstrem são um tanto irrelevantes e, por via de regra, um estorvo”, pode ser aplicada às diferenças entre homens e mulheres. Sob a perspectiva utilitária da empresa global, a utopia feminista sem gêneros, de seres humanos que não são masculinos nem femininos, é mais eficaz. Não é de se crer que, amanhã ou depois, os bilhões de dólares que as corporações internacionais controlam sejam investidos em favor dos homens.

Digo tudo isto não para concluir que os ativistas dos Direitos dos Homens estão errados ou são inúteis, mas que só o que podem fazer é proceder a triagem e providenciar os primeiros socorros. Os defensores dos Direitos dos Homens estão capacitados a fazer coisas melhores a situação dos homens a curto prazo, por exemplo, trabalhar pela imparcialidade em ações de divórcio, em casos que envolvam custódia de filhos ou em processos por assédio

⁶⁹ Chomsky, Noam. **Understanding power**: the indispensable Chomsky. The New York Press, 2002. 88-89. Impresso. [Publicado no Brasil com o título de **Para entender o poder**: o melhor de Noam Chomsky.]

sexual. Eles podem chamar a atenção para as mentiras e distorções das feministas, e trabalhar para desacreditar aquelas “especialistas” em masculinidade que, entra ano, sai ano, só fazem trocar a roupagem e exibir como “ciência” a mesma e velha propaganda estereotipada dos anos 1970. Esse seria um belo trabalho; assim como aquilo que hoje em dia passa por conservadorismo, também ele serviria de freio para desacelerar a decadência que as feministas chamam de “progresso”.

Tomadas individualmente, as mulheres não podem ser culpadas de tudo que tem acontecido nestas últimas centenas de anos; com certeza elas não podem ser responsabilizadas pela Revolução Industrial, nem pelos trens, aviões e automóveis que tornaram possível o globalismo. Não se pode culpá-las individualmente pelo marxismo, nem pela pílula anticoncepcional, nem pela internet, nem pelos *shopping-centers*. Contudo, se as tomarmos coletivamente, é provável que pudéssemos responsabilizá-las por abominações como programas de *reality show*, por uma quantidade de música ruim e arte idem, e por tornarem as principais revistas quase impossíveis de ler, de tão mexeriqueiras e estúpidas. Mas se as tomarmos individualmente, à parte algumas líderes nominais, não seria justo culpá-las de muita coisa. As mulheres só estão agindo de acordo com sua natureza e distorcendo as coisas em seu próprio interesse, como sempre quiseram fazer e como os homens sempre as impediram de fazer, ao longo da maior parte da história da humanidade. Não é que os homens tenham sempre bancado os egoístas, historicamente falando. Tanto homens quanto mulheres são capazes de ser extremamente generosos e abnegados; mas num dia comum, primeiro cuidamos de nossos próprios interesses. E como funciona o Código das Pessoas.

Não é objetivo deste livro retratar as mulheres como megeras diabólicas. As mulheres são seres humanos ligeiramente diferentes dos homens, que, se tiverem chance, atenderão aos próprios interesses ligeiramente diferentes e seguirão seu rumo ligeiramente diferente. As mulheres não são o diabo, mas também não são anjos. Elas são o que são. Não importa o quanto algumas delas se sensibilizem com a situação dos homens modernos, as mulheres não abrirão mão daquilo que já têm enquanto acharem que vale à pena continuar tendo. Elas não sairão correndo às urnas de votação para se livrar de benefícios ou programas de apoio. Enquanto os estados lhes oferecerem paz e fartura, as mulheres e esses governos desmedidos continuarão a desfrutar de uma relação simbiótica. As mulheres podem até ser sensíveis, mas não são idiotas.

Qualquer retomada do Código dos Homens não será objeto de consenso político.

Além disso, duvido que os homens cheguem a impor seus interesses de gênero articulando uma revolução violenta. Não é realista. Não existe um bom argumento que justifique isso. Os homens não vão tingir as ruas de vermelho com seu próprio sangue por... ahn... o que exatamente eles iriam reivindicar? E nem adianta esperar que eles vão se insurgir

e invadir o Capitólio aos berros exigindo a rejeição da 19ª Emenda.”* Seria mais fácil se amotinarem em Washington pela rejeição da 16ª Emenda** e o fim do Imposto de Renda — uma causa à qual as mulheres também poderiam aderir — e tão cedo isso não vai acontecer. O mais perto que os homens chegaram disso em anos recentes foi com o movimento do Tea Party, que, apesar da história inicial da imprensa, que o tratou como uma turba de brancos furiosos, não demorou a ser cooptado por mulheres como Sarah Palin e Michelle Bachmann, que o acabaram transformando numa coisa mais parecida com um grande piquenique revivalista para mães de família armadas até os dentes.

Mesmo que os homens estivessem inclinados a se insurgir contra o Estado, na forma que ele hoje assume, acabariam perdendo antes mesmo de começar. O Estado é dotado da capacidade de procurar e identificar movimentos anti-estatais que planejem fazer uso da violência, e em inúmeras ocasiões reprimiu movimentos organizados de resistência armada. Os homens também não são burros. Esses movimentos organizados de resistência armada acabam em “autos de resistência” bem antes de conseguirem o dinheiro, a quantidade de gente ou a oportunidade necessária de se tornar uma ameaça viável. Aqui não é a África nem a América Central.

Mas e se fosse?

E se os EUA *fossem* um pouquinho mais parecidos com o México?

Trabalhei com um imigrante ilegal durante um tempo, e ele me dizia que, mesmo amando sua pátria e sua cultura, não queria criar a família num lugar sem lei nem ordem. Ele me contava histórias de policiais que ameaçavam os motoristas exigindo dinheiro, em vez de aplicarem uma multa. Quando visitei uma cidade na fronteira alguns anos atrás, fiquei impressionado ao constatar o quanto era indistinta a linha que separava os *Federales* de uma gangue. Não tinha essa de “policial amigo”. Os *Federales* eram um bando munido de rifles de assalto, com o evidente propósito de vigiar e intimidar. Quando recebiam um chamado, subiam na traseira de uma coisa parecida com uma Ford F-150, com um santantônio adaptado, e saíam a toda numa nuvem de poeira. Em outros lugares, não pareciam tão marrentos. Não é incomum ver policiais mexicanos usarem máscaras de esqui no trabalho, por medo da retaliação dos cartéis.⁷⁰

* “O direito de voto dos cidadãos dos EUA não será negado nem cerceado pelos EUA ou por qualquer de seus Estados em razão do sexo. O Congresso terá o poder de aplicar este artigo por meio de legislação apropriada.” (N. do T.)

** “O Congresso terá o poder de instituir e cobrar impostos sobre os rendimentos provenientes de qualquer fonte, sem a necessidade de rateio entre os diversos Estados e independentemente de qualquer recenseamento ou contagem da população.” (N. do T.)

⁷⁰ “Drug violence mars Mexico city” [Violência das drogas deixa marcas em cidade mexicana]. BBC News. Stephanie Gibbs, ed. BBC News, Cancún, 19 fev. 2009. Web. 4 out. 2011.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/7897345.stm>

Essa retaliação pode ser brutal, como num episódio na cidade fronteiriça de Guadalupe, quando uma chefe de polícia feminina foi dada como desaparecida perto do Natal de 2010.

“Erika Gandara tinha sido operadora de rádio no distrito policial da cidade de 9 mil habitantes, localizada um pouco mais além da fronteira dos EUA, a 1,6 quilômetro da região de Fabens, no estado do Texas. O chefe de polícia anterior tinha sido assassinado e decapitado, a cabeça tinha sido encontrada numa caixa térmica. Gandara, de 28 anos, solteira e sem filhos, foi a única a se candidatar ao emprego, que pagava um salário de 580 dólares mensais.

“Um policial foi morto durante a primeira semana de Gandara no emprego. À época em que ela se tornou delegada, todos os oito patrulheiros da força policial ou tinham sido executados, ou tinha fugido. Ela era a única agente responsável por aplicar as leis numa cidade do vale de Juarez, onde se desenrolava rotas de acesso ao território dos EUA.”⁷¹

Em setembro de 2011, a agência Reuters noticiou que a violência em Tijuana vinha cedendo, após anos de derramamento de sangue, em parte porque os cartéis tinham finalmente apaziguado uma guerra territorial e um deles tinha estabelecido o controle quase completo da área.⁷²

Se é para os homens reafirmarem seus interesses e retomarem o Código dos Homens, eles não vão fazer isso com um movimento democrático, nem com um movimento social, nem com um levante político armado. Eles vão fazer de um jeito bem mais parecido com o que *La Familia* vinha fazendo com o trabalho de John Eldredge. Vão fazer isso com gangues, naquelas partes do mundo onde o Estado tiver perdido poder e credibilidade. Vão retomar algumas idéias das tradições masculinas remanescentes e dar a elas um novo sentido, de modo a criar sua própria identidade singular, seu próprio *nós*.

Hoje desfrutamos de um nível de segurança (ou de medo, dependendo de qual lado da lei você está) que é muito, muito oneroso, e o território dos EUA é muito extenso. A qualidade do policiamento que temos hoje é resultado direto de nossa prosperidade e de nosso prestígio como uma das maiores potências mundiais. As polícias que temos são remuneradas, e, quanto menos dinheiro houver, menor a quantidade de policiais e maior a frustração e a corrupção deles. À medida que o poder do Estado se enfraquece, atores não estatais ganham

⁷¹ Harrigan, Steve. “America’s third war: as drug cartels continue stronghold, female Mexican police chief taken near Christmas still missing” [Terceira guerra das Américas: enquanto cartéis de drogas continuam inexpugnáveis, chefe de polícia mexicana capturada perto do Natal segue desaparecida]. FoxNews.com. Steve Harrigan, ed. 8 fev. 2011. Web. 4 out. 2011.

<http://www.foxnews.com/us/2011/02/08/americas-war-female-mexican-chief-police-missing-christmas>

⁷² “Violência em Tijuana diminui depois de cartel assumir controle”. Lizbeth Diaz, ed. Reuters, 5 set. 2011. Web. 4 out. 2011.

<http://www.reuters.com/article/2011/09/05/us-mexico-drugs-tijuana-idUSTRE7844EX20110905>

influência e espaço de manobra. Os EUA são bem maiores que a Coréia do Norte, e os EUA não são a China. Mao teve de matar mais de 40 milhões de chineses para que todos lessem pela mesma cartilha; isso para não falar dos que morreram em várias crises de penúria alimentar. Ao que parece, manter os soviéticos na linha custou a Stalin no *mínimo* 3 milhões de mortes; sua tirania deu origem aos *vory v zakone*, “bandidos dentro da lei”, que representam só uma pequena parcela dos sindicatos criminosos em atividade na moderna Rússia.⁷³ Há gangues criminosas em atividade em todos os EUA, principalmente nas regiões fronteiriças e guetos, onde o policiamento é inadequado ou considerado ilegítimo e tirânico — como acontece com muitos negros, para quem a polícia é intrinsecamente racista — e nas áreas com grande concentração de imigrantes ilegais, que se acham injustamente perseguidos. Para muita gente, o próprio Estado já é o “outro”.

No filme **Gran Torino**, o personagem de Clint Eastwood, Walt Kowalski, confessava ao padre Janovich que um de seus “pecados” era não ter pago o imposto sobre uma venda particular feita muitos anos antes. Dizia que aquilo era “o mesmo que roubar”. Esse é o país onde viveu o meu avô. Era assim que muita gente criada antes do conflito no Vietnã se sentia conectada à nação, à qual eram devotadas. Os EUA éramos nós, ou eram mais fieis a esse espírito; os EUA éramos “nós o povo”.

Na era pós-Vietnã, parece que um número cada vez maior de pessoa, tanto à esquerda quanto à direita, acha que o governo são “eles”. Quer se considerem democratas, republicanas ou independentes, em certo sentido; quer faturem 20 mil dólares ou 200 mil dólares por ano; a maioria das pessoas de hoje em dia não passa sem esmiuçar suas declarações de imposto de renda, na tentativa de achar um jeito de pagar menos. Poucos se permitiriam cogitar se não seria o caso de declararem o lucro obtido naquela venda pela *internet*. E se você disser que se trata de um dever cívico, é provável que o olhem com a mesma expressão com que olhariam uma Testemunha de Jeová. Não é incomum os pequenos comerciantes darem um jeito de “cortar caminho”, e muitos ficam satisfeitos em esconder seus rendimentos ou em contratar trabalhadores ilegalmente ou por baixo dos panos, para evitar pagar impostos ou ter de se entender com normas complicadas. Todo ano, bilhões de dólares em músicas e filmes piratas são baixados pelo cidadão comum dos EUA. Assim como fumar maconha — a mesma erva que os cartéis mexicanos estão traficando — essas coisas viraram práticas socialmente aceitáveis em quase todas as esferas da sociedade.

Os italianos têm um ditado para esses casos: “Tutti colpevoli, nessuno colpevole.”

Significa que, “Se todo o mundo é culpado, então ninguém tem culpa.”

Os EUA de Walt Kowalski já se foram há muito tempo.

⁷³ Schwirtz, Michael. “*Vory v zakone* has hallowed place in Russian criminal lore” [*Vory v zakone* têm lugar de honra em tradição criminosa da Rússia]. New York Times. S.l., 29 jul. 2008. Web 4 out. 2011.

<http://www.nytimes.com/2008/07/29/world/europe/29iht-moscow.4.14865004.html>

Os objetivos do globalismo e do nacionalismo são inconciliáveis. O globalismo vem arruinando nosso senso de identidade nacional, nossa conexão com o governo. A economia dos EUA está entregue nas mãos dos globalistas — todos os governos recentes promoveram e disseram coisas absurdamente ingênuas a respeito da magia da *economia globalizada* — e agora a economia é como um prato equilibrado numa vareta por um palhaço de circo. Existe um bocado de dinheiro sem valor circulando por aí, e não precisam muito fatores para agravar nosso declínio financeiro. Afinal, somos dependentes de tecnologia importada barata, comida importada barata, combustível importado barato. Um súbito aumento drástico nos preços de gasolina ou um grave desastre nacional poderiam facilmente transformar um lugar volátil, como o sul da Califórnia, numa praça de guerra. Os estados têm vendido para países estrangeiros suas próprias rodovias pedagiadas, em troca de injeções de dinheiro de curto prazo. Pessoas com menos de quarenta anos já começam a perceber que o dinheiro que pagam à Seguridade Social não estará lá — ou não valerá mais nada — à época em que chegarem à velhice. Pessoas que trabalham sabem que estão jogando dinheiro num buraco negro. Outras manipulam o sistema e pegam o que der para pegar. Sem crescimento econômico ininterrupto, os EUA não conseguirão cumprir com suas promessas de prosperidade e de segurança ininterruptas. À medida que a situação piorar e o Estado se mostrar impotente, incapaz de ajudar, cada vez menos legítimo parecerá. As pessoas não terão uma conexão moral com ele. As leis se parecerão cada vez mais com armadilhas de fazer dinheiro e crimes de coação. O Estado começará a parecer cada vez mais um extorsionário, e, assim como no México, as pessoas terão mais dificuldades para distinguir entre mocinhos e bandidos. Os *ossos* EUA se converterão nos EUA *deles*, e nossa balcanização começará desde dentro — se não oficialmente, então extra-oficialmente. É o que já está acontecendo.

O novo Código das Mulheres depende de prosperidade, segurança e globalismo.

Para que seja possível a restituição da honra e do Código dos Homens, assim como a eventual restauração do equilíbrio e da harmonia entre os sexos, será necessário o enfraquecimento de todos os três.

Um de meus livros prediletos é -o romance de ficção-científica **The wanting seed**, de Anthony Burgess, que conta a história de um futuro no qual, por causa da superpopulação, o Estado estimula a homossexualidade e a efeminação, e desestimula oficialmente as famílias reprodutivas. No livro, Burgess fala da teoria de uma história cíclica, que atravessa três fases: a *Pelfase*, a *Interfase* e a *Agosfase*. Na Agosfase, assim chamada em homenagem a Santo Agostinho, a humanidade é vista pelos olhos de um pai severo, convicto de que o homem é violento e indigno de confiança. Os homens só percebem uns nos outros aquilo que Peterson e Wrangham apelidaram de “demoníaco”, e quem aspira à ordem governa com mão-de-ferro. Depois de um período de segurança, as pessoas demonstram que são capazes de se comportar razoavelmente bem, e os homens passam a achar que elas não são assim tão más. Ocorre uma mudança de perspectiva na etapa da Pelfase — nome que homenageia São Pelágio — quando então os homens consideram uns aos outros não só intrinsecamente bons e pacíficos, mas também passíveis de aperfeiçoamento por meio do toque delicado e direcionador da reforma

social. No entanto, essa visão cor-de-rosa, onde o homem é um “nobre selvagem”, também não reflete sua natureza. Não dá para confiar sempre que ele sempre obedecerá às regras. Os homens manipulam o sistema e fazem o que lhes der na veneta, e o resultado disso é a desconfiança, a desordem e a desilusão. E quando, como diz Burgess:

“A frustração descortina um panorama de caos.”⁷⁴

Na fase intermediária do ciclo, chamada Interfase, imperam a violência, o caos e a tirania. E uma reviravolta e tanto, que dá início a outra Agosfase e, por fim, a uma nova Pelfase — e o ciclo continua.

Os homens não se imporão de forma decisiva por meio dos ajustes suplementares de um sistema pelagiano otimista, baseado na confortável negação da natureza humana. É no decurso da Interfase que os homens reafirmarão seus interesses. Quando os Estados se enfraquecem e ficam “vazios”, como acredita o futurista John Robb,⁷⁵ os homens impõem seus interesses retornando a sua forma social mais básica. Quando o ventre doloroso do Estado não puder providenciar os serviços ou a segurança que preservam a passividade e dependência dos homens, grupos localizados de homens dignos de confiança formarão círculos menores, para proteger e alavancar seus próprios interesses. Na presença de uma tirania enfraquecida e na ausência de um forte nacionalismo, os camponeses se juntam em volta de seus Robin Hoods e fundam novas tribos.

No caos que se segue à frustração, gangues de homens podem voltar a dar início ao mundo.

O futuro deles — i.e., o estado-babá mundial presente do berço à sepultura, a civilização global de gerentes e funcionários, a identidade rarefeita dos consumidores, a sociedade masturbatória de bonobos — começa a apresentar sinais de desgaste. O futuro deles é baseado em ilusões e mentiras insustentáveis a respeito da natureza humana. O *futuro* deles exige que muitos homens neguem os próprios interesses imediatos para atender a um “bem maior” abstrato, longe demais da dimensão humana. No mundo todo, o futuro concebido em **Jornada nas Estrelas**, que um dia foi considerado “inevitável”, começa a parecer improvável. A União Européia anda se debatendo, a economia global está titubeando e todo dia um número cada vez maior de pessoas começa a admitir que os EUA estão entrando num declínio do qual não vão se recuperar.

O futuro deles já está em queda, só precisa de um empurrãozinho.

Se quiser que as coisas se encaminhem de acordo com o Código dos Homens, dando início à Interfase, cause frustração.

⁷⁴ Burgess, Anthony. **The wanting seed**. W. W. Norton & Company, 1962. 19. Impresso. [Publicado no Brasil com o título de **Sementes malditas**.]

⁷⁵ Consulte no site de Robb, em <http://globalguerrillas.typepad.com/globalguerrillas>, os artigos e opiniões mais recentes sobre os “estados vazios” e a criação de “comunidades resilientes”.

Durante o ano de 2011, os manifestantes do “Occupy Wall Street” acamparam em praças públicas de todos os EUA. Estavam injuriados com alguma coisa, mas não sabiam exatamente com o quê. A mensagem que transmitiam era incoerente. Estavam desesperados. Queriam que o governo viesse em seu auxílio. Queriam que ele desse um jeito nas coisas. Queriam que ele desse um basta na ganância corporativa”, como se fosse possível exigir das corporações globais que a maximização dos lucros deixe de ser o motor de suas ações. Os “ocupantes” ainda acreditavam, com alguma dificuldade, no sonho de que o Estado era obrigado a atender à vontade do povo. Ainda queriam acreditar que o Estado se importava com suas reivindicações. Queriam acreditar que era desejo do Estado que fossem felizes. Estavam emocionalmente apegados à idéia de que o governo se importava, mas já suspeitavam de que a coisa não fosse bem assim.

O governo não se importa porque não tem como se importar. Assim como as corporações globais, também os estados extrapolaram a dimensão humana. Não existe um “homem” a quem se deva combater. Estados são instituições cujos objetivos, em última instância, são a sobrevivência, a perpetuação e a expansão.

Ao voltarem para casa, os manifestantes não tinham conseguido nada. Nada tinha mudado, embora alguns apresentadores de telejornal garantissem que eles tinham sido ouvidos.

As pessoas têm de parar de confiar no Estado para receber auxílio e orientação. Têm de ficar desiludidas e frustradas. Para que as coisas se encaminhem de uma maneira que, em última instância — mesmo que não imediatamente — seja melhor para os homens, é preciso seccionar por completo o vínculo emocional entre as pessoas e o Estado. Quando o corpo, que é o povo, se livra da cabeça, que é o soberano, sobrevém o caos. E é nesse caos que os homens se reencontram. Eles param de confiar no auxílio do Estado e passam a confiar uns nos outros. Unidos, os homens podem criar sistemas menores, mais compactos e mais localizados.

As pessoas dizem que querem um mundo mais racional, mas um mundo em descompasso com a natureza humana não tem como ser mais racional.

Os homens não estão ficando mais racionais.

Estão ficando mais fracos.

Estão ficando mais medrosos.

Estão abrindo mão de mais e mais controle.

Não existe um caminho moralmente superior.

A única saída para os homens é o Código da Gangue.

Como dar início a uma gangue

“Somente onde termina o estado, ali tem início o ser humano que não é supérfluo: ali tem início a canção da necessidade, a singular e inimitável melodia.”

— Friedrich Nietzsche, **Assim falou Zaratustra**.

É provável que uma eventual retomada do Código dos Homens ocorra em estados vazios, por meios extra-legais. As gangues se formam por necessidade ou para aproveitar as oportunidades. Elas terão mais força em áreas onde a influência do Estado é fraca, o que gera tanto a necessidade quanto a oportunidade. Além disso, as gangues são protoestados. Uma vez que os protoestados ameaçam o poder dos estados maiores já existentes, quando os homens formam protoestados para impor os próprios interesses, suas ações são proscritas pelos estados.

Não é minha intenção ensiná-los como dar início a um empreendimento criminoso.

Se de certo modo emprestei um caráter romântico às gangues, foi para expressar meu ponto de vista sobre a natureza dos homens, não porque sofra de algum delírio de que as modernas gangues sejam chefiadas por “mocinhos”, que roubam dos ricos para dar aos pobres. Tenho todos os motivos para acreditar que, hoje em dia, a vida numa gangue seria horrível, selvagem e curta. Tenho todos os motivos para acreditar que a vida numa gangue em atividade dentro de um Estado arruinado seria horrível, selvagem e curta. O que não faltam são evidências da brutalidade das gangues, das disputas internas, do tráfico humano, dos estupros e dos assassinatos cometidos quase que exclusivamente pelo prazer de cometê-los. Wrangham e Peterson tinham bons motivos para chamar de “demonismo” masculino ao impulso para participar de gangues.

A conclusão a que cheguei enquanto escrevia este livro foi a de que a gangue é o âmago da identidade masculina; também acho que ela é o âmago da identidade étnica, tribal, nacional. Como disse a escritora bell hooks, num contexto meio diferente, a cultura de gangue é “a essência da masculinidade patriarcal”.⁷⁶

Se quiser adotar o Código dos Homens, se quiser levar adiante a retomada da honra e das virtudes masculinas, se quiser se fortalecer contra um futuro incerto, dê início a uma gangue.

A honra exige um quadro de honra, um grupo de homens que partilhem valores semelhantes. A honra exige a possibilidade da desonra aos olhos daqueles seus pares cujo respeito lhe seja caro. Satisfazendo-se por completo às expectativas dos pares masculinos, o cultivo das virtudes masculinas é abreviado. E se você quiser se tornar resiliente à incerteza e ao caos, precisará de um círculo de homens em quem você confie e você possa depender.

⁷⁶ hooks, bell (16 mar. 2007). **We real cool** (Nós é demais) (p. 26). Taylor & Francis. Kindle.

É inevitável que alguns leitores respondam: “Minha esposa/namorada é do cacete: faz aulas de boxe, treina com armas, conserta carros. Ela é minha parceira.”

Tranquilo. Mas se sua estratégia para o futuro for se entocar com mamãezinha e os filhinhos, sua estratégia é uma bosta. Pouco importa que sua namorada tenha diploma de ninja: Ela não se compara a oito homens. Kill Bill não é um documentário. Uma mulher forte e habilidosa pode ter mais valor para você, numa crise, que uma *prima donna*, mas não dá para substituir os homens em sua vida. Mulher nenhuma pode tomar o lugar dos homens na vida de um homem.

Sob a ótica evolutiva, é até sadio as mulheres quererem assegurar o compromisso que você tiver assumido com elas e tentarem se colocar no centro de seu mundo. Não só elas vão querer estar envolvidas em tudo que você fizer, como também estarão de guarda contra aquilo que considerarem uma ameaça à segurança delas e a seu compromisso.

Há séculos que os homens negociam a “crise da masculinidade” — o cabo-de-guerra entre a domesticidade civilizada e a sedução da vida de gangue. Os homens precisam estabelecer fronteiras e reservar um tempo em suas vidas para os outros homens. É importante para seu senso de identidade, é importante para seu senso de segurança e de pertencimento, e é uma boa estratégia de sobrevivência. A razão parcial para nós estarmos onde estamos neste instante é que os homens deixaram de depender uns dos outros e passaram a depender do Estado. A unidade familiar não basta. Uma rede de apoio com dez pessoas é melhor que uma com duas.

Para que se tenha uma noção do que fazer para expandir essa rede de apoio e “dar início a uma gangue”, eis uma definição prática do que seja uma gangue de fato, com base na idéia de ligação entre os homens, de criação de uma identidade de grupo e de estabelecimento de um perímetro:

Gangue - Uma coalizão hierárquica de machos, ligados mutuamente e aliados na imposição de seus interesses contra forças externas.

Em essência, a gangue é uma identidade grupal masculina, é um *nós*. E o grupo de homens mais indicado para uma aliança contra *elas*.

Numa situação de emergência, é costume definir o nós pela proximidade. Você já viu esse filme. Um bando de personagens improváveis, juntos numa situação de impasse, em virtude de circunstâncias imprevistas, e obrigados a resolver suas diferenças e a aprender a depender uns dos outros. Há uma boa chance de você passar por uma situação como essa, só que depender da sorte não é uma estratégia interessante. Melhor é escolher sua equipe.

CRIEM UMA PROXIMIDADE

A internet é um ótimo filtro. É uma bela maneira de encontrar homens que partilhem alguns de seus valores. Contudo, os amigos que você fizer em fóruns de discussão e páginas

de relacionamento social, espalhados por todas as partes do mundo, não estarão a seu lado para ajudá-lo quando a merda proverbial vier a feder. Passe mais tempo em contato com homens geograficamente próximos. Havendo amigos íntimos na região, cogitem em se mudar para o mesmo condomínio ou em morar a uma distância de poucos quarteirões uns dos outros. Veja como as gangues de periferia têm início. Homens e garotos viveram e morreram para defender tribos cujo território media o equivalente a poucos quarteirões. A proximidade cria a familiaridade e uma identidade comum. Ela cria nós. Se dispersarmos nossas alianças por diferentes países e continentes, continuaremos dependentes do poder do Estado e da economia global. Os homens que vivem separados e não têm mais ninguém com quem contar são obrigados a contar com o Estado.

ESCOLHAM SEU NÓS

Uma série de fatores pode definir as fronteiras entre *nós* e *eles*. Se sua religião for importante para você, eis um bom lugar por onde começar. É provável que os mórmons, por exemplo, se organizassem numa gangue comunitária com relativa facilidade. Se sua herança étnica ou raça for algo de grande valor para você, como acontece muitas vezes com as gangues, então esse pode ser seu ponto de partida. A familiaridade e a semelhança facilitam o estabelecimento da confiança. E se as equipes desportivas costumam se sair muito bem ainda que formadas por jogadores das mais diferentes origens, é porque os homens já comprovaram que, com a introdução de um objetivo subordinante adequado — por exemplo, *sobreviver* — eles são capazes de deixar de lado todo tipo de diferença.

Mesmo seus pontos de vista sendo opostos, os homens podem se respeitar mutuamente e discutir de forma civilizada, mas quando se trata de formar um *nós*, o melhor é ter um grupo de homens que leiam na mesma cartilha, nas questões mais importantes.

Se depois de ler este livro você tiver decidido que deseja retomar o Código dos Homens, os homens de sua gangue terão de estar comprometidos em solapar a sociedade masturbatória globalistas, esvaziar o Estado e reviver a cultura da honra.

CRIEM UMA FRATERNIDADE

A gangue é uma fraternidade, composta de homens unidos por laços entre si. Isso posto, não saia de cara tentando bolar quais serão as cores ou o aperto de mão secreto que a identificarão. Esse tipo de fenômeno cultural masculino ocorre espontaneamente, como resultado de uma história e uma identidade comuns. Só organizações imensas, como as Forças Armadas, para ter sucesso em organizar um grupo com uma penca de homens e criar artificialmente uma gangue ou fraternidade. Também é possível que movimentos políticos consigam isso, mas se eles derem bandeira de que fazem oposição ao governo, sua visibilidade vai acabar chamando a atenção das autoridades.

Você não precisa de um grupo formal com carteirinha de sócio, nem precisa eleger presidente. Você precisa é de um tempo de olho no olho. Você pode estabelecer vínculos com outros homens on-line, mas só até certo ponto. No contato pessoal, não dá para as pessoas

dissimulem do mesmo jeito que conseguem on-line. Os homens pensam taticamente. Eles se protegem. Para começar a se familiarizar com um homem, você precisa de um tempo com ele; vocês precisam fazer coisas juntos, precisam cultivar a confiança. Não é de se esperar que um conhecido qualquer vá cobrir sua retaguarda se você se meter em encrenca. Uma amizade sólida é como qualquer outro tipo de relacionamento: exige concessões mútuas, exige um tempo e uma história.

Se você souber de uns caras com quem dê para manter contato e que, do ponto de vista filosófico, leiam mais ou menos na mesma cartilha, procure cavar um tempo para eles. Reserve um tempinho para escrever a tal história e cultivar a tal confiança. Até as mulheres que forem “iguais aos rapazes” exercerão um efeito inibidor no processo. Na presença de mulheres, os homens não são honestos uns com os outros do mesmo jeito que em sua ausência — e o estabelecimento da confiança exige honestidade. Os homens vão querer ter namoradas, e esposas, e famílias, e outras relações com as mulheres em sua vida, e não há mal nenhum nisso. Mas, como disse, não é de se esperar que homens que nem o conheçam o ajudem a passar por um período conturbado. Faça um esforço. Sair para comer e beber não é má idéia, mas faz mais sentido vocês planejem passeios com objetivos táticos. E preciso que vocês aprendam a se entender mutuamente e a trabalhar juntos em grupo. Vão para um *stand* de tiro. Vão caçar. Joguem *paintball*. Vão à academia. Façam aulas de artes marciais. Entrem numa equipe desportiva. Façam uma oficina. Desenvolvam uma habilidade útil. Consertem alguma coisa. Construam alguma coisa. Façam alguma coisa. Levantem a bunda da cadeira e *façam* alguma coisa.

Em períodos de maior dificuldade, os homens com quem você fizer esse tipo de coisa serão os primeiros a quem você pedirá ajuda. Eles serão sua gangue. Eles serão seu *nós*.

Encerro este livro com algumas pérolas de sabedoria viking relacionadas à amizade masculina, extraídas de **Os ditos de Hár**, também conhecido por **Hávamál**.

*Se amigo tendes a quem julgas fiel,
E desejas cativá-lo para ti:
Abra-lhe teu coração, não sonega teus regalos,
E faze por onde encontrá-lo amiúde.
Se amigo fiel encontraste para ti,
Faze por onde, então, encontrá-lo mui amiúde;
Não demora a cobrir-se de grama e arbustos
A trilha que por ninguém é trilhada.⁷⁷*

⁷⁷ **The Poetic Edda** [O Edda em versos]. Trad. Lee M. Hollander. 2 ed. University of Texas Press, 1962. 21, 32. Impresso.

Agradecimentos

Para escrever este livro, foram necessários sacrifícios consideráveis, de tempo, dinheiro e atenção; gostaria de agradecer a meu cômico compadre Lucio, pela lealdade e apoio. Há anos que eu e meu amigo vulcano, Trevor Blake, trocamos uma idéia a respeito de macheza, saboreando uns drinques e uns charutos, e suas páginas de anotações me proporcionaram vasto material de reflexão. Da primeira vez que achei que tinha concluído o livro, o escritor Scott Locklin me convenceu a refazer boa parte do conteúdo — por causa disso, **O Código dos Homens** saiu bem melhor. Queria agradecer também a Troy Chambers, Greg Johnson e Jef Costello, por suas valiosas anotações e sugestões. E também presto agradecimento a Brett McKay, por ter respondido a minha solicitação para uma entrevista; poucos homens dedicam tanto tempo quanto ele à reflexão sobre “A Arte da Macheza”.

Todos os homens que conheço exerceram alguma influência em minhas idéias sobre a masculinidade: meu pai, meus avôs, meus amigos — até aqueles que conheci de passagem ou com quem só interagi de vez em quando. Não há homem que não tenha o que dizer a respeito de ser um bom homem e de ser bom em ser homem. Queria agradecer a meus bons parceiros Jesse e Max, membros da alta patente em minha equipe de sobrevivência ao apocalipse, por suas perspectivas sobre “o que a vida tem de melhor” e pelos pontos mais detalhados sobre a psicologia alfa.

Muito obrigado também a Bill Prince e Richard Spencer, por seu interesse em meu trabalho e por ajudarem a aumentar o público de homens que viriam a contribuir para minhas idéias a respeito da masculinidade, por meio de comentários e sugestões.

Enquanto escrevia **O Código dos Homens**, consultei muitos livros e artigos, embora só tenha mencionado um punha deles. O livro **A world of gangs** [Um mundo de gangues], de John Hagedorn, exerceu uma influência particularmente significativa. E também o livro **Manliness**, de Harvey C. Mansfield, teve grande importância.

As idéias sobre macheza das quais discordo parcial ou integralmente são abordadas num livreto intitulado **No man’s land**, lançado on-line em fins de 2011. Os argumentos ali desenvolvidos tinham sido incluídos no primeiro esboço de **O Código dos Homens**, mas foram eliminados para o texto ficar mais leve, mais ligeiro e mais claro quanto a uma idéia em particular. Se este livro os deixar intrigados sobre como meu conceito de masculinidade se encaixa no debate mais amplo que hoje se trava a respeito do assunto, recomendo a leitura de **No man’s land** como complemento a **O Código dos homens**. No momento, vocês podem baixá-lo de graça em meu website: <http://www.jack-donovan.com/axis/no-mans-land/>.